

O FLUIR DE UMA ESCRITA HUMANISTA

Escrever prefácios de livros faz parte da atividade editorial que realizo. Portanto, quando Dario Ergas me pediu que escrevesse a introdução deste livro, pus-me a pensar e imediatamente me dei conta de que era uma tarefa difícil e ao mesmo tempo fascinante.

Este livro escapa das definições clássicas dos gêneros literários. Como não segue as regras habituais da narração, não é um romance. Apesar de que frequentemente inclui poemas, não se trata de um livro de poesia. Será, talvez, um ensaio do tipo antropológico ou filosófico que toca – como o título parece prometer – argumentos profundos? Ou é algo mais diretamente místico, como alguns “livros sagrados” que circulam nesta época? Apesar de que se aproxima mais destes últimos, não tem a forma que os caracteriza.

Então, de que se trata? Em nossa opinião, é um novo modo de escrever. Se precisarmos um pouco mais, não diremos que é exatamente a primeira expressão desta forma, por dois motivos: em primeiro lugar, porque o autor já escreveu outro livro, *Sentido del sinsentido*, no qual já havia começado a experimentar este modo de escrever; em segundo lugar, porque podemos encontrar alguns indícios da intenção que gera esta maneira de comunicação em algumas obras de Silo, como *Humanizar a Terra*, mas também em *Cartas a meus amigos*, onde esta passagem sobre o ser humano revela esse estilo de escrever: “Falemos, pois, da vida humana. Quando me observo, não do ponto de vista fisiológico, mas existencial, encontro-me em um mundo dado, não construído nem escolhido por mim. Encontro-me em situação com relação a fenômenos que, começando por meu próprio corpo, são

inevitáveis. (Silo, Cartas a mis amigos, Obras completas, Vol. I, p. 651).

O central dessa localização mental, dessa perspectiva, está na frase: “Quando me observo”, ou seja, quando me conecto com minhas vivências, minhas experiências. E esse é o ponto de partida de cada escrita humanista: começa na particularidade da própria experiência para depois comunicar algo que pode ter alcance universal.

Outra singularidade dessa forma de escrever tem a ver com a relação de respeito, de abertura, de proposta de diálogo verdadeiro com o leitor, como se fossem pares. Além disso, é uma escrita que não se considera acabada, pois o que quer dizer e comunicar não é absoluto e eterno, senão que sempre admite uma margem em que a interpretação do leitor pode surgir livremente e chegar a ser muito fecunda.

Finalmente, a intenção é compartilhar experiências e reflexões que possam servir no caminho de liberação que, sem dúvida, cada um de nós deve percorrer.

Olivier Turquet*

* Editor de autores do humanismo renascentista, do novo humanismo e dos direitos humanos. Criador e redator do Buone Nuove, Itália

INTRODUÇÃO

O sem-sentido tem me acompanhado e me incitado ao longo de toda minha vida.

Será que a vida, minha vida, tem verdadeiramente um sentido?

No escrito intitulado *Sentido do Sem-sentido**, tentei percorrer os estados mais sofredores da consciência, buscando sair dos labirintos obscuros que a aprisionam e desorientam. Nosso interesse era despojar-nos dos sofrimentos mais grosseiros para, em outro momento, poder fazer a pergunta fundamental sobre a vida e seu sentido, com autenticidade.

Neste novo trabalho, o objetivo está colocado não na reconciliação de temas pontuais, mas no acesso à experiência de Sentido.

Faremos a tentativa de dar uma guinada no modo de encarar a vida. Até agora, todo o caminho para vencer o sofrimento tem sido um penoso caminhar do sem-sentido, tentando nos afastar dele. Ao mesmo tempo em que nos afastávamos, sempre havia uma armadilha que nos devolvia aos abismos e, uma vez no fundo, tínhamos de empreender novamente a difícil tarefa de nos levantar para sair da escuridão da consciência em direção à luz.

Colocaremos-nos de um modo diferente frente a essa pergunta. Suporemos que a vida tem, sim, sentido e trataremos de chegar às intuições que nos facilitem essa experiência. Ou seja, se a vida tem sentido, e afirmando que realmente tem, deveria-

* Do mesmo autor, publicado por Virtual Ediciones, em 1988, em Santiago do Chile.

mos encontrar o modo de nos aproximar dele e compreender seu significado. Se, no caminho que percorrermos, depararmos-nos com experiências que afirmem essa hipótese, então afirmaremos a hipótese e, a partir daí, buscaremos nos aproximar do estado de sentido. Necessitamos de experiências, e não apenas de compreensões intelectuais, já que estas sempre cairão no campo do duvidoso e do discutível.

Se confirmarmos essa hipótese de trabalho, as consequências serão enormes. Não importa como estejamos nos sentindo nesse momento, não importa se o mundo está vindo abaixo, se alguma circunstância nos tem indignado, ou se a rotina asfixiante não nos permite parar um momento e refletir. Seja qual for a situação em que esta leitura te surpreenda, aceita a hipótese de que a vida realmente tem sentido, que não se esgota com a morte, que tudo tem significado.

Se existe algo verdadeiramente importante na vida e no humano, esse algo tem que se manifestar de alguma maneira e tem que haver um caminho para alcançar essa coisa grandiosa. Como nossa hipótese é que, sim, realmente isso existe, então vale a pena que busquemos como chegar lá. Também é válido que nos perguntemos por que – se existe algo tão enorme e verdadeiro que dá sentido à existência – é tão difícil de conhecer e explicar. Já sabemos aonde queremos chegar. Não sabemos como, nem sabemos exatamente a que chegaremos, mas, a partir dessa atitude, o ato de busca que vai sendo gerado em nós ganhará cada vez mais força.

Haverá algo no ser humano que não dependa do corpo? Ou somos apenas corpo?

Se existe algo que não dependa do corpo, que existe antes e depois do corpo, como conhecê-lo, como ter acesso a ele?

Se existe, tem que estar dando algum tipo de sinal e precisamos conhecer o modo de captar esse sinal. Se está dando sinal,

a consciência deve estar traduzindo isso de algum modo e isso deve estar se refletindo em alguma manifestação humana.

“Conhece-te a ti mesmo.” Nessa antiga frase do oráculo de Delfos, o que verdadeiramente me convida a conhecer? O que é que temos de conhecer para saber o futuro? Como conhecer a mim mesmo, se supostamente convivo comigo? Talvez o que foi dito pelo oráculo seja o mais importante de tudo. Talvez eu conviva com alguém que não conheço. Será que, junto a mim, há alguém muito importante chamado “ti mesmo”, “eu mesmo” ou “si mesmo” e que eu não conheço? Se existe algo em mim que não morre, essencial, que está antes e depois do corpo, seria muito interessante conhecê-lo. Querido “ti mesmo”, aqui vamos nós.



Quando falamos de Sentido, estamos utilizando o termo em pelo menos duas acepções. Como “significado”, a vida, para além de sua mecânica evolutiva ou para além de ser um parêntese do nada, tem um significado. Também estamos utilizando o termo em sua acepção de “direção”: a vida tem uma direção, vai em direção a um lugar preciso e vem de um lugar preciso. Perguntar pelo sentido é perguntar pelo significado e pela direção.

Se a vida tem sentido, o humano não é um acidente da vida. Costumamos ver o humano como produto da evolução. A vida evolui, torna-se cada vez mais complexa, gera a consciência e supomos que o humano e a consciência são quase o mesmo. Será que é assim?

Quando o humano se tornou presente? Quando o hominídeo se levantou em dois pés? Ou já estava presente muito antes?

Talvez o humano estivesse na origem, acompanhando a vida. Que o humano seja o que foi abrindo caminho até chegar à consciência. O humano, uma chispa de liberdade que acompanha a vida desde sua origem e que se incendiou em algum tipo de macaco

há milhões de anos e o despertou de seu sono animal. O humano, que abre caminho através da consciência e continuará despertando, até realizar-se totalmente no mundo.



Costumamos ter objetivos e nos movemos em direção a eles para cumpri-los. Através de metas e objetivos, confundimos esse modo de ação com o sentido. Parece que nossa vida tem sentido por causa da tarefa que nos propusemos. Essa tarefa pode tomar pouco tempo ou muitos anos. Quando a cumprimos ou esgotamos, realizamos o sentido da vida? Porque a vida, depois da meta, continua. Não morremos quando cumprimos nossos objetivos. A coisa segue e buscaremos algo que nos dê sentido, mas qual é o sentido, então, o que se inventa? Além disso, se tudo o que podemos imaginar tem um tempo para ser realizado e esse tempo acaba com a morte, sem importar a que distância do objetivo nos encontramos, não poderemos realizá-lo depois de mortos. E, se a coisa continua depois da morte, se realmente a coisa continua depois da morte, teremos algum objetivo ou alguma meta?

Estamos acostumados a nos mover em pequenos tempos e acreditar que o sentido são esses objetivos que nos propomos ao longo do caminho. Supomos que o objetivo será cumprido, mais ou menos simultaneamente, ao final do caminho. Entretanto, se o caminho não tem fim, como se percorre um caminho sem fim? Como se percorre um caminho que não termina, cuja essência está em ser caminho? Um longo caminho para casa, o lar. Não importam as dificuldades, nem as zonas de melancolia, nem os desvios, é um longo caminho para casa. Chego à casa e o lar se desvanece como miragem e vejo, novamente, um longo caminho.

Foi a partir da Mensagem de Silo, que ele lançou no fim de 2001, dos trabalhos com a Força que são explicados ali e da meditação sobre “O Caminho”, que fui mudando o modo de

enfocar a realidade. Intuí que podia olhar a vida a partir do Sem-sentido e penosamente tentar sair dele ou podia olhar a vida a partir do Sentido e superar as dificuldades que entorpeciam o encontro com essa experiência.

Vou te escrever bem de dentro de mim.

Não fujas de minhas palavras tão rápido.

Não fujas se te assustam, não fujas se te queimam.

Não consideres que o que te digo já sabes.

Abrirei meu coração e não há duas formas que se assemelhem.

Segue minhas palavras, escuta minhas palavras em ti mesmo, sente-as.

Viajarei o mais longe que puder para me aproximar de ti.

Irei até onde poucos se atrevem a chegar, para chegar a ti.



A ÉPOCA*

O transcorrer. Desilusão no Ocidente.

Direção ou sentido da História.

Por que é tão difícil experimentar sentido na vida?

Porque você é a época, e a época está marcada pela desilusão.

Você sente o que a época sente, sonha com o que a época sonha e crê no que a época crê.

Sua geração viaja contigo pelo devir. Você é um momento do tempo entre seus pais e seus filhos, entre seus pais e os que serão seus filhos. Uma onda da existência que se desloca até se desfazer em um espasmo de realidade.

Quando amanhece na História, o sol ilumina com seus primeiros raios da manhã e, ao ver sua silhueta no alvorecer, o Ser é experimentado, é sentido e previmos a alegria de sua expressão no transcorrer.

Quando a História chega a seu meio-dia, o sol está sobre nossas cabeças e já não podemos vê-lo. Sabemos que está ali, o Ser ocupa todo o espaço, mas os olhos ficam cegos se o olham de frente. Precisamos captá-lo, explicá-lo, chegar a ele através das sombras que sua luz gera ao se chocar conosco, com o humano.

No poente, voltamos a ver a silhueta do sol, que se apaga no mar, e a noite nasce. Vemos o entardecer com o olhar da nostalgia, com o olhar do que poderia ter sido e não foi e não será. Os últimos raios de sol esfriam a alma.

Já faz algum tempo que os últimos raios de sol se ocultaram

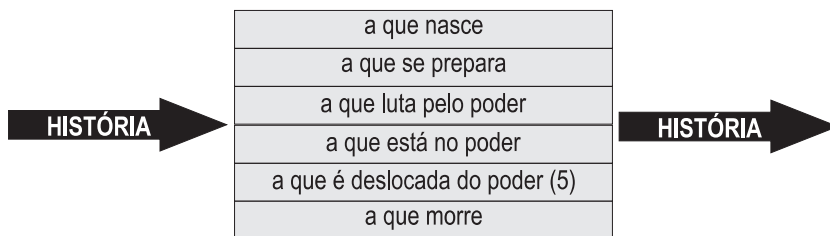
* Baseado no trabalho realizado com Francisco Ruiz-Tagle para a comissão de Futuríveis da Assembleia do Movimento Humanista, no final de 2001.

para o Ocidente. A noite faz-se presente, escondendo o significado, fazendo esquecer a pergunta sobre o ser.

O TRANSCORRER

A História é um contínuo produzido pelas gerações que vão lutando pelo poder e vão substituindo umas às outras. Quando a geração no poder envelhece e vai morrendo, outros mais jovens a substituem e outros, ainda mais jovens, lutam com aqueles que estão no poder. Falamos de momento histórico para captar esse contínuo e tentar compreender de onde viemos e para onde vamos. O momento histórico é uma abstração em que se fotografa um instante do tempo. Nele convivem e atuam diversas gerações: a que nasce (1), a que se prepara (2), a que luta pelo poder (3), a que está no poder (4), a que é deslocada do poder (5), a que morre (6).

Momento histórico



Várias gerações formam o Momento Histórico. Vários Momentos Históricos formam uma Época. Várias épocas, uma Idade. Ortega* nos ensina que podemos distinguir três idades em uma civilização: a Idade Tradicionalista, a Idade Racionalista e a Idade Desilusionada.

* "Historia como sistema" José Ortega Y Gasset (Editorial SARPE, 1984, Madrid)

"Sobre la razón histórica" José Ortega Y Gasset (Alianza Editorial, 1980, Madrid)

A primeira idade, da Tradição, está caracterizada por seu apego a uma verdade revelada. A vida gravita em torno da religião, de deus, seus mandamentos e sua igreja. O futuro ansiado é um “passado perdido”. No nascimento das civilizações, podemos notar a conexão com uma fonte doadora de sentido. Uma nova civilização é uma nova espiritualidade que começa a expressar sua criatividade no mundo dos homens.

A segunda idade é a da Razão, através da qual se espera chegar ao mundo das utopias. Criam-se as grandes ideias e se pretende que a realidade se ajuste a elas através das revoluções. O futuro é pensado e construído através da revolução. O olhar está colocado no futuro. A ciência e a técnica, ambas produtos da razão, são as ferramentas para transformar o mundo.

A última idade é a da Desilusão, em que, nem a tradição, nem a razão puderam nos aproximar do mundo querido, da felicidade e da liberdade. A alma se desilusiona e perde a esperança no futuro. A consciência começa a olhar para o céu em busca de algo mágico que a comova de sua solidão. Eis aqui a descrição que Ortega faz no epílogo de *Ocaso das revoluções** para descrever esta Idade Desilusionada:

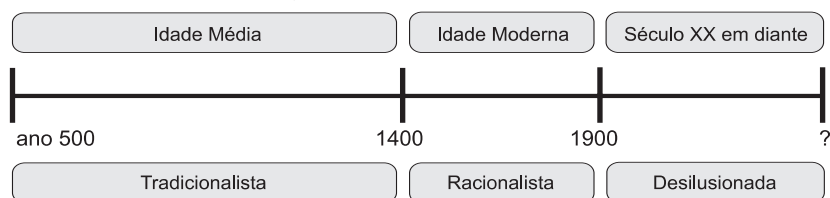
“Ao fracassar em sua tentativa idealista, o ser humano fica completamente desmoralizado. Perde toda fé e já não crê nem na tradição, nem na razão, nem na coletividade, nem no indivíduo. Seus recursos vitais se afrouxam porque, definitivamente, são as crenças que abrigamos que nos mantêm tensos. Não conserva esforço suficiente para sustentar uma atitude digna diante do mistério da vida e do universo. Começa o reinado da covardia – um fenômeno estranho que produz o mesmo na Grécia e em Roma e ainda não foi adequada-

* “El ocaso de las revoluciones” José Ortega y Gasset (apêndice de El tema de nuestro tiempo - Editorial Espasa Calpe, Impresa en Argentina, 1939. página 99)

mente destacado. O valor se transforma em uma qualidade insólita que só alguns possuem. A valentia se torna profissão, e seus profissionais compõem a soldadesca que se levanta contra todo poder público e oprime estupidamente o restante do corpo social. Essa covardia geral germina nos mais delicados e íntimos interstícios da alma. Somos covardes ante tudo. O raio e o trovão voltam a espantar como nos tempos mais primitivos. Ninguém confia em triunfar sobre as dificuldades por meio do próprio vigor. Sente-se a vida como um terrível acaso em que o homem depende de vontades misteriosas, latentes, que operam segundo os caprichos mais pueris. A alma envilecida não é capaz de oferecer resistência ao destino e busca nas práticas supersticiosas os meios para subornar essas vontades ocultas. Os ritos mais absurdos atraem a adesão das massas. Em Roma, instalam-se pujantes todas as monstruosas divindades da Ásia, que dois séculos antes haviam sido dignamente desdenhadas. Em suma: o espírito, incapaz de se manter em pé por si próprio, busca uma tábua de salvação do naufrágio e perscruta a seu redor, com o olhar humilde de um cão, alguém que o ampare. A alma supersticiosa é, de fato, um cão que busca um amo. Já ninguém se lembra sequer dos gestos nobres do orgulho, e o imperativo de liberdade, que ressoou durante séculos, já não encontra a menor compreensão. Ao contrário, o ser humano sente um incrível afã de servidão. Quer servir diante de tudo: a outro homem, a um imperador, a um bruxo, a um ídolo. Qualquer coisa é melhor do que sentir o terror de afrontar solitário, com o próprio peito, os embates da existência. Talvez o nome que melhor enquadre o espírito que se inicia por trás do poente das revoluções seja o de espírito servil.”

A duração desses períodos não tem uma cronologia exata, devido às variações na aceleração do *tempo* histórico. O aumento dessa aceleração significa que os valores e crenças de uma época necessitam de cada vez menos gerações para se consolidar e se desgastar. A Idade Média, por exemplo, Idade Tradicionalista do Ocidente, teve uma duração de cerca de mil anos. A Idade Racionalista, ao contrário, somente 300. A idade atual, a Desilusionada, certamente levará bem menos de 300 anos para se completar, dada a velocidade com que hoje se criam e se desgastam os usos, os costumes, os valores e as crenças.

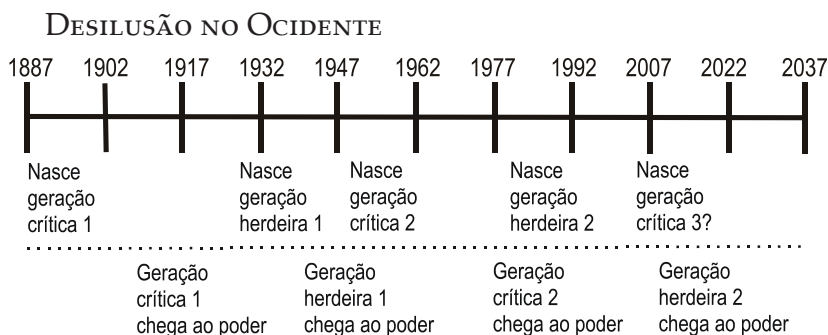
IDADES TRADICIONALISTA, RACIONALISTA E DESILUSIONADA NO OCIDENTE



Há uma geração crítica que marca a mudança de época. É aquela que nasce em um momento em que os usos e costumes da sociedade passam a perder vigência e caem em desuso; ou seja, os valores ou crenças da época se encontram em crise. É uma geração em busca de novas respostas; ela formula as perguntas, mas suas respostas não se encontram ou ainda não se instalaram na paisagem social. A geração crítica se expressa 30 a 40 anos depois de seu nascimento, quando chega ao poder (poder no sentido amplo, não apenas político). Sua paisagem de formação é a busca de algo que ainda não se sabe bem o que é.

Uma geração herdeira nasce quando se instalaram na paisagem os novos usos e costumes da época. É aquela que encontra ou herda as respostas que a geração crítica buscava, é a que formula esse algo novo que aquela não conseguiu vislumbrar.

A amplitude de uma geração – ou seja, o ciclo durante o qual atua até instalar-se no poder – pode ser estabelecido em torno de 15 anos.



A geração no poder está formada em “uma paisagem social e histórica” de cerca de 30 ou 40 anos antes do momento em que chega ao poder. Este ponto é de importância capital, já que a dinâmica histórica vai sendo produzida pela disputa entre as diferentes paisagens de formação. A geração no poder é sempre conservadora e tenta impor uma paisagem de um mundo que já não existe. A geração que luta pelo poder muda o cenário social nessa tentativa e, quando chega ao poder, volta a tentar impor sua paisagem, que também deixou de existir. Estamos falando do tempo social em movimento. A distância entre os valores e crenças da paisagem de formação de uma geração e os valores do mundo que lhe corresponde no momento em que ocupa o centro social hoje é tão grande que a aceleração do tempo histórico pode ganhar um ritmo imprevisível.

Hoje nos aproximamos do fim da Idade Desilusionada. A tendência à concentração de poder e riqueza e à desestruturação das velhas instituições que impõem freio ao capital global, finalmente, desembocará na última época da Idade Desilusionada da civilização ocidental: o império mundial.

Quando elaboramos esse ensaio, no início de 2001, tudo indicava que a cultura ocidental seria aquela chamada a se constituir em primeiro Império Mundial. Ainda que distintas culturas convivam com a ocidental (China, Índia, Japão, Islã, Indo-americanas), é o Ocidente que hoje tem o poder político, econômico e militar para avançar sobre todas as demais. Durante a Idade Tradicionalista e a Idade Racionalista, o centro da civilização ocidental foi a Europa. Hoje, na Idade da Desilusão, o centro de poder se deslocou para os Estados Unidos - um povo novo, quase sem história, que se apoderou plenamente da técnica (invenção europeia) e nela baseia sua ação e poder.

No entanto, depois de terem-se passado apenas três anos da redação desse estudo, observando as reações aos ataques terroristas em Nova Iorque, tendo ocorrido a invasão americana no Iraque, o crescimento da Comunidade Europeia em direção aos países do leste, o espetacular desenvolvimento econômico da China, a proliferação do poder nuclear em diversas zonas, parece estar se afastando para esse país a possibilidade de se transformar em epicentro do império mundial. É possível que esse fenômeno de concentração esteja ocorrendo multipolarmente, em diferentes regiões do planeta, tendo como centro, além dos Estados Unidos, a Europa, a Rússia, a China e a Índia. Além disso, o Islã, convulsionado pela agressão ocidental, assentado não apenas na África, mas também na Europa e na Ásia, poderia se transformar também em um polo de poder neste novo cenário mundial.

O começo da Idade Desilusionada no Ocidente pode ser reconhecido no surgimento do nazismo, do stalinismo e na destruição de Hiroshima e Nagasaki. Estamos falando da geração de Hitler, Stalin e Truman, mas também de Ortega, Heidegger, Sartre, Picasso. Como data de referência, podemos fixar o começo da Desilusão em 1887, já que nesse momento nascia a

geração que chegara ao poder para a Segunda Guerra Mundial. Nessa data, Ortega tinha 4 anos e Hitler, 3 – estamos falando do final do século XIX.

O fracasso da Razão (Idade Racionalista) é visível com as ideologias irracionais que ocupam o cenário social no início do século XX, que terminam desencadeando a guerra mais monstruosa de todo o período histórico. Por outro lado, a razão físico-matemática produz o perigo de extinção da raça humana, e a filosofia se detém na fenomenologia, no existencialismo e na razão histórica. A partir desse momento, a filosofia começou a decair e foi perdendo a visão de processo até praticamente desaparecer.

Quando na Europa já havia passado a idade das revoluções, na América Latina apenas começava. O mundo ainda não estava sintonizado, nem globalizado. No “novo mundo” (América), a revolução cubana e a teologia da libertação são ecos de uma época que já havia morrido. Nota-se no guerrilheirismo dos anos 60 um romanticismo irracional próprio da Desilusão. Reconhecemos a mudança dessa época com a expressão simultânea em diversas latitudes do fenómeno juvenil da década de 60 e com a chegada do primeiro homem à Lua. Começa a época que se conhece como “globalização”.

Podemos distinguir como a “globalização” se expressa com clareza na década de 80. É a época da expansão da Desilusão. A consciência se torna pragmática, voltada para o curto prazo, anti-histórica. A tecnologia de comunicações une todos os pontos do planeta. O dinheiro se transforma em valor e verdade. A tecnologia se desenvolve em todo seu esplendor. No final da década de 80, cai a União Soviética, termina a bipolaridade que dominava o cenário mundial no pós-guerra e começa, já sem contrapeso, o caminho em direção ao primeiro império mundial. A década de 90 é um momento maduro da globalização. A

consciência desilusionada (pragmática) está em sua plenitude: “o fim da História”.

A geração nascida entre 1950 e 1965 é a chamada nova direita ou nova esquerda. É a geração da pílula anticoncepcional, da luta contra a moral estabelecida, da imaginação ao poder, que desloca a geração formada no seio da Segunda Guerra. Se o pragmatismo ocupa a cena social no momento de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, com a geração seguinte no poder, tal fenômeno se expande e se consolida. Os membros dessa geração (nascida entre 1950 e 1965) são uma espécie de livres pensadores pragmáticos desestruturados, sem um sistema de pensamento que os sustente, nem pela direita, nem pela esquerda. Tomarão decisões de curtíssimo prazo. Seu horizonte nem sequer é seu tempo vital, é “seu período parlamentar” ou seu “período gerencial”. O mundo experimentará o perigo.

Gerações do Momento Histórico em 2001

GERAÇÃO	PERÍODO	MOMENTO
A que nasce	1996-2010	
A que se prepara	1981-1995	Internet
A que luta	1966-1980	Globalização
A que está no poder	1951-1965	Pós-guerra
A deslocada	1935-1950	Totalitarismos

A esta geração no poder se opõe a que nasceu nos anos 70 e, ainda com maior clareza, a que nasceu nos anos 80, que recebem como paisagem de formação a plenitude da globalização, que para elas é como um “dado da natureza”. Essas gerações pressionarão por governos regionais, por acordos inter-regionais,

por instituições globais, por tecnologias de controle global. Como sabemos, tratará de impor sua paisagem de formação. Porém, nesse momento, no corpo social, os valores, usos e costumes estarão se deslocando. Em que direção? Provavelmente, em direção a uma militarização crescente e à aceitação do poder imperial.

DIREÇÃO OU SENTIDO DA HISTÓRIA

As civilizações são tentativas de um conjunto de povos de traduzir o Ser no mundo.

Desde o princípio, o esforço humano tem sido transformar-se para ganhar consciência e ganhar liberdade.

A História é a história de como o humano foi ganhando espaço, vencendo a natureza e a animalidade que o condiciona e aprisiona.

As civilizações têm início quando o ser humano toma contato com uma verdade profunda, uma revelação do ser. Iniciam seu processo para traduzir essa verdade revelada na construção social.

Todas as civilizações, a princípio separadas umas das outras, foram fracassando em seu projeto, mas em seu processo foram confluindo, aproximando-se e constituindo uma sociedade global em que todos os rincões do planeta se encontram unidos e comunicados. Hoje, estamos próximos ao fracasso do Ocidente, a última das civilizações primitivas. Estamos a um passo de que alcance seu estado de Império e comece seu declínio.

O fracasso do Ocidente é, ao mesmo tempo, o prelúdio da erupção de uma nova revelação do ser para a consciência desilusionada. A primeira civilização planetária fará seu intento na História para realizar a sociedade verdadeiramente humana, a nação universal.

O movimento das gerações é o que constrói a História. A geração que chega ao poder tenta expressar na sociedade os valores e crenças a ela arraigados em sua infância e juventude.

É muito provável que estejamos próximos da aparição de uma nova geração crítica que marcará a mudança de época e que buscará sair do desespero e do sem-sentido. Não sabemos com precisão se essa geração está por aparecer ou já apareceu. De qualquer forma, este acontecimento coloca uma urgência para instalar na paisagem social a possibilidade da civilização planetária e o ideal de uma nação humana e universal, ideais que podem servir como faróis orientadores na irrupção dessa geração crítica à qual caberá expressar-se durante o declínio definitivo do Ocidente.

A possibilidade da civilização planetária é a paisagem que temos de presentear à geração crítica que está amanhecendo ou pronta para amanhecer.



A EXTERNALIDADE

A identificação. A materialidade. O corpo. O eu. Sonho e realidade.

*Jazem aqui os que acreditaram certo,
com Epicuro e todos os seus sequazes,
que a alma morre com o corpo morto.*

(Sexto Círculo do Inferno de Dante)

A IDENTIFICAÇÃO

Por que é tão difícil experimentar sentido na vida?

Porque você está aderido à externalidade. Seu ser adere aos estímulos e às circunstâncias e se funde a eles. Então, você já não é, você é a coisa, o estímulo, a circunstância.

Por acaso, você tem estado perdido?

Por acaso, você se escondeu na cotidianidade para não ser descoberto?

Por acaso, você nunca se sentiu um estranho que perambula pelo mundo sem saber o que faz aqui e para onde vai?

Olha a seu redor e todos parecem saber algo que você desconhece. Os outros não se sentem estranhos, nem se escondem, nem temem. Não têm esse medo de viver que às vezes o possui.

Caminho pela neblina de minha vida, dirijo-me aos únicos lugares que consigo divisar. Lugares que me indicam os outros que parecem saber se mover na bruma. Apego-me a eles, acreditando que isso é minha vida. Em uma neblina tão densa, apenas reparo em quem está ao redor. Caminho pela névoa e tudo se desvanece e, em determinado momento, apenas o vapor

espesso me envolve. Um calafrio me percorre, caminho às apalpadelas e não vejo nada que sustente meu olhar, nada que firme meu andar, o medo se transforma em asfixia, o pânico me torna seu prisioneiro, corro, tentando fugir. Finalmente, algo vem ao meu encontro. Apego-me, submeto-o, creio que essa é minha vida, não soltarei, não soltarei. Assim estava eu na espessa bruma, agarrando-me a qualquer coisa que atenuasse meu terror. Minhas mãos, como garras, prendiam-se àquelas coisas em que tropeçava em meio à névoa. Minha família, meu trabalho, minha profissão, minha causa, minha amada; fundia-me a tal ponto com eles que não sabia quem eu era e nem quem eram eles.

As situações me arrastavam como o vento arrasta as folhas secas. Assim como freia uma folha de outono na parede de rocha, do mesmo modo eu aderiria aos estímulos e às situações, como se fôssemos um só, eu e o estímulo, eu e a situação, eu e a circunstância. Quando o tempo se acelerava, estímulos, situações e circunstâncias começavam a girar muito velozmente e a força centrífuga me expulsava, deixando-me cair sem rumo, levando-me a buscar com desespero uma nova rocha à qual me sujeitar.

Cerai era jovem e vivia ao pé da montanha. Quando Cerai nasceu, os deuses da montanha desceram do cume nevado e lhe entregaram os tesouros mais preciosos. Entregaram-lhe o amor, a bondade e a sabedoria. Um dia, Cerai caminhava rio acima, escutando as pedras que batiam umas nas outras entre as águas das cascatas, quando viu uma mulher jovem cujos olhos e encanto o cativaram. Naquele instante, despertou nele o amor que levava dentro de si. A timidez e o rubor os aproximaram e, logo, o amor de Cerai teve um rosto e um nome. Nocoy é a dona de meu amor, disse Cerai.

Continuou seu caminho e encontrou um ancião que lia um livro. Um livro velho, de porte nobre e páginas desgastadas de tanto uso.

Cerai tomou-lhe o livro e começou a lê-lo e tudo o que se dizia ali despertava as verdades com que os deuses o haviam presenteado. Cerai disse: eis aqui a sabedoria.

Seguiu seu caminho pelo rio, saltando de rocha em rocha, quando pisou em falso e caiu no rio, arrastado pela correnteza. Um homem o resgatou, obrigou a respirar, acendeu uma fogueira para aquecê-lo e, antes de partir, presenteou-o com seu casaco. Eis aqui a bondade, pensou Cerai...

Quando Cerai completou 25 anos, os deuses desceram do cume para ver o que havia acontecido com os presentes.

“O amor?”, exclamou Cerai, “Não, vocês não me deram o amor, foi Nocoy quem me deu.

A sabedoria? Não, vocês não me presentearam com a sabedoria. É este livro o que contém a sabedoria.

A bondade? Não, o homem que me salvou no rio, aí está a bondade.”

E os deuses se compadeceram de Cerai porque tinha os presentes, mas não tinha os olhos para vê-los e teria um longo caminho para aprender a ver.

A MATERIALIDADE

Por que é tão difícil experimentar sentido na vida?

Porque você é externalidade e espera que a externalidade o transforme.

Espera que a resposta para sua pergunta venha de fora de você mesmo.

Real é o que meus olhos veem, real é o que meus ouvidos escutam, o que meu olfato cheira.

Levanto-me com a testa franzida diante de você e esmurro a mesa que nos separa, repetindo ao ritmo dos golpes: is-to-é-a-re-a-li-da-de-meu-amigo-vo-cê-en-ten-de?

Toque com seus dedos esta mesa, sinta o roçar da madeira e o odor do tronco de pinheiro de onde foi cortada, escute a percussão do som que entra por seu ouvido e o estremece.

Esta é a realidade, todo o resto são enfeites, adereços, coisas supérfluas das quais a realidade pode prescindir.

O real é material, o material é real. Todo o resto são devaneios da cabeça. Está bem, admitimos com o pedantismo do caso, que são importantes para a “vida interior”, mas não vamos confundir a interioridade com a realidade. Sendo assim, esta mesa é real.

Mas, esta mesa poderia existir, ser real, se algum ser humano não a tivesse imaginado previamente? Não, não poderia, nunca teria sido construída, ninguém teria cortado o pinheiro para conseguir a madeira e ninguém teria cortado e montado essa madeira para transformá-la em mesa. Entretanto, essa imagem nunca ocupou um espaço no mundo externo, ninguém pode tocá-la com suas mãos e experimentar sua textura. No entanto, se essa imagem não existisse na consciência de alguém, essa mesa jamais teria sido produzida. Isso tem enormes consequências. Essa imagem que não ocupou espaço físico, essa imagem produzida em alguma consciência humana em um tempo pretérito, em um passado, talvez próximo, talvez remoto, essa imagem conseguiu se expressar fora da consciência e se materializar. Agora, posso dizer as medidas da mesa, seu peso e sua antiguidade.



É impossível que você chegue à mesa sem a imagem dela na consciência. E mais: ao afirmar a realidade apenas como materialidade ou externalidade, estou despojando essa realidade de uma parte fundamental de seu ser. Estou despojando-a dessa

consciência que a concebeu e a representou em uma imagem, estou despojando-a da maravilha humana de ser capaz de transladar essa imagem – que não existe no tempo e no espaço, mas que existe em um tempo e espaço da consciência – à existência, ao mundo externo, ao tempo e espaço finitos.

Essa realidade que capto com os sentidos é apenas uma parte da realidade. É a parte mais grosseira, a mais grossa, aquela que os sentidos são capazes de perceber. Os sentidos captam a externalidade do real. Ao confundir a realidade com o que meus sentidos captam, vivo como em um sonho, acreditando que a externalidade é o todo. Ao não poder captar nos objetos sua historicidade e sua subjetividade, eu me perco neles e não experimento sentido.



Sobre a mesa que discutíamos, há uma xícara. Pego essa xícara, posso sacudi-la, jogá-la, quebrá-la. Agora, observo a xícara e penso em alguém, uma pessoa, em algum lugar do mundo, que imaginou essa xícara, que buscou a argila, que a modelou várias vezes até chegar ao objeto que buscava. Depois, foi a um forno, submeteu-a a altas temperaturas, desenhou sobre ela algo que queria expressar, buscou terras coloridas, pintou, passou o tempo até que chegasse aqui, sobre esta mesa. O cheiro de café cobre o ambiente e me transporta a velhos sonhadores que cruzaram o oceano, buscando o paraíso terrestre e chegaram à América, trazendo esta planta que hoje saboreio. Toda essa historicidade e essa subjetividade não são captadas pelos sentidos... E eu estava prestes a quebrar uma xícara, que agora está cheia de significados e conteúdos.

Os sentidos veem somente o aspecto mais externo do real.

O que você vê quando olha um ser humano?

Corpos, muitos corpos, vestidos, nus, coloridos, corpos que hoje estão, amanhã são alimento para vermes, ou cinzas ou pó.

Você por acaso vê o vínculo entre um ser humano e outro? Com qual sentido você percebe o vínculo de um casal, de dois amigos, de um pai com seu filho, de um escravo com seu amo? Qual é o sentido para perceber o humano?

Os sentidos veem apenas o aspecto mais externo do humano, veem seu corpo, escutam os sons que esse corpo emite, o odor que exala, a suavidade de sua pele, mas não percebem o humano.

O Eu

Por que é tão difícil experimentar sentido na vida? Porque você acredita ser isso que chama de “eu”.

A afirmação do eu é um caminho que tem sabor de sentido, mas conduz ao sofrimento. Eu necessito que me reconheçam como eu. Eu experimenta problemas, se não houver olhares que o reconheçam como eu. Eu tem nome, identidade, mas acima de tudo, outros que o reconhecem como eu. Eu experimenta um temor à extinção e faz muitas coisas para não se extinguir. Eu lembra aos outros que existe. Eu tem propriedade, tem espaço, tem idade, tem tempo (pouquinho, mas tem). Eu tem muitas pessoas que gostam dele, que o odeiam, tem mulher, tem filhos. Eu tem medo de que esqueçam dele, tem medo de que tomem seu espaço, tem medo de que tomem seu tempo. Tem medo de que tomem seu corpo. Eu, sem o corpo, morre. Eu tem muito medo. Eu acredita que não morrerá, que o corpo sobreviverá e estará com ele sempre. Porque Eu é muito importante. Eu tem espaço. Eu tem existência na memória dos outros que o reconhecem e lhe dizem: Olá, você! Como você vai? Como você está? Vai pra lá, você. Você me irrita. Gosto de você e te amo. Cala a boca, você! Mas como você escreve bem!

Eu tem um espaço na memória dos outros que o reconhecem como você. Eu tem medo do esquecimento. Esse esquecimento é

Quando o corpo morre, já não percebo e morre uma parte do Eu; quando o corpo morre, já não recorro e morre outra parte do Eu; quando o corpo morre, já não sinto, e morre outra parte do Eu. Quando o corpo morre, já não faço. Quando o corpo morre, morre Eu.

Será que sou só Eu?

Se no interior de mim mesmo houvesse uma região, algo a que esse eu não tivesse acesso e, portanto, desconhecesse sua presença... Se esse algo existisse além do corpóreo, teria de estar dando sinais que não são possíveis de estruturar a partir da consciência e não poderiam ser aprisionados pelo eu. Esses sinais que esse algo emitiria não poderiam ser concebidos dentro do conceito de "pertencente a mim". Mesmo quando o eu estivesse impedido de chegar ali, a consciência poderia captar essas emissões e traduzi-las de algum modo. Se existisse tal região psicológica, necessitaríamos de um modo de chegar a ela, um modo de experimentá-la.

Como posso me comunicar com você, com seu eu aprisionado no mundo da contradição, dolorido sem poder conectar com o sentido que pudesse transformar e tingir sua vida? Tento me comunicar e me encontro com você, com Eu, com Você, com aquilo que aprisiona tudo, com o maior egoísmo, ego-eu, euísmo, o grande concentrador de energia, o buraco negro por excelência. O buraco negro que não deixa escapar nem luz da força de sua gravidade. Isso, "eu", se dissolverá quando o corpo se exaurir.

Mas você é só Eu? É só concentração, possessão, buraco negro do qual nada escapa?

É só sem-sentido, eu-ego-concentrador-para-si?

O CORPO

Por que é tão difícil experimentar sentido na vida?

Porque você é seu corpo, e o corpo nasce, se fortalece, se gasta, morre e se desintegra.

Como você poderia se mover, se comunicar, trabalhar, amar, existir, se não fosse por seu corpo? Esse corpo que te leva, te transporta, te comunica, esse corpo maravilhoso. Gordo ou magro, feio ou belo, são ou enfermo, nesse corpo está a existência. Existo, existo, existo. Estou vivo e meu corpo me leva daqui para lá e de lá pra cá. Eu te escrevo, através de minhas mãos saem meus pensamentos, meus sentimentos, minha vida. Te toco, te comovo, você está vivo, existe, é outro corpo, estremece, continuo me aproximando.

O que quer seu corpo, senão o prazer?

As necessidades são experimentadas no corpo, os desejos são experimentados no corpo. O corpo se aperta, reclama, dói, anseia e se desespera por relaxar-se, distender-se, satisfazer-se. O corpo se desespera pelo prazer.

O exercício do prazer está sempre associado a maneiras de aumentar a tensão corporal, concentrar a energia e descarregar a tensão. Essa descarga é experimentada como prazer.

O corpo busca o prazer; a necessidade busca sua satisfação; a tensão, sua distensão; o desejo, seu devaneio e o devaneio, sua realização; e as rodas do prazer e da dor giram e giram para nunca acabar. A roda volta a girar e, em cada volta, o corpo está mais velho, em cada volta mais frágil, até que, em alguma volta, não estará mais.

A vida se move, afastando-se da dor e aproximando-se do prazer. Essa busca orienta a vida. Esse movimento em direção ao prazer deixa um sabor de sentido, uma ilusão de sentido, até que o corpo morre e já não se pode experimentar esse deleite.

SONHO E REALIDADE

Estou tão identificado com tudo que vivo, que chamo de realidade isso que acontece comigo. Enquanto estou submerso no sonho, o que acontece comigo também chamo de realidade.

Há dimensões da existência que meus sentidos não captam. Meus sentidos estão abertos ao mundo e parece que o mundo é o que entra através deles. Se meu corpo está desperto, parece que a realidade entra pelos sentidos e, se está adormecido, parece que eu já não participo dessa realidade.

Se meu corpo está desperto, capto o mundo pelos sentidos, mas esse mundo que entra é afetado por minha existência. Tal afetar se deve à ação do corpo movido por coisas que acontecem em algum lugar de seu interior; uma substância psíquica, que não entrou pelos sentidos, está influenciando essa exterioridade. Esse fluxo que sai do corpo e transforma o mundo não é percebido por meus sentidos, e sempre acredito que é apenas a externalidade que entra por eles.

Enquanto dormimos, não somos capazes de reconhecer as imagens oníricas como provenientes da interioridade e acreditamos que são percepções. Nada durante o sonho nos fará supor que estamos sonhando. Identificamo-nos a tal ponto com o que sonhamos que o tomamos por realidade. Escutamos, olhamos, cheiramos, caminhamos, voamos e cavalgamos em dinossauros, experimentamos todo tipo de sensação e, no entanto, nenhuma entrou pelos sentidos.

Tanto no sono quanto na vigília, a carga de verdade com que experimento o que acontece comigo é total. Em vigília, creio que minhas percepções são produto apenas do mundo externo, sem que tenham a ver com elas as sensações e a memória. Estamos seguros de que captamos a realidade, porque não podemos reconhecer de que modo os devaneios estão constantemente

tingindo nossa visão do mundo. Desconhecendo as imagens produzidas pela consciência e completamente identificados com elas, nosso modo de estar acaba sendo bastante alucinatório.



Quando despertamos do sono nos damos conta de que estávamos dormindo, mas não é possível saber disso enquanto dormimos. O estado vigílico, mesmo sendo muito diferente, tem aspectos que se assemelham ao estado de consciência adormecida: estamos completamente sugestionados pelas percepções e desconsideramos que essas percepções estão tingidas pelo devaneio e pela memória; por outro lado, tudo o que percebemos está submerso em um sistema de crenças tão profundamente arraigadas que não temos nenhuma noção delas operando sobre a percepção. Por último, embora a irrupção de mundos não perceptíveis seja bastante habitual, a consciência tende a negar a realidade desses mundos, embasando com isso a crença na morte, constituindo-se com ela a visão do real.

Imagine que, em um dia qualquer, enquanto você vai para o trabalho, experimenta uma força que te envolve. A sensação é de que poderia senti-la com os dedos se acariciasse o ar a seu redor. Imagine que todos os seus movimentos parecessem responder a uma lei da vida que tem uma energia tão impressionante que transgredi-la seria algo nem sequer absurdo, simplesmente ridículo. Imagine que, enquanto continua se dirigindo para o trabalho, uma alegria enorme se agita dentro de você e essa força parece carregar a atmosfera por onde você passa. Por um instante, tudo está bem, como se você tivesse cruzado o não tempo. Algo o golpeia, despertando-o e você vê que tudo tem a ver consigo – o mínimo e remoto movimento está de alguma maneira relacionado com você. Continua caminhando para seu escritório e parece agora que não apenas tem a ver consigo, mas,

de onde você está olhando ou aquilo que está olhando, você vê o mesmo em cada um, o mesmo em tudo, tudo é um. Sente sua respiração e não pode dizer uma palavra e um banho de agradecimento o abraça.

Imagine que, depois disso, sua consciência lúcida sente que algo nela ficou conectado com essa força, com o que está vivo, com o que se expressa. Sua consciência lúcida observa como esse algo nela sai de seu mundo e constrói este. Pensar na morte é algo fora de questão, como ter medo de um grão de areia em um areal. Então, você sabe que a realidade tem muito de sonho e, por um momento, toma contato com o fazedor de sonhos e de destinos.



A INTERIORIDADE

Mundo interno. Guias. Modelos. Força interior. Os outros.

MUNDO INTERNO

O corpo parece ser a separação entre o externo e o interno. Do corpo para fora e do corpo para dentro. O próprio corpo está fora ou dentro? O corpo, percebido pelos sentidos, está fora. O corpo é confundido e fundido com a pessoa que o usa. Esse ser humano que está na minha frente, onde está? Fora de mim, já que vejo seu corpo fora de mim. Quando vejo um corpo, vejo a partir de meus sentidos, do mesmo modo que vejo a mesa ou a xícara. Percebo apenas um aspecto de sua realidade: sua externalidade. Quem é a pessoa que habita esse corpo e onde está? Por acaso está dentro desse corpo? Dentro de onde? O que é esse dentro? Se a pessoa está “dentro” do corpo, o que significa esse “dentro”?

Vejo-o e digo a mim mesmo que você está dentro do corpo que estou observando, dentro de seu corpo. Mas esse “dentro” continua parecendo algo fora de mim. Se eu estou em meu “dentro” e você está em seu “dentro”... O que está fora?

Onde está a amizade, a solidariedade ou o amor?

Onde está o ódio, a vingança?

Onde está a esperança?

Aqui está você, meu amigo, com quem compartilhei parte de minha história. Onde está esse atributo que eu lhe dou, chamando-o de “meu amigo?” Em sua roupa, em seu corpo, onde?

Vivemos de tal maneira que nos parece que tudo vem de fora,

que tudo é captado por nós através dos sentidos e isso é considerado como real.

Todas as verdades fundamentais para a existência estão no mundo interno. É nesse mundo que temos de encontrar a resposta para nossos anseios. Mas acontece que esse mundo está totalmente degradado. No mundo interior, encontra-se o humano e o sentido. O divino tem aí sua morada e também as neblinas do esquecimento. Lá está o passado, todo o passado, desde os primeiros tempos e as tábuas do destino. Todas as aspirações se encontram nesse mundo, esperando que algum olhar as ilumine e transporte ao mundo exterior.

O mundo interior tem sido constantemente degradado e desvalorizado. Essa degradação começa catalogando-o como irreal ou imaginário. Logo, como mundo inconsciente onde habitam forças instintivas que dominam a liberdade humana. Sua irrupção está associada a uma distorção do real. Foi colocado em um plano secundário em relação ao mundo objetual, quase como algo com que, infelizmente, temos que contar para nos desenvolver entre os objetos que são o que realmente importa.

Tudo o que vem do mundo interior é anestesiado ou interpretado como algo secundário. Quando esse mundo entrega sinais mais fortes, justamente por encontrar-se bloqueado, esses sinais passam, então, a ser considerados sintomas de enfermidade.

Inclusive as experiências místicas, experiências de comunicação com o transcendente, costumam ser consideradas alucinações, fuga do mundo real. De vez em quando, aceita-se que alguns possam ter acesso a essas experiências, mas são aceitas como uma experiência de loucura momentânea da qual o santo ou o místico pode extrair algum ensinamento útil, sem permanecer na loucura.

Esse mundo interno está em erupção, como um vulcão que expulsa fogo e matéria de suas entranhas, sem respeitar nada que encontra em seu caminho. Nada consegue controlá-lo, nem psicofármacos, nem drogas, nem a técnica de comunicação de massa.

Essa degradação do mundo interno nos afastou da possibilidade de experimentar o fundamental de nossa vida humana, bloqueou para nós a experiência de significado e nos deixou perambulando pela vida sem sentido.

FORÇA INTERIOR

Há forças muito importantes no interior de cada um. Forças que não necessariamente são da pessoa, mas se encontram ali, na interioridade. Parece que tudo o que está nessa interioridade pertence a mim, porque não vem de fora. Porém, na interioridade talvez existam mundos, forças, energias, imagens que, ainda que habitem meu interior, não sejam exatamente “minhas” ou não pertençam a mim, pessoalmente.

Aceitar isso pode mudar tudo, mudar toda minha vida.

O que está fora não me pertence. Faço uso das coisas por um tempo, enquanto passo por esta vida. Às vezes, adquiro algo, compro. Mas esse pertencer é passageiro. O que está fora não me pertence, eu uso por algum tempo.

O que está dentro tampouco me pertence. Faço uso disso ou isso se expressa através de mim durante um tempo.

Há forças impressionantes no interior, há uma força que se chama amor e há outra força que se chama esperança. Como podem existir energias tão enormes aqui dentro, tão próximas, e nós não sabemos como usá-las?

Esperança é a energia dos sonhos, dos ideais, é a energia do futuro. Esperança é um banho de vida que nos faz correr pelo

tempo. A esperança está vestida de manhã, de aurora, de sol nascente, de raios que aquecem pouco a pouco as horas, à medida que avança o dia.

Há muito tempo, nas primeiras origens do Ocidente, os deuses habitavam uma montanha chamada Olimpo. Um titã chamado Prometeu, comovido com a miséria que os homens padeciam, foi até o Olimpo, onde viviam os deuses, e roubou deles o fogo, o fogo sagrado, o fogo da vida, para entregá-lo ao ser humano. Guardou o fogo no interior de um vaso para que não o descobrissem e, assim, ao descer do Olimpo, ninguém se deu conta de que trazia essa enorme energia vital. Os deuses, ao se sentirem enganados, ficaram irritados e quiseram se vingar. Quando criaram a mulher, a bela Pandora, entregaram-lhe uma caixa cheia de virtudes. Pandora abriu a caixa e os deuses começaram a roubar as virtudes. Cada vez que roubavam uma virtude, uma calamidade acometia a humanidade. Quando Pandora se deu conta disso, em seu cofre, nas profundezas de seu cofre, restava somente a última virtude: a esperança. Pandora fechou o cofre e escondeu a esperança para que os deuses não a roubassem do ser humano e, assim, os imortais não puderam concretizar sua vingança. Desde então, a esperança está guardada no profundo do coração.

Há forças muito importantes no interior do ser humano. Há princípios fundamentais guardados em nossa interioridade. Há seres que habitam o silêncio por trás do ruído, no fundo da consciência. Às vezes, essas forças, esses seres se expressam através dos sonhos, às vezes através da obra humana, às vezes através de nossas ações mais simples.

Essas forças, esses princípios, essa energia não me pertence, como não me pertence a água, o fogo ou a terra deste mundo, mas estão ali para que eu os use por um tempo, para escutar

sua mensagem e realizá-lo no mundo humano. Ali está o maior do maior, esperando que possamos detectá-lo, senti-lo e que o expressemos na materialidade.

Se você preferir, tudo isso lhe pertence, como lhe pertencem os rios, os oceanos e as montanhas.

Um sonho chamado Sonho falou um dia com um homem chamado Homem e lhe perguntou: “Homem, podes tomar-me, fazer-me teu e converter-me em realidade, nessa realidade que entra por teus olhos, por teus ouvidos e que gostas com teu corpo?”

Homem acariciou Sonho em seu coração e o envolveu de esperança. Então, Homem disse a Sonho: “aqui tens a esperança para que possas viver para sempre, até que cumpras teu destino, chegues à Realidade e eu possa sentir-te com meu corpo”. Assim, Sonho começou a viver no interior do Homem e Homem foi levando Sonho pelo tempo.

Um dia, Sonho disse a Homem: “Homem, já estou cansado, não consigo chegar à Realidade e não quero continuar nesse intento. Despeço-me e me desvaneco.”

Homem sofreu e chorou. “Não podes ir embora, levas a esperança que te dei ao abraçar-te em meu coração!”

Homem olhou para Sonho, enquanto este se desvanecia, e sentia que a esperança se desvanecia com ele e que o pranto saía como se dissolvesse sua alma.

Aproximou-se, então, outro Sonho chamado Sonho do homem chamado Homem.

Sonho pediu a Homem que o levasse ao lugar chamado Realidade.

“Não posso”, disse o homem, “outro sonho já me roubou a esperança e se desvaneceu”.

“Sim, podes!”, disse-lhe Sonho, “sempre podes!”

Então, Homem voltou a acariciar Sonho em seu coração e o envolveu de esperança e levou Sonho até o lugar chamado Realidade. Ao chegar à Realidade, Sonho se despediu, agradeceu e se desvaneceu.

Homem viu Sonho desvanecer-se em Realidade e sentiu que a esperança se desvanecia com ele.

Aproximou-se, então, outro Sonho chamado Sonho ao homem chamado Homem...

Mais além do mais obscuro sem-sentido, além do enganoso vazio, há uma chispa que não se apaga. Essa chispa acende o fogo que abraça os sonhos e os sonhos nos empurram para que os levemos ao mundo externo.

GUIAS INTERNOS

Quero te contar sobre os guias. Não é fácil, preciso entrar profundamente e chamar meu guia interno, pedir a ele que se faça presente, sentir sua presença enquanto escrevo e quero que, enquanto escrevo, seu guia mais interno se aproxime de você e o acompanhe nesta leitura.

Meu guia me ensinou a chamá-lo, a invocá-lo. Quando o busquei foi porque o necessitava. Ah, como precisava dele! Não gosto de precisar de ninguém, não gosto de incomodar ninguém, gosto de acreditar que me viro sozinho, não quero ter dívidas, não quero depender, mas naqueles dias tudo se tingiu de desespero.



Meu mundo interno é um caos. Fecho os olhos ou simplesmente escuto meu discorrer, as imagens que me vêm à cabeça: um furacão de conteúdos que se chocam uns sobre os outros, arrastados pela força de uma onda de energia. Vou em busca da bondade e encontro a inveja e o ciúmes, vou em busca da beleza

e me encontro com a raiva e o ressentimento, vou em busca da pureza e me encontro com desejos e, se me aprofundo neles, todos os desejos da imaginação estão em minha imaginação.

O que é esse caos que existe em meu mundo interno? Tento me concentrar e sou interrompido por minhas divagações que, às vezes, repetem-se uma e outra vez, sem ao menos trazer alguma originalidade. No entanto, estou lhe escrevendo e você vai me entendendo, algo tem direção dentro desse caos interior. É bem surpreendente que, em meio a esse mundo interno caótico, algo tenha direção. É bem surpreendente que a expressão externa desse mundo não seja apenas caos e que sociedades e civilizações sejam construídas.

Será a razão o que vai ordenando esse caos e dando direção à expressão dessa interioridade? A razão faz sua parte, sem dúvida, mas não é apenas a razão. A razão pura e simples não pode compreender o essencial e o degrada e, ao degradá-lo, perde-se no sem-sentido. A razão não compreendeu esse mundo interno e a partir da razão o vemos caótico.



Então, agora que tomo contato com meu guia interno, o que diz sua razão? Agora que através de mim falará com você um ser que me acompanha ao escrever-lhe e mostrar-lhe o modo de encontrar o sentido? Sua razão colocará todas as resistências e começará a acelerar a leitura. Observe a si mesmo e passará por essas páginas mais lentamente. A razão, para ordenar o caos, aprisiona-o, submete-o e, ao submetê-lo, vai secando, perdendo inspiração, brilho e, sobretudo, perdendo sentido. A força do caos rompe a prisão da razão e, então, brota dele o impensável. Pouco a pouco, a razão cresce até voltar a represar o caos, até poder pensar o impensável. Caos e Razão são filhos de um mesmo deus, como o Ying e o Yang, como gêmeos opostos que se buscam para se amarem.

Quando a razão é lançada pelo caos, a soberba e a arrogância fogem apavoradas. Reconheço, então, a Necessidade e, montada nela, chamo meu guia.

Entro no caos de meu mundo interno e pergunto se a bondade se encontra ali. Recorro à minha memória, buscando uma expressão da bondade. Assim como o sol, que a todos dá sua luz e calor, sem perguntar quem o merece e quem não, sem perguntar quem o admira e quem não, sem perguntar nada, sem pedir nada, voltando manhã após manhã, reconheço a bondade de meu guia.



Vou a meu mundo interno e pergunto se ali se encontra a força. Busco em minha memória algo tão forte que nada possa dobrá-lo. Algo tão forte que possa sustentar-se na noite mais escura, na tempestade mais agitada; uma firmeza tão grande que não perca a calma diante de nenhum fantasma; uma convicção tão profunda que nem o grunhido dos espantos a atemorize. Assim, eu me aproximo de ti, meu guia, e sinto tua força.

Quando te insinuas, teus conselhos estão carregados de sabedoria. Assim como o pastor conhece a montanha, assim como o amante conhece o amor, assim como sabe aquele que sabe por experiência, assim como sabe aquela que me fala depois de morta entre as vozes do caos de meu mundo interno, escuto o que dizes e tua calma me faz reconhecer-te.

Então, experimento-te, presença, ali, em meio ao turbilhão ruidoso de minhas emoções, pensamentos e sensações. Sinto-te, presença amiga, e te pergunto: quem és? És, por acaso, produto de minha imaginação? Sim e não, me respondes. És produto de minha imaginação? (Insisto...) O que é tua imaginação? (Escuto...) Podes, por acaso, imaginar aquilo que não tem imagem? Podes escutar aquilo que não tem som? Podes, por acaso, sentir

o que não tem tempo? Pois, sou tua imaginação e não sou tua imaginação.



Observo que posso degradar essa sensação, essa presença, como mais um produto de meu intelecto, ou aceitá-la como um ser especial com o qual posso entrar em contato em meu mundo interno. Sim, és meu guia interno! E algo que é agradecimento nasce dentro de mim, algo que me comove, me deixa um pouco tonto, me faz afundar levemente em meu assento e algo que não exclama, percorre, banha meu ser expressando um obrigado.

Com o tempo, guia e eu fomos nos conhecendo e ganhando confiança, assim como os amigos que não temem incomodar se ligam e se consultam constantemente para coisas importantes e também para pequenas coisas. Assim, vou construindo a relação com meu guia e, algumas vezes, pega minha mão e te escreve, te escrevemos, palavras que despertam em ti guias profundos, vozes antigas, memórias futuras.

MODELOS

Um amigo meu, muito querido, com quem me encontrei depois de um tempo, me disse: “chegará o momento em que se reivindicuem as utopias, não apenas as místicas, mas também as sociais e se valorizará esse tempo em que os sonhos estavam ao alcance da mão, assim como colher maçãs da macieira. Agora, o mundo é muito real”, continuava ele, “não dá espaço para sonhar”.

Ah, não sei em que momento este livro chegará a suas mãos, se este mundo real já terá sofrido as calamidades irreais que o aguardam ou se estarão prestes a acontecer. Como lhe dizer, querido amigo, que esse sonho e essa utopia continuarão no tempo, sobreviverão à nossa geração, serão interpretados por

outros seres humanos até, finalmente, tornarem-se existentes no espaço humano? Como dizer que esse sonho que acariciou nossos nobres corações viverá mais tempo do que essa chatice que parece tão real? Esse sonho que incita sua esperança nascerá cada vez em uma nova geração, até se expressar na realidade perceptível. Esse mundo real logo desaparecerá e será substituído por outro mundo real e outro mundo real e outro mundo real... Que móvel e pouco concreto é o real!

As utopias estão em um lugar que não existe e em um tempo que tampouco existe. Mas, em algum lugar estão, porque, caso contrário, como poderíamos falar delas? São uma construção da razão e com essa resposta ficamos tranquilos. No entanto, a força que as utopias despertaram, a irracionalidade com que homens e mulheres se dispuseram a alcançá-las, a violência que moveram e ainda movem, não se explicam ao serem consideradas as utopias como simples construções intelectuais.



Se pudéssemos mergulhar no mundo interno como se fosse um oceano, encontraríamos nele perigosas correntes submarinas, vorazes tubarões perseguindo doces cardumes, zonas de gelado silêncio, serpentes revirando-se na areia, caranguejos fúgidos escapando do perigo, hidras lançando dardos venenosos em tudo que se aproxime, ostras que se fecham ao menor grão de areia que queira chegar a elas, abismos escuros que parecem não ter fundo.

Se pudéssemos mergulhar no mundo interno como se fosse um oceano, encontraríamos cidades perdidas, onde se guardam segredos de velhos mundos, formosos peixes multicoloridos, corais preciosos que contemplamos sem tempo, grutas com areias cor de esmeralda, rochas de azul intenso, melodias de cristais que transportam para mundos maravilhosos.

O mundo interno, esse magma de substância vital, pequeno recipiente que contém todos os universos e que contém o que contém.

Quando olho para dentro dele, não gosto do que vejo, como não gosto dos vermes, nem dos escorpiões, nem do violento minotauro que defende o ansiado tesouro de rubis e esmeraldas.

Não gosto do que vejo e saio com a respiração agitada do oceano para o mundo real. E, nesse mundo real, afasto de mim todo o sugestivo oceano, encontro pessoas fechando-se como ostras diante de qualquer pequeno grão de areia, gente em abismos escuros, desejando a morte, gente de braços formosos expelindo mortíferos venenos, ventos de medo açoitando as populações, pânico, angústia, gente comportando-se bem, muito bem, porque ainda que os tubarões não existam em terra firme, em qualquer inesperado instante, algo pode devorá-las.

Quando entro no mundo interno, não gosto muito do que vejo. Tenho isso dentro de mim? É isso, por acaso, o mundo interno? Sim, isso também é mundo interno, mas não é só isso. Ali também estão a bondade, a justiça, a compaixão, a paz, o amor.

Escutei uma história que Silo contou a uns amigos há muitos anos e que foi muito importante para aceitar meu mundo interno.

Em tempos bíblicos, o rei Salomão mandou chamar os artistas de seu reino para que fizessem um retrato seu. Chegaram ao palácio artistas provenientes de todos os lugares para pintar o retrato do rei. A pintura que Salomão elegeisse seria colocada no lugar mais destacado do palácio e seu autor seria premiado com ouro. Chegou o dia e todos os artistas trouxeram seus quadros para que Salomão escolhesse. Salomão examinou-os um por um: “Salomão, o Sábio”, “Salomão, o Justo”, Salomão, o Grande” ... E assim observava dezenas de quadros

que os artistas haviam trazido. De repente, parou diante de um quadro intitulado simplesmente “Salomão”. Neste, o rosto estava com rugas, cólera, burla, inveja e não era nem de longe o retrato mais belo.

Então, o rei elegeu essa pintura intitulada “Salomão”, colocou-a no lugar central do palácio e encheu seu autor de ouro.

A moral que acompanha essa história é que Salomão não era grande porque dentro dele habitavam a bondade e a grandeza, mas porque, apesar de ter todo tipo de impulsos violentos, foi capaz de transformá-los em obras justas e boas.

O mundo interno é incrível, ali estão todos os universos possíveis, todas as possibilidades plausíveis, algumas chegarão ao mundo externo e outras nunca chegarão.

Contava Victor Frankl que, na Segunda Guerra, no campo de concentração onde estava, todos passavam fome. Havia alguns dentre eles, muito poucos, famintos como todos, capazes de entregar seu alimento aos que estavam muito mal e não conseguiam comida. A cena me comove, inclusive agora, quando a conto. De onde sai essa ação e aonde chega essa imagem para me comover?

Se você lembrar alguma cena que te comove, verá que ali foi disparada uma sonda que entrou muito fundo em seu mundo interno, golpeou sua alma, sacudiu-a nela e algo muito verdadeiro, muito ansioso, emergiu por um instante.

“Quando vir um pobre homem mendigando pelas ruas de sua cidade, nunca o ofenda, porque dentro dele há algo muito grande que clama aos céus.” Escutei também Silo e ainda hoje me comove.



Neste mundo interno, atravessando as camadas mais superficiais das tensões do dia a dia, atravessando as camadas formadas em nossa remota biografia, encontram-se modelos que estão

esperando seu momento para inspirar a ação humana e serem realizados na paisagem externa. Esses modelos são difíceis de conhecer, mas dão sinal de sua existência nesses momentos de comoção e nas ocasiões em que nos sentimos plenos de sentido.

Bondade, Justiça, Paz não são invenções de algum filósofo, nem tampouco ficções para ninar ingênuos. São modelos gravados no profundo do ser que esperam seu momento para realizar-se no mundo humano. Em todas as épocas e em todas as idades estiveram presentes, inventando-se uma e outra vez, motivando e orientando.

OS OUTROS

*Podes, por acaso, tocar o ser humano.
Teu corpo, meu corpo é apenas um momento,
passa por ele uma brisa de montanha
passa e o acende,
acende e cria,
cria e passa.*

Faço silêncio para escutar você, quero senti-lo.

Que ruidoso é o silêncio, às vezes. Tudo está cheio de vozes, de reclamações, discussões e opiniões, tudo cheio de recordações e de pendências e de outros que não são você, mas que irrompem enquanto o escuto. Como o encontro, onde procuro? Para você o silêncio também é ruidoso?

Não existimos sem os outros e isso que digo não é uma metáfora.

Estou eu e estão os outros. No entanto, esse eu foi se formando com as pegadas que os outros deixaram em mim. Quando digo “eu” pode parecer que falo de algo muito diferente de “você”, muito diferente dos outros. Eu experimento assim. No entanto, são esses outros que estão na base do eu; são a substância que

constituíram isso que chamo de eu. Basta imaginar o que aconteceria com você se eu tomasse as lembranças e sensações de apenas um de seus amigos. Nem pensar se esse fosse um amigo muito querido ou seu pai ou sua mãe. Esse que você acredita ser, esse eu, seria muito diferente.

Os outros estão em você. Você foi formado e constituído por suas ações, seus exemplos, seus afetos, suas opiniões. Todos eles depositaram algo em você e você teve de aprender ou rechaçar suas atitudes, seus pensamentos e suas emoções. Todos eles estão em você. Quem sou eu, senão o que deixaram em mim todos os outros?

Por outro lado, a cada um desses outros chegaram minha ação, meu pensamento, minha emoção e tiveram que aceitar, rejeitar, aprender com eles ou esquecê-los. Eu também estou em cada um desses outros e sou parte constitutiva e muito importante do que eles são.

Os outros são constituintes fundamentais do que eu sou. Eu, por minha vez, sou constituinte fundamental de cada um deles.

Você me lê, eu sou seu outro. Cada frase está entrando em você e você aceita ou rejeita. Não importa qual das duas opções escolha – seja de aceitação ou de rejeição – estou fazendo parte de você, constituindo seu existir. Você que me lê e que imagino, aceitando-me ou rejeitando-me, está entrando em minha vida e constituindo meu existir.

Todas as pessoas que rodeiam você estão em seu mundo interno, fazem parte de você: cada uma das quais você ouviu falar faz parte de você. Você é muita gente, o que você é tem a ver com todos eles. E você, por sua vez, faz parte de muita gente, algo de você se estabeleceu no mundo interno de muita gente.

Não creia que, ao rejeitar alguém, deixa essa pessoa fora de seu mundo. Ela está lá, fazendo parte de você, mostrando parte do que você é e não quer ser.

Esta imbricação do eu com os outros não é experimentada assim, habitualmente. Habitualmente, experimentamos a separação, a afirmação do eu e a negação do outro. No entanto, às vezes isso se rompe e intuimos a possibilidade de outro modo de existir e de experimentar. O amor, a amizade, a comunhão são apenas um instante, mas nesse instante o tempo se suspende e saboreamos a eternidade.

Se os outros fazem parte de seu mundo interno, se são a substância com a qual construímos o eu, o que faça ou deixe de fazer em direção aos outros tem uma dimensão existencial enorme. Essa dimensão existencial é o que pode sustentar uma moral. Mas não nos adiantemos.

Meus amigos, meus companheiros, aqueles que encontrei ao longo de minha vida, aqueles que amei, meus guias, meus pais, meus irmãos, meus familiares – todos fazem parte de mim e fazem parte do que agora escrevo e, quando conecto com essa verdade, um manancial de agradecimento me envolve e meu eu se funde com o de todos.



O SENTIDO

Contato. Busca. Diálogos com a morte. Um caminho sem fim. Impulso. Ilusão. História.

CONTATO

Tomo um caminho que me levará ao lugar que sempre busquei. Ao entrar nesse lugar, uma intensa alegria me acolhe, a emoção é tão profunda que se converte em uma lágrima e a sensação é de que tudo está bem, muito bem. No caminho, encontro obstáculos e pessoas que me detêm. Supero os obstáculos com graça e humor e me afasto das pessoas, deixando-lhes sorrisos e esperanças. O caminho se curva para trás e serpenteia em direção ao longínquo. Vou percorrendo sem caminhar e me encontro cada vez mais longe. Alguém me acompanha, ainda que não o veja, e me envolve com confiança. Cruzo o umbral que o caminho coloca e chego à zona calma. Tudo é muito lento, nada se move, sinto discorrer o discorrer, mínimo movimento da calma. “Quem és?”, pergunto. “És, és, és”, como eco responde a calma. “Quem sou?”, pergunto. “Sou, sou, sou”, como eco responde a calma. “Para onde vou?”, pergunto. “Vou, vou, vou”, como eco responde a calma. Então, um limite desaparece e nada interrompe, nada separa és, sou e vou.

Todos – você também – temos contato com experiências que não são habituais e que nos colocam em ressonância com algo muito importante. Esse algo é difícil de expressar com palavras porque a experiência é totalizadora, é como tomar contato com um todo que contém, inclusive, as palavras. As palavras querem captá-lo e se afogam. As emoções que acompanham esses momentos são de comoção ou de comunhão ou de compreensão total.

Nas primeiras vezes que soube dessas coisas, elas me pareceram interessantes, mas distantes, então preferi passar rapidamente para outro tipo de tema em que me sentisse mais cômodo. Claro, pensava, se alguém sentiu essas maravilhas, não as esqueceria jamais. Como não chegavam prontamente à minha memória, concluí que essas experiências aconteciam com outro tipo de pessoa. Além disso, era inimaginável que na vida de qualquer um de nós nos levantássemos uma manhã qualquer e víssemos tudo diferente, que uma alegria saísse de nosso interior e tingisse o quarto e a paisagem por trás da janela. Saudaríamos nossa gente e nos sentiríamos maravilhados pelo simples fato de contemplá-los vivos, existindo. Sairíamos à rua e surgiria de dentro a esperança esperançosa, colorindo tudo o que toca. Impossível.

Se alguém de minha família tivesse me dado uma boa notícia, isso me encheria de alegria. Se me comunicassem uma boa nova para o mês que vem, isso me daria esperança. Porém, esse outro que, de dentro e sem nenhum motivo externo, sinto como algo grandioso que tinge minha vida, é muito estranho. É tão estranho que, cada vez que acontece, eu esqueço ou tento dar uma explicação que o transforme em algo comum e corrente.



Todos gostaríamos que algo extraordinário acontecesse conosco, mas o extraordinário é tão fora do aceitável e do lógico que, quando acontece, não podemos assimilá-lo. Logo que o extraordinário irrompe, questiono se aquilo aconteceu efetivamente como me lembro ou se foi um sonho ou uma alucinação, e duvido dessa experiência, até que consigo encaixar na lógica cotidiana e ordinária aquilo que me pareceu extraordinário.

Para poder aceitar o extraordinário, esperamos que se apresente de um modo ordinário, quer dizer, perceptual, através de nossos olhos, nossos ouvidos, nosso tato.

Ontem, veio à minha casa uma dama formosa como nenhuma outra, bastante jovem. Colocou suas mãos em meu peito e beijou minha testa. Olhou-me docemente e sussurrou que tudo ficaria muito bem. Ao partir, tive a impressão de escutar um agitar de asas e um vento cálido que refrescava meu rosto. Desde ontem, uma alegria muito grande me acompanha, que quero comunicar a todo mundo. Este conto é apenas produto de minha imaginação, mas é muito fácil de aceitar porque tudo o que acontece vem do perceptual. Essa alegria e essa fé chegam de fora, alguém misterioso as entrega a mim – pode ser um anjo, uma deusa, uma musa que casualmente passava por ali. Isso que efetivamente é imaginado, nós podemos chegar a acreditar como certo. Ao contrário, aquilo que irrompe de meu interior e transforma minha percepção não conseguimos aceitar e, no entanto, é o que efetivamente acontece.

O extraordinário está no mundo interno e há cenas da paisagem externa que, às vezes, remetem a esse mundo e fazem com que aflore. O extraordinário emerge e modifica meu modo de perceber, de sentir e de fazer.

O extraordinário não é extraordinário porque algo acontece fora de mim em que não posso acreditar, mas porque brota algo do interior humano que modifica o modo ordinário de ser.

BUSCA

Quando perco algo, eu busco e, quando o encontro, reconheço-o porque era exatamente o que perdi. Quando busco o sentido, busco como se alguma vez eu o tivesse tido, perdi e agora não consigo encontrar. Busco o sentido, do mesmo modo que as chaves de casa que perdi em um baú. Porém, há uma dramática diferença – de fato, tive as chaves, mas o sentido, não.

O ato de busca de sentido parece mais com o de um explo-

rador que navega pelo universo, encontrando mundos desconhecidos, do que com o viajante perdido que faz esforços para reconhecer a rota.

O grande problema quando estamos no sem-sentido é acreditar que antes estávamos no sentido, que perdemos e agora temos de recuperar. O que acontece é que não estávamos em contato com o sentido quando acreditávamos estar. Enquanto não aceitarmos isso, que não havia sentido no momento de partida nem de chegada, a busca torna-se penosa porque buscamos algo onde acreditamos que está e não está lá, nunca esteve, nem vai estar.

Se o que busco não está nesse momento em que acreditei que tinha sentido, onde está e o que era aquilo que eu experimentava? Isso me dá tontura, perco as referências e não sei em que afirmar minha busca.

Isso é como tirar um véu e abrir a possibilidade de encontrar uma verdade interior, algo verdadeiro que não dependa da maré das circunstâncias, algo profundo que não dependa do corpo, nem da época... Encontrar Sentido.

Se em algo podemos nos comunicar através deste texto, se em algo coincidem suas experiências com as minhas, você terá de aceitar que nos parecemos, não somos tão diferentes. Não é que você tenha se equivocado no modo de buscar. Creio que estamos descrevendo um estado de consciência em um momento da vida. Estamos olhando a situação e tentando saltar por cima dela. A consciência, povoada de devaneios, tenta sair de seu torpor habitual para encontrar algo mais profundo e verdadeiro. Esse verdadeiro não pode ser encontrado fora do ser humano. Essa verdade está guardada na profundidade do ser e ali tem de ser encontrada, comunicada e expressa como direção dos atos humanos.

Houve uma vez um viajante, cujo destino era chegar à terra do sol.

Empreendeu a viagem, mas o caminho era longo. Tão longo era que, às vezes, ficava aborrecido. Pensou que, para tornar sua viagem mais divertida, poderia parar de tempos em tempos nos povoados que cruzava. Cada vez ficava mais tempo nos povoados e usava cada vez menos tempo para percorrer sua rota em direção a seu destino. Um belo dia, tanto se entretteve em um desses povoados que simplesmente esqueceu que estava em uma viagem em direção à terra do sol e se esqueceu de seu destino. Passou o tempo e uma seca assolou o povoado e todas as diversões do viajante desapareceram. Recordou, então, qual era seu destino. Enfureceu-se com o povo que o havia desviado de sua viagem e permaneceu ali, chorando e reclamando de como o haviam enganado. Outro viajante que passava por ali, ao vê-lo se compadeceu e lhe disse: “Antes rias com as diversões do povo, agora choras pelo engano do povo. Tanto um quanto o outro te detêm. Perdoa a ti mesmo, ri e começa a caminhar novamente em direção à terra do sol. Como queres que te encontre a amiga Morte, reclamando de teu azar ou caminhando em direção a teu destino?”.

Muitas situações nos afastam da busca profunda, mas todos esses infortúnios vão nos fortalecendo para tomar em nossas próprias mãos as rédeas da vida.

O reconhecimento de que necessitamos encontrar essa verdade é uma condição importante para a busca. Se você sente que já encontrou essa verdade, ou que está a ponto de encontrá-la, ou que se, a essa altura da vida, não conseguiu é porque não existe, o ato de busca é, ainda, muito frágil. Ao contrário, se você sente o fracasso por haver buscado sem encontrar, se seus sonhos e esperanças não te conduziram à felicidade, sua busca será cada vez mais forte, como se fosse um instinto que necessita saciar-se.

A falta de sentido que experimentamos não é apenas um problema pessoal, tem a ver com a época que nos cabe viver e com o momento de evolução da consciência. Aqui vamos, até aqui chega a evolução e seguramente é possível produzir saltos qualitativos na consciência e na sociedade.

DIÁLOGOS COM A MORTE

Estava eu, um dia, em meu quarto, ruminando sobre essas coisas, olhando minha própria dor e contradição, quando alguém bateu à minha porta. Era um som seco e repetitivo e não pude deixar de pensar nos contos de Allan Poe. Abro minha porta à noite e não vejo ninguém. Fecho-a e, imediatamente, o som da madeira volta a golpear meus ouvidos. “Quem está aí?”, pergunto e só o silêncio da noite me responde.

Fecho a porta e descubro no interior do quarto uma mulher. Sua beleza me faz esquecer de que não a vi entrar. Olho para ela alucinado por sua estranha formosura. Sinto-me atraído, quero abraçá-la e beijá-la, mas, ao mesmo tempo, ela me assusta, me espanta. Seu beijo é o mais doce dos beijos, mas, ao me aproximar dela me aterrorizo e minha pele se arrepia até o último de meus poros. Logo, reconheço-a e fico paralisado... Morte! Tu! Não pode ser, te equivocaste! Outro, é outro, falta-me tempo e tenho coisas para fazer. Tudo está pendente. Olhei para ela e sua atração tinha um poder enorme sobre mim. Um sim e um não lutavam em meu interior.

Comecei a recordar minha vida com uma força inusitada, como se ela inteira chegasse a minha mente simultaneamente, de um só golpe. O dia de hoje, o que aconteceu hoje? Vago pela vida sem saber aonde vou, o que é a vida, sem sentido, sem destino. É como se estivesse aprisionado em histórias, em contos que não vão a lugar algum. Toda minha

vida passa por minha cabeça à toda velocidade, escuto um zumbido de turbinas e aceleração. É como se a vivesse de novo, inteira, mas em um instante. De repente, o trem de imagens que tomaram minha cabeça se detém.

Vejo a mim mesmo, naquele dia em que decidi encontrar a terra do sol. Foi nesse dia que minha vida tomou um rumo verdadeiro. Foi nesse dia que decidi fazer algo bom. É esse o momento mais verdadeiro de minha vida. Minha vida começou a avançar em minha mente, lentamente, esse momento verdadeiro, e o seguinte, e o seguinte, reconheço meu destino. Encontro minha vida e seu sentido.

A comoção nubla meus olhos e vejo a bela Morte com tranquilidade.

“Muito bem”, ela me diz, “encontraste tua vida. Como farás para não te perder depois?”

Quando a vida perde seu sentido, perde-se no supérfluo, nos adornos, no desimportante. A vida humana cai em um sonho, sonha e se perde, sonha a eternidade, enquanto o corpo se esgota, sonha a felicidade enquanto cresce o vazio.

Quando a vida encontra o sentido, o humano é plasmado no mundo, o humano é expresso e a construção social humaniza a vida, afasta-a da dor e do sofrimento.

Se perder o sentido, se perder a direção da vida, só a contradição e a violência ocuparão sua alma. Se a contradição e a violência ocuparem a alma, será contradição e violência o que você levará à sua gente, à sua sociedade.

- Morte, não me leves, dá-me a oportunidade de converter minha vida e seguir seu sentido.

E a Morte me diz:

- De quanto tempo necessitas para converter tua vida e orientá-la em direção ao sentido, em direção à terra do sol, em direção aos momentos verdadeiros de tua vida? Basta um dia – me diz, sem esperar minha resposta.

- Um dia! – pensei eu, desolado.

- Basta uma hora – repetiu como se soubesse o que eu pensava.

- Uma hora, uma hora – sua voz golpeava em minha cabeça, como se fosse um eco interior.

- Podes fazê-lo agora mesmo – continuou afirmando a Morte.

- Agora mesmo?

Então, senti uma Força impressionante que nascia no centro de meu coração e abarcava todas as células do corpo, uma força que não sei de onde saía, mas era mais forte que minha força física, mais forte que minha força psíquica.

Em pouco tempo, percebi que a Morte havia partido, eu estava só em meu quarto, tudo continuava igual, mas eu já não era o mesmo.

UM CAMINHO SEM FIM

Confundimos o sentido com as metas. Colocamos objetivos para nós mesmos e confundimos a motivação que experimentamos para realizá-los com o sentido da vida. A morte impede de colocar novos fins e não podemos projetar a vida mais além.

Nosso caminho está cortado pelo muro da morte que nos esmagará no momento em que chegarmos a ele. Se tiramos esse muro e imaginamos o caminho sem fim, esse objetivos que pareciam tão interessantes começam a perder seu brilho e parecerão mais como entretenimentos necessários para não contemplar essa travessia infinita e solitária.

Há algo pior do que o muro da morte: a eternidade vazia e desolada.

Para mim, é muito difícil contemplar esses cenários, de modo que os cubro com metas que devo alcançar. Essas metas parecem muito importantes, absorvem-me, mas sua importância radica no fato de que ocultam esse muro e essa solidão.

Confundo o sentido da vida com a motivação que experimento para chegar a uma meta. Nessa confusão, a meta me absorve de tal modo que sou capaz de qualquer coisa para chegar até ela. Se sou capaz de “qualquer coisa” é porque a consciência já se perdeu e, para ela, tudo dá no mesmo, bem ou mal são relativos, dependendo da ajuda que representam para alcançar meu objetivo. Esse modo de viver é um modo de viver no sem-sentido. A morte nos espera no final como a rã que traga a mosca desprevenida com sua longa língua.



Creio seguir em linha reta e, na verdade, avanço em curvas como uma esfera, como se desse a volta em um planeta, em uma galáxia, em um universo. Caminhar por um caminho sem fim é caminhar pelo círculo. O círculo tem um ponto interessante que é seu centro. Enquanto o percorro, creio que avanço linearmente, em direção ao horizonte, no entanto o caminho se curva sem que eu perceba. A todo instante, estou atraído pelo centro. O centro me sustenta a cada momento, me dá energia a cada momento, me dá vida a cada momento. Girarei, girarei, girarei, mas do centro depende cada movimento, em qualquer tempo, no centro está o centro, a vida, o sentido, origem e fim do caminho.

Avanço por um caminho sem fim. Atordoado por metas e objetivos, creio estar percorrendo uma linha infinita, sem saber que vou impulsionado pelo centro de um círculo. Como atraído pela força da gravidade, posso sentir a energia que me empurra e me comunica com ele.

Assim como a água sustenta os barcos pesados que, quanto

mais largos são, maior é a força em direção à superfície, quanto mais consciência tenhamos desse centro, com mais força nos impulsionará em direção ao mundo.

IMPULSO

Poderia parecer que o mundo interno é pequeno em comparação com os bilhões de estrelas que povoam o cosmos ou com a multiplicidade ilimitada com que se manifesta a vida. O mundo interno, que abrange apenas dos olhos até a nuca, não ocupa espaço em comparação com a enormidade do mundo externo e, no entanto, cada vez que você abre os olhos, expande-se a tudo o que percebe. Quando você percebe, está observando também o mundo interno.

O mundo interno afeta completamente essa realidade externa. Não se trata simplesmente de um tingir de acordo com o estado de ânimo em que me encontro. No humano existe intencionalidade. Essa intencionalidade translada o mundo interno para fora do humano, para fora de si mesma, construindo a realidade e não simplesmente tingindo-a com o filtro do mundo interno. Se internamente estamos cheios de contradições e sofrimento, assim também será a concretização da realidade na paisagem externa. Se, ao contrário, estamos em contato com uma verdade ou com o sentido, ah, contemplaremos maravilhados a construção que realizamos.

O que existe nesse mundo interno que a consciência tenta transladar ao mundo externo?

O que buscamos fora de nós mesmos?

Esse impulso é de uma força tal que a consciência está disposta a transformar o mundo inteiro para completá-lo. Está disposta a transformar, inclusive a si mesma, para transladar à existência isso que está guardado bem dentro dela.

Há um mundo interno, há um mundo externo e há um impulso que translada esse mundo interno para fora de si mesmo. A consciência se encontra entre esses dois mundos.

Se negamos o mundo interno, o mundo externo se torna mecânico e vazio. Se negamos o mundo interno, esvaziamos a vida e o mundo de conteúdo e significado. Esse processo é conhecido como desumanização. A desumanização é a negação do impulso que comunica a interioridade e a exterioridade. A desumanização é um olhar que nega a possibilidade de realizar o mundo querido e profundo no exterior.

O humano não é uma forma de vida a mais, alcançada por uma evolução mecânica. O humano não é um modo sofisticado da vida para se alimentar e se reproduzir. O humano é um impulso que vem de muito longe e busca transladar algo muito importante que vem deste lugar longínquo para um lugar que possamos ver e contemplar.

Algumas vezes, você tem diante de seus olhos a imagem ou som daquilo que traz de tão longe e, então, entra em um momento extraordinário, uma emoção como se todo o bem lhe fosse entregue junto, transbordando-o. De fora, quem o observa não vê nada especial, no entanto você está em presença dos deuses.

ILUSÃO

Nossa vida está orientada por devaneios que queremos realizar. Esses devaneios estão relacionados com o poder, o dinheiro, a fama, o sexo, a estabilidade. Perseguindo esses devaneios, acreditamos estar nos aproximando da felicidade. No entanto, o que vou encontrando é a dor e o sofrimento.

Durante a maior parte de nossa vida, a pergunta pelo sentido é uma pergunta falsa. Formulamos tal pergunta a partir da cabeça, como divertimento intelectual, mas nosso coração e nossa

ação estão impregnados de numerosos devaneios e desejos que vivem em nós. Apesar do jogo intelectual que possamos exibir, sentimos que, conseguindo esse cargo, esse salário, esse homem ou essa mulher, preencheremos nossa existência.

Essa perseguição dos devaneios, dos desejos e do prazer é o funcionamento normal da consciência em estado de vigília. Assim como é característico do sono que diminua totalmente nossa capacidade de receber informações do meio externo e nos enchemos de imagens oníricas e fantasias, ficando o corpo imóvel na cama, também é próprio da vigília cotidiana perseguirmos nossos devaneios e desejos e nos mobilizarmos em sua busca. Eles me tomam e, possuído por eles, acredito que tenho sentido. Efetivamente, o sentido é realizar esse devaneio. Se quisermos ser francos conosco nesses momentos, devemos responder à pergunta pelo sentido, dizendo que o Sentido da Vida é conquistar essa pessoa que me excita (ou me inspira) ou coisas desse tipo. Isso não tem nada de mau, é assim que funcionamos, não há liberdade nisso, nem sequer quando perseguimos a causa mais nobre.



Seja porque não alcanço o que persigo ou porque finalmente completei meu afã, sempre há um momento em que experimento o fracasso. É então que posso produzir mudanças importantes na direção de minha vida. Ali tenho em minhas mãos, por um breve momento, a rota da liberdade. Logo, voltarei à caça de um novo devaneio e este me fará acreditar que ele é a razão máxima pela qual eu e toda espécie humana existimos. Por isso, o fracasso é tão importante, porque por um instante deixamos de estar hipnotizados. É um breve momento em que podemos ver o real, o que está além da mecânica ilusória. Em vez de nos ressentirmos com os aparentes culpados pelo fracasso de nosso

devaneio, tomamos contato com algo em nós que desperta de uma ilusão.

Há algo mais além? Há algo mais além de meus anseios que parecem tão importantes e vão se esfumando à medida que a vida passa?

Claro que sim, há algo mais e isso é incrível.

Presos em nossos devaneios, é muito difícil pesquisar esse algo mais. Não podemos encarar de frente e, ao longo deste livro, vamos dando voltas, rodeando o tema. Recorremos a experiências extraordinárias, resgatamos os momentos de ruptura da ilusão que chamamos de fracasso, estudamos o processo da vida e tentamos intuir uma direção na história.

Esse algo mais é o real, o que existe, o que verdadeiramente existe e abre caminho através dos sonhos e dos devaneios, dando um sentido à vida e à história. “Algo mais” se expressou na origem do universo, depois na origem da vida, mais adiante na inconsciência dos vegetais, no profundo semissono dos animais e continuou se expressando no devaneio dos seres humanos.

Os devaneios e desejos não apenas traduzem nossas carências, não apenas compensam nossas necessidades, eles transportam, traduzido, deformado e convertido em caricatura o “algo mais”: o sentido do ser.

HISTÓRIA

O surpreendente não é o caos, mas que neste emaranhado de desejos, violência e fúria, a vida, a consciência e o humano continuem sua evolução. É bem impressionante que, no magma do caos, tenham se formado os sóis, os planetas e tudo isso que vemos placidamente girar em harmonia. Quando o caos original alcançou sua estabilidade e se criaram os universos, qual era a necessidade da aparição da vida? Essa vida nascente foi, por sua

vez, um magma criativo que se manifestou na multiplicidade. Porém, uma vez que a vida alcançou sua estabilidade, regenerando-se para sempre, que necessidade havia de que aparecesse a consciência? E apareceu a consciência cheia de forças em luta, de imagens, de ficções, buscando sua estabilidade.

A história também é um caminho sem fim, também é circular.

No entanto, costumamos representá-la linearmente e nos parece que é um constante progresso. Nos sentimos muito superiores a nossos antepassados pré-históricos, como se descobrir o fogo e a linguagem fosse mais simples do que o chip do computador. A crença no progresso nos tem iludido e, em alguma curva da história, perceberemos que isso não é assim. Queiram nossos guias recordar-nos nesse momento a oportunidade que nos dá o fracasso para tomar contato com o real.

Há um centro em torno do qual a história gira. Em cada espiral, vamos nos distanciando desse centro e, em cada fracasso, vamos nos aproximando dele. Damos voltas, enquanto o centro tenta sua realização, expandindo-se em círculos concêntricos.

Imagino que, a essa altura, você esteja me perguntando o que é esse centro. Gostaria de lhe devolver a pergunta: o que você acredita que é esse centro e qual é sua natureza?

O círculo poderá se expandir ou se contrair, percorrer seu perímetro, poderá levar mais ou menos tempo, mas o centro permanece imutável no mesmo instante, irradiando a mesma energia e atraindo cada ponto da circunferência com a mesma força. Nesse centro está a razão pela qual a linha se curva, por que um caminho termina em seu começo, por que há expansão, por que há concentração, por que eu, por que você, por que ontem, por que amanhã.



Antes da consciência, apareceu a vida e, antes dela, havia a matéria e, anterior à matéria, havia um centro e desde lá se realiza a matéria, a vida, a consciência e continua se desenvolvendo em direção à supraconsciência.

Nesse processo de criação, apareceu o humano. A ciência o reconhece há alguns milhões de anos nos primeiros hominídeos, mas talvez esse impulso que translada o não existente para a existência acompanha a evolução desde o início do tempo. Assim, a matéria inerte se comoveu e despertou a vida, e a vida despertou a consciência, e a consciência vislumbrou a liberdade e, com ela, a possibilidade de negar o sentido e eleger a destruição. A consciência, recuperando-se de sua sonolência, reconhece a presença do humano.

O humano, maravilha inexprimível, como o próprio centro de onde provém tudo. O humano pode fortalecer o sentido, inventar ou rejeitar todo sentido e preferir o nada. Essa chispa criadora e autônoma em meio às circunferências em expansão.

É porque existe sentido que é possível eleger o nada ou experimentar o vazio. Porque há sentido é que minhas ações têm sentido ou não têm. É o Sentido o que impulsiona a sair do sem-sentido e a desacreditar na morte.

Somos empurrados por um sentido e somos atraídos por um sentido. O sentido está atrás de nós e adiante. Não o vemos, porque olhamos para o horizonte que supomos ser infinito, sem poder perceber que este se curva.

O humano é o impulso que busca transladar o sentido ao tempo e ao espaço. Isso é o que chamamos de humanização. O humano pode também negar o sentido e negar-se a si mesmo e é o que chamamos de desumanização. Humanizar é descobrir o sentido em nosso interior e expressá-lo nesta nossa terra. Esse sentido será traduzido de muitas maneiras em sucessivas épocas, até realizar a sociedade verdadeiramente humana. Essa

sociedade imaginada pelos homens e mulheres de todos os tempos, imagem que nos acompanha desde muito antigamente, desde tempos imemoriais, e aparece em cada canto da história e nos inspira para que encontremos o modo de fazê-la existir.

A desumanização é o eclipse do humano, a expressão do nada. É esvaziar de significado o mundo externo e o mundo interno. Nada importa, tudo dá no mesmo, a vida é corpo e o corpo se esgota. Nada significa nada. É o sem-sentido que esvazia o coração humano. Não há nada pra construir, nada para fazer, nada em que acreditar.

A luta sempre foi entre humanização e desumanização, entre sentido e sem-sentido, entre esperança e frustração, entre violência e não violência.

Toda ação que contribui para humanizar a sociedade, para vencer o sofrimento, tem sentido, e toda ação que não contribui para isso, não tem sentido. Cada ação que ajuda os outros a vencer a dor e o vazio se comunica com a profundidade do ser e o humano ganha existência. O humano se torna ser.

É possível despertar a Força e encher a vida de esperança. É possível nos unirmos a outros, é possível resistir à violência e é possível realizar ações que fazem crescer a vida e o humano.



PERDIDOS

Pânico e depressão. O desmoronamento da verdade. Em busca do centro. Projeção do mundo interno.

PÂNICO E DEPRESSÃO

Um dia você entra sozinho em um bosque repleto de grandes árvores, fica sozinho por uma hora. Ao regressar, percebe que todas as árvores parecem iguais. Os galhos que foi quebrando como sinais se confundem com outras rotas, por causa dos animais que passaram ali anteriormente. Em pouco tempo, não sabe se vai ou se volta, se está se afastando ou se aproximando, enquanto as horas passam e a noite se aproxima. Logo, é tomado pelo desespero e corre, tentando reconhecer por onde chegou. O coração palpita cada vez mais forte, quer escapar do corpo e você cai no chão em amargo pranto.

Não é suportável estar perdido. Há algum tempo, visitei uma caverna com um amigo. Nos esprememos por lugares estreitos e, cada vez que o túnel se bifurcava, eu fazia uma marca para distinguir a trilha de onde viemos. Ao regressar, os túneis tinham muitos sinais desenhados, que visitantes anteriores haviam deixado ali, e não apenas as linhas que eu havia feito. Continuei durante algum tempo, como se nada estivesse acontecendo, mesmo sabendo que as pilhas da lanterna se esgotavam. Em pouco tempo, entrei em pânico. Não é possível permanecer nesse estado por muito tempo, é insuportável. Em determinado momento, pensei ter encontrado o caminho e me convenci de tê-lo achado. Tranquilei-me um pouco e segui com convicção. Não era.

Quando cai por terra aquilo em que você acredita sem duvi-

dar, quando algo que tem como verdade indubitável evidencia sua falsidade, você luta contra as evidências tentando desesperadamente negá-las. Pretende, desse modo, afirmar que essa crença, que sua pele já sabe que é falsa, continua vigente. Nessa luta, a consciência se perde e entra em pânico.

O pânico é uma resposta que damos ao não aceitar que estamos desorientados e perdidos. A desorientação se produz ao revelar-se como falsa uma verdade em que nos afirmamos. Quando a certeza deixa de ser certeza e se converte em possibilidade e, por último, em falsidade, a consciência se perde. Nessa vertigem, você trata de avançar como se nada tivesse acontecido, mas cambaleante, sente-se morrer, desespera-se e entra em pânico.

O amigo que me acompanhava na caverna quando nos perdemos, em vez de avançar, começou a retroceder. Retrocedemos, retrocedemos, até que chegamos a um lugar que ambos reconhecemos e nossas pegadas ainda estavam presentes. Sem dúvida, era o lugar onde havíamos descansado. A partir dali, reiniciamos o retorno. Com cuidado, regressamos seguindo nosso próprio rastro, reconhecemos onde nos desviamos e encontramos o caminho correto.

Guardei esse ensinamento em minha memória.

Quando você está perdido e acelera para escapar da situação, se não se detiver, entrará em pânico. Pare ou se tranquilize, se você já estiver nele. Então, retroceda até reconhecer algo verdadeiro em algum momento de sua vida. Retroceda mais, não force para que a mentira pareça verdade. Quando reconhecer com sinceridade alguma verdade em você mesmo, simples, suave, sem decoração, então, a partir daí, inicie novamente a rota, devagar e logo encontrará o ponto em que você se perdeu e poderá continuar – desta vez, sem se equivocar.

Algo que você acreditava ser muito sólido desmoronou. Não

tem onde se afirmar e já não estão ali aquelas rochas que dão sinais para que você se localize. Você quer continuar como se nada tivesse acontecido, mas não pode, o cenário mudou e você não reconhece nada que possa orientá-lo. Primeiro, você desconsidera os sintomas de angústia. Insiste, não pode ser que as coisas não sejam como acredito que são. Quando decide reagir, já é tarde: o desespero e o pânico o capturaram. Nessa situação, você tem de encontrar um refúgio. Retroceda até encontrá-lo, retroceda e encontrará a pessoa ou o lugar onde se sentirá a salvo. Ali, reflita sobre esse mundo que desmoronou e já não existe. Esse mundo, isso em que você colocou toda sua fé e já não existe. Aceite o fracasso, repousada verdade daquele que sofre, e uma tranquila esperança iluminará suavemente seu caminhar.



A outra cara do pânico é a depressão. São respostas epocais a uma mesma situação. A raiz de ambos está no fato de que o mundo veio abaixo. Não o mundo, aquilo que acreditava que eram as máximas que sujeitavam seu mundo.

Você chega à depressão seguindo expectativas que vão orientando seus passos. Você segue tais expectativas durante boa parte da vida. Essas expectativas não o levaram a parte alguma e, em vez de refletir sobre a falsidade delas, você prefere encontrar os culpados pelo fato de que as coisas não aconteceram como você esperava. O ressentimento o carcomerá até deprimi-lo. Logo, você estará em um espaço plano, desértico, em que não corre a mínima brisa, dá no mesmo aonde você vá, porque a paisagem não varia em nenhuma direção. É o sem-sentido. Chame-o de depressão, se preferir. Nesse lugar desolado, você esqueceu suas expectativas, ocultou seus desejos e até os culpados perderam a carga que o irritavam. Lembre-se deles, você não chegou aí por acaso, seguiu ídolos enganosos, lembre e

reconheça que eles não o levam a lugar algum, a não ser o deserto em que você se encontra. Aceite o fracasso, repouso do caminhante, afetuoso encontro consigo mesmo, intersecção de todas as suas buscas.

O DESMORONAMENTO DA VERDADE

Empreendo a viagem em direção ao destino. Vou de carro e me acompanham alguns amigos. Como não conheço o caminho, eles vão me indicando a rota, fazendo-me dobrar à esquerda, à direita, seguir em frente, subir e descer. Passa o tempo e tenho dúvidas de que estamos indo bem.

Ao meu lado, meus companheiros de viagem insistem que acelere, asseguram-me de que vou bem. Continua passando o tempo e, um a um, meus amigos começam a ficar em silêncio e seus rostos refletem ignorância e preocupação. Irrito-me porque creio que me enganaram. Logo, me acalmo, nem eles, nem eu sabíamos aonde ir.

Olhamos a partir de um ponto de vista. Porém, esse ponto de vista está afirmado em certas coordenadas que não costumo ter presentes. Trata-se de crenças básicas a partir de onde olho. Crença é tudo o que consideramos como verdade indubitável. Essas verdades estão tão acima de qualquer dúvida que é até difícil saber quais são. Há momentos em que essas crenças são derrubadas e simplesmente não podemos acreditar nos dados que nossos sentidos entregam. Incrível! – dizemos. No dia em que caíram as Torres Gêmeas, em 2001, nos Estados Unidos, víamos a imagem pela televisão repetidas vezes, não por morbidez, mas porque o dado não conseguia ser assimilado. Não se derrubou apenas um edifício, mas também uma verdade indubitável. Nessas crenças básicas se afirma o olhar para dirigir-se ao mundo. São o que há de firme. Se forem derrubadas, nosso olhar dança, estamos perdidos, desorientados.

Vivemos em uma época cuja tecnologia nos colocou às portas de conquistar as estrelas, de prolongar a vida, de vencer a dor. Uma época com todas as possibilidades materiais e, no entanto, 80% de nós estão abaixo do nível da pobreza; a vida tornou-se insegura, a delinquência já é um fenômeno de massas, o terrorismo está prestes a ter capacidade nuclear e química. O projeto de futuro é defender-se dos perigos que a própria sociedade vai gerando. Uma época em que os companheiros de viagem, aqueles que diziam que estamos indo bem, calaram-se e seus rostos desfigurados refletem medo e confusão.

Esses companheiros de viagem são as ideologias que já não orientam a ação humana, e as religiões, que adoeceram de fanatismo. A ideologia do dinheiro ainda está de pé. Parece chocante que falemos de dinheiro como uma ideologia ou como uma fé? Acreditamos que com ele podemos obter tranquilidade, saúde, educação, cultura e diversão; acreditamos que ele rege governos e destinos. Sem dúvida, está na raiz de boa parte de nossas angústias e depressões, porque supomos que nada é possível sem ele.

Vivemos nesta época, neste mundo, neste tempo, compartilhamos este momento histórico e temos que enfrentar a situação. A situação é de crise geral e nos afeta direta e pessoalmente.

Nada importante funciona, nada oferece fundamento e o que parece funcionar deixará de fazê-lo. Apegamo-nos a uma ideologia e esta nos leva à violência, nos apegamos a um credo e temos que justificar por que uma parte quer destruir a outra, nos apegamos à família, mas a família também está em crise; as tradições servem de refúgio nostálgico, mas não nos ajudam na hora da ação. Quais são os sinais para não nos perdermos, qual é esse terreno firme por onde podemos caminhar, qual é o cajado em que posso me apoiar para subir a montanha? São meus pés

que tremem ou é a terra que estremece? Seguro-me nessa rocha rígida que está ali por séculos, mas ao pousar minha mão sobre ela, cai estrondosamente. Estamos em perigo e cuidado com a árvore em que você se apoia, porque pode se transformar no monstro que o devorará.

Tampouco podemos ansiar por um passado perdido, porque antes também não vivíamos no melhor dos mundos; a injustiça, a violência e a discriminação eram, como agora, nossos amos.

Qual será o futuro? Estamos à beira do estampido da espécie, descontrolada, destruindo tudo que encontra em seu caminho ou diante de uma oportunidade maravilhosa para encontrarmos com o verdadeiramente humano?

Essa desestabilização continuará como essas cartas do baralho que, quando cai uma, empurra a seguinte e esta, por sua vez, a próxima. Depois da tempestade, vem a calmaria. Isso é assim, mesmo que pareça que o mundo vem abaixo. Porém, em algo teremos de nos sujeitar durante a tormenta e algo teremos de fazer durante a calmaria.

Não é possível frear uma crise, assim como não é possível deter a força da água quando uma represa se rompe. A represa se rompeu porque já era pequena para conter o rio. Precisamos de novos materiais para construir e conter muito mais água, por muito mais tempo. Esta é a oportunidade da crise; não a escolhemos, coube a nós estar aqui neste tempo, não a produzimos, ela caiu sobre nós, não nos resta alternativa senão encontrar essas novas verdades que nos deem referência e nos orientem em direção ao sentido.

EM BUSCA DO CENTRO

Estava no meio de uma multidão. O burburinho era grande e era preciso falar muito alto para que o vizinho escutasse. Era impossível

avançar e, no meio das pessoas, alguém tocava uma música celestial. A multidão, excitada, empurrava com cada vez mais força para chegar onde estava o músico. Dei-me conta de que jamais o alcançaria e esse som maravilhoso logo se esfumaria. Um choro de desespero nublou meus olhos. Então, parei, fechei os olhos e aguicei o ouvido. A princípio, escutava apenas minha decepção. Quando a decepção se aquietou, escutei o ruído das pessoas que, aos empurrões, tentavam chegar ao centro. Nesse ruído de multidões, estava o que eu buscava. Aguicei ainda mais o ouvido e aquietei a expectativa, sem prestar atenção ao barulho. Logo, escutei um acorde. Quando o eco dessa música de estrelas roçou meu ouvido, meu coração se sobressaltou e suas batidas apagaram o som que recém me alcançava. Ao me verem tão concentrado, meus vizinhos fecharam os olhos, imitando minha atitude, e um silêncio se estendeu ao meu redor. As notas chegavam com mais frequência e mais claramente. O círculo de vizinhos silenciosos também crescia e, em determinado momento, por um instante, uma melodia que eu não sabia exatamente de onde vinha nos preencheu.

Se quero encontrar o Sentido, a única hipótese possível é que ele efetivamente existe. Existe um sentido, uma fonte emanadora, um centro irradiador que está constantemente emitindo seu sinal e afetando o humano.

Encontrá-lo significa reconhecer que somos afetados por esse centro; que, mesmo quando nossas motivações são impulsionadas por nossos devaneios e desejos, no pano de fundo está operando outra coisa.

Não sei quantas resistências você experimentou no parágrafo anterior. Relaxe para que possamos desenvolver um pouco mais.

Sartre, em *O existencialismo é um humanismo**, tenta discorrer honestamente sobre todas as possibilidades de que Deus não existe. Assim, afirma a condição humana de tornar-se livre na existência. O que estamos falando nos afasta dessa concepção e coloca em questão que o fato de que exista um sentido prévio à existência anule a liberdade humana. A vida é prévia à existência e, ao decidir se quero viver ou deixar de fazê-lo, estou afirmando a liberdade humana. Um sentido pode ser prévio à existência e, ao aceitá-lo ou rejeitá-lo, estou afirmando também a liberdade humana.

A razão sempre tenta aprisionar o sentido da vida. Trata de explicá-lo, formulá-lo, generalizá-lo e, frequentemente, cai em um terrível sem-sentido, às vezes até um sem-sentido assassino. Talvez isso aconteça porque confundimos razão com intelecto e chamamos de “irracionais” as coisas que o conceito de razão deveria contemplar. De qualquer maneira, uma certa humildade da razão, um reconhecimento também de seu fracasso, ajudaria nossa atitude de busca.



Em geral, chamamos de sentido a motivação de nossas ações. Entretanto, em algum momento, seja porque cumprimos nossas aspirações ou porque foi impossível cumpri-las, esse sentido que as impulsionava se esgota. A hipótese é que há um sentido que não termina com a realização de nossas ações, nem com a concretização dos projetos que empreendemos. Esse sentido se transluziria ao longo de nossa vida, apesar de não estarmos conscientes dele. Um sentido que não se debilitaria com o transcorrer, nem mesmo quando terminasse a vida.

Se tal coisa existisse, deveríamos notá-la de alguma maneira, ao lançar o olhar sobre nossa biografia, intuía-la na História.

* “El Existencialismo es un Humanismo” Jean-Paul Sarte (Editorial Edhasa, 1999, Barcelona)

Porém, essa intuição não nos bastaria, teríamos de ter algum contato direto com isso para aceitar sua realidade.

O sinal dessa fonte emanadora teria de ser captado por nós. Caso contrário, tampouco haveria maneira de esse sentido influenciar nossa ação. Se há um sentido operando, de algum modo, a consciência tem de captá-lo. Esse sinal tem de estar mesclado com todo o ruído da própria consciência, sendo muito difícil poder diferenciar a informação que provém da vida diária daquela que provém de algo imortal. Apesar desse rebuliço no interior da consciência, o sinal teria que afetar os sonhos, os devaneios e, através deles, a ação. Também deveria afetar os “argumentos racionais” que justificam nossos atos. No meio de todo esse ruído, também estaria o sinal que provém do sentido e que não sabemos reconhecer.

Em Psicologia, muito se estudou sobre traumas, compulsões, instintos que nos manipulam, sem reparar-se suficientemente que pode estar operando ali uma força transcendente que poderia varrer de uma vez com todos esses problemas que nos agoniavam. É certo que, quando estamos confusos, o ruído interno é tão grande que o sinal sutil do sentido é abafado nesse turbilhão. Porém, como seria importante nos equilibrarmos para escutar essa música, e não para cantarolar obedientemente o refrão dos comerciais. A sociedade hoje é desumana e nos enlouquece – uma terapia que não contemple essa premissa é apenas uma técnica de aprisionamento.

Como afinamos o ouvido, como aguçamos o olhar, como acalmamos a tormentosa consciência para experimentar a presença sutil da enormidade?

PROJEÇÃO DO MUNDO INTERNO

Como posso buscar o sentido da vida? Com os olhos, os ouvidos, o olfato? Terá odor o sentido da vida? Quando buscamos um objeto ou realizamos uma ação, fazemos isso com os sentidos e com nosso corpo. Porém, qual é o sentido para descobrir o sentido?

O mundo interior é um mundo cheio de imagens, de labirintos, de sonhos, de sensações. Os caminhos para entrar nele são caminhos escritos na língua dos poetas e suas portas se abrem com a chave dos que buscam a verdade no fundo do coração. O mundo exterior, esse que parece entrar pelos sentidos, se mescla e se confunde com as aspirações, as esperanças e as paixões do mundo interno.

Essa separação entre mundos externo e interno tem sua finalidade pedagógica, mas também é uma concessão com a interpretação que fazemos de nossa experiência direta. O mundo interno tinge totalmente o externo e, além disso, transforma-o, buscando expressar-se nele. O mundo externo impõe suas leis e suas percepções e incita esse mundo interno a crescer e se desenvolver. Esses dois mundos são um só e não é possível observá-los em si. São muito poucas as ocasiões em que temos a experiência de que não há separação entre o externo e o interno, e é nesse momento que conseguimos aproximar-nos da experiência do real. São os momentos extraordinários. Porém, não é o habitual. O habitual é que perambulemos perdidos no mundo externo, alucinados, acreditando que isso que percebemos é a realidade.

Nosso modo ordinário de estar no mundo, modo que chamamos de “vigília”, não é consciente da projeção que estamos realizando sobre o mundo externo. Sabemos disso como elaboração intelectual, mas não é trivial a compreensão de como essa subjetividade é fundamental.

Imagine uma máquina capaz de reagir a estímulos externos de luz e calor. Imagine que essa máquina é como esses projetores de filme. Ao lançar as imagens do filme sobre a tela, a máquina começa a reagir, pelas diferenças de luz e cor que a própria película emite. A máquina reage a algo que ela mesma provoca e, no entanto, nunca sabe disso.

Assim acontece com o estado de vigília da consciência. Projetamos os conteúdos do mundo interno e logo reagimos como se fôssemos alheios a esse drama. Por isso, costuma-se falar da vigília como um estado parecido ao do sono. Em ambos, projetamos os conteúdos do mundo interno. Em um caso, sobre uma tela interna e, no outro, sobre uma tela mais externa e, em ambos, não temos consciência dessa projeção. Tanto no sono quanto na vigília, experimentamos essa projeção como realidade.

O amor que se desperta em mim, sai de mim e veste a pessoa amada. Ele é projetado a partir de mim, mas eu o percebo como se viesse dessa pessoa. O tempo passa, a pessoa parte e nos ressentimos, porque o leva com ela, nos rouba o amor. Nosso romantismo não se estremece com o amante que morre ao morrer o amado?

O amor é algo muito grande, pode crescer, multiplicar-se e está guardado no mundo interno e humano. Como tudo nesse mundo, buscar sair dele. Depois, contemplo-o encantado, mas me esqueço de qual foi a origem dessa beleza.

Assim acontece com todo o mundo interno, o belo e o horrível, projetamos isso e observamos maravilhados ou aterrorizados, sem reconhecer sua procedência.

Assim acontece também com o sentido. Apresenta-se a nós

como proveniente de fora. Se há deuses, estão fora. No entanto, esses deuses têm sua morada no mais interno do ser humano e é ali onde podemos encontrá-los.

Esse sentido vai se plasmando no tempo e no espaço, através do humano. Ao reconhecê-lo, nos comovemos, mas o habitual é esquecer que estamos projetando algo que levamos dentro.



O OLHAR INTERIOR

Despertar. Consciência de si. Esquecimento de si. Transcendência. Meu guia interno. A força.

DESPERTAR

Se for certo que mundo interno e mundo externo não estão separados e pudéssemos por um momento tirar o biombo da consciência e olhar para isso, o que veríamos seria o Todo. Porém, não é possível observar o Todo, porque o olhar sempre vê uma partícula desse todo. O olhar é um ato de consciência que parte de algum lugar desta. Olhamos a partir de uma perspectiva. Não apenas olhamos a partir de um ponto de vista, olhamos para algum lugar. O olhar tem uma direção e também tem uma intenção em relação ao que se olha. Os olhares da consciência permitem captar algo, um aspecto da realidade.

Apesar disso, acreditamos que nossa visão é completa e total. A mesma coisa acontece quando sonhamos. Vivemos os sonhos como se estivéssemos despertos e, da mesma maneira, agora você acredita que está desperto, lendo um livro. No entanto, tudo está tingido por seus sonhos e por seus conteúdos, e você não tem nenhuma consciência disso.

Quando o olhar interior está adormecido, estamos completamente identificados com os estímulos e acreditamos que recebemos os estímulos puros, sem notar o filtro da consciência, sem notar que o que estamos recebendo é reflexo de nossa própria consciência. O olhar interior está adormecido durante o sono e está adormecido também durante a vigília ordinária. Em ambos os estados, a consciência se projeta e recebe de volta essas imagens projetadas. No caso do sono, mescladas com estímulos

provenientes principalmente do intracorpo e, no caso da vigília, com estímulos provenientes também de fora do corpo.



Em todos os estados ordinários de consciência, experimentamos sentido. Em geral, tudo o que fazemos, fazemos acreditando que tem sentido. Envolver-me nos dramas que me são apresentados e, como em um sonho, desconheço os conteúdos internos que estão se projetando nessa situação.

Não haveria necessidade de despertar desse modo alucinado de vida, se não fosse por algumas experiências que se apresentam de improviso e mexem conosco. É como se nos jogassem um balde de água fria. São os momentos em que aquilo com que devaneamos e em que acreditamos entra em choque com os acontecimentos externos e se gera uma separação entre o mundo subjetivo projetado e o acontecimento externo. São os momentos que chamamos de “fracasso”. É o fracasso de um modo de ver ou de interpretar que, subitamente, deixa de servir, e os acontecimentos não conseguem ser integrados no fluxo da consciência. Embora isso nos faça sofrer, é também graças a essa experiência que podemos evoluir. Essas experiências nos tiram do cotidiano, irrompem na vigília adormecida em que costumamos estar, nos sacodem, despertando em nós o olhar interior.

Esse olhar interior é aquele com que, na realidade, você está me lendo, já que, se não estivesse presente, certamente você já teria se entediado há algum tempo. É com esse olhar que você está olhando a si mesmo e comparando isso que vamos conversando.

É um olhar muito tranquilo, muito verdadeiro, que nos aproxima da interioridade e, pouco a pouco, nos levará ao centro, ao sentido, a nós mesmos.

Não é o olhar que critica, nem o que admira, nem o que impõe. É o que observa, que observa sem julgamento e que, com cada julgamento, adormece.

Não é o olhar que força, é o que reconhece o forçamento.

Não é o olhar que dissipa a divagação, é o que vê que não pode evitá-la.

Não é o olhar que me libera do devaneio, é o que observa como me movo nele.

Não é o olhar que preenche, é o que observa o vazio.

Não é o olhar que solta, é o que observa o aprisionamento e o egoísmo.

Não é o olhar da culpa, é o do arrependimento.

É o olhar com que fala meu guia, é o que viaja pelo mundo interno.

Estamos voltados ao exterior. Nossa identificação com os sentidos e o corpo é tamanha que estamos confundidos com as coisas e o mundo. Quando não obtenho a coisa que quero, continuo apegado a ela, ruminando sobre a forma de obtê-la. Estou aderido ao mundo das coisas, colado a ele, obtendo ou não aquilo que me apetece.

O fracasso é uma experiência profunda que desperta o olhar interior e este toma consciência da existência do eu no mundo.

CONSCIÊNCIA DE SI

Nesse despertar do olhar, noto um funcionamento diferente em que começo a reconhecer muitas coisas que considerava “real”, entendendo o real como externalidade, como projeções do mundo interno. Até aqui falamos de devaneios ou tendências, inclusive de compulsões que, vindo de dentro, eram percebidas como vindas de fora. Porém, o que acontece com a fé, o amor, com os deuses, com o sublime, com a bondade e com todas as virtudes humanas? Também estas percebo como fora e isso faz parte de meu modo ilusório de olhar. Assim como a paisagem pode estar carregada com nossa compulsão, da mesma maneira

também poderia estar com nossa virtude. Essa virtude que observo é também algo interno que se projetou e me parece que vem de fora.

*Se te vais amor,
nunca te vais porque sempre estás,
nunca ficas porque sempre vais,
amor que repousa no amado,
bondade que desvanece o abismo,
alegria de todos que inunda,
tua força que também é a minha.*

O olhar interior é o olhar humano, de dentro. Observa a dança do mundo e o humano, visto a partir do humano.

Quando o olhar interno desperta, o humano toma consciência de si, do que é no mundo e do que o mundo é nele.

Posso me espantar com os fantasmas que observo, mas esses fantasmas são apenas guardiães que devem ser tranquilizados para poder chegar à realidade. São o bicho-papão das crianças. Quando nos acostumamos com ele, perdem seu poder e a noite muda de signo e está ali para nos permitir reconhecer o amanhecer.

Aqui nos encontramos com o olhar para ver o sentido, a história e o humano. Algumas vezes, cegará pela própria presença do ser, do si mesmo, do que é.

*A crueldade pode existir, mas a compaixão não morrerá jamais.
A maldade enfeará a paisagem, mas a bondade voltará a pintá-la até a eternidade.*

O corpo morrerá, mas o ser iluminará seus olhos para sempre.

O sentido não é encontrado nas coisas e não é algo que as coi-

sas possam me transmitir. Pelo contrário, vem de dentro, tinge o mundo e logo percebo as coisas tingidas, que me preenchem. Não posso saber disso enquanto durmo, nem quando estou em vigília. Porém, quando o olhar interior desperta, ele pode observá-lo e conhecê-lo.

Esse ato de consciência, esse olhar desperta no fracasso, mas também é possível que uma experiência extraordinária o desperte. Tais experiências aparecem subitamente, sem que se peça, sem querer, sem que eu esteja fazendo algo especial. São totalizadoras, brota uma alegria que vem de dentro ou uma comunhão com tudo e com todos. Se eu tomo contato com algo verdadeiramente importante, isso pode mudar a vida, porque logo me dedicarei a encontrar de novo com isso. É tão grande a distância dessas experiências com relação ao habitual que é muito difícil assimilá-las. Com o tempo, essas experiências vão ficando guardadas no mesmo plano em que guardamos os sonhos.

O ESQUECIMENTO DE SI

Como poderíamos despertar o olhar sem esperar que os acontecimentos nos coloquem em situação de fracasso ou sem esperar que tenhamos uma experiência extraordinária?

Um simples truque para despertar o olhar interior é a lembrança de que existo. Enquanto leio, dou-me conta de que estou lendo, tomo consciência de mim enquanto leio. Em poucos segundos, a consciência se ampliará, você se dará conta das imagens que passam pela cabeça. Você existe, mantém a lembrança de si mesmo, depois se perde, mas rapidamente reconhece que se esqueceu de que existe.

Esse recordar que existo tem o problema de me colocar diante de meus temores.

Para esquecer meus temores, esquecerei também que existo e me embotarei de algum modo, impedindo a lembrança de mim mesmo. Fugirei de mim mesmo, escaparei saindo de mim, afastando-me ou me alienando, identificando-me com o alheio. O olhar estará cada vez mais fora, coincidirá com os sentidos e me identificarei com as coisas, terei partido com elas. Porém, o olhar se externalizará ainda mais, até que eu experimente que sou olhado de fora, julgado pelo outro, por um conjunto ou por algo mais abstrato, como um deus ou uma moral.

Ao observar o eu no mundo, encontro-me com um eu ao qual não estamos habituados. Gostaríamos de nos ver como um Super-homem, mas nos deparamos com Clark Kent. Acreditamos ser Doutor Jekyll e vemos Mister Hyde. Vou em busca de minha ovelha e me encontro com meu lobo, como diz um poema de meu filho que li há pouco tempo. Ao não aparecer o que quer ver, você força e, nesse forçamento, o olhar interior se oculta.



Ao despertar o olhar interior e observar a partir dele, deparamo-nos com os limites do eu. Acontece que esse eu fantástico não é a representação exata do que quero ser e não tem um tempo infinito para consegui-lo. Então, o olhar que observa não resiste a isso e foge, funde-se novamente com o eu e se externaliza. Já não observo o eu; observo o mundo a partir do eu.

Se estou caminhando pela rua e, de repente, vejo algo que me desagrade, minha primeira reação é olhar para o outro lado. É o jogo do avestruz que, ao esconder a cabeça debaixo da terra, pretende que o perigo desapareça. Assim, nosso jovem olhar interior tenderá a ocultar-se cada vez que o despertemos.

Se consegui que você me seguisse, perceberá que, por um instante, pelo menos por um momento, o eu não ocupou toda a consciência, já que havia algo que o olhava. Isso é muito interessante.

Quem o olhava? Se existe algo que olha o eu, isso significa que nem tudo na consciência é eu. Essa intuição que o eu tem de não ser tudo e de que morre pode ser certa. Mas, o que é esse olhar que tem mais profundidade e que olha o eu? Parece que não sou só eu. Aqui, convivemos eu e algo mais.

Para poder fortalecer esse olhar interior terei de aceitar que o “eu” tem muitos limites e que “eu” depende do corpo e morre junto com ele. Porém, com todos os seus defeitos, “eu” tem me acompanhado nesse mundo, é com ele e graças a ele que tenho realizado a vida humana, que é graças ao eu que posso realizar o sentido no mundo. É um bom companheiro e não tem nenhuma culpa por não ser a compensação de meus desejos. Também deverei me conformar com sua extinção, já que se desvanecerá com a morte. No entanto, o que não está claro é que eu seja somente eu. De fato, esse olhar interior que vê o eu pode estar me mostrando outra parte do ser que é mais essencial que o eu e emerge de outra profundidade e que anuncia outra realidade transcendente.

TRANSCENDÊNCIA

*Não somos a dor do corpo,
o corpo passa.*

*Não somos o prazer do corpo,
o corpo passa.*

*Algo grande e sutil vive,
une,
contém.*

A pedra existe e não sabe que existe.

A vida existe e não sabe que existe.

A consciência existe e se esquece de que existe.

*No silêncio da mente,
no fundo do coração,
além do fundo,
algo grande e sutil é sempre.*

Que eu esteja esquecido de mim não significa que eu não exista. Existo, mas sem consciência de que existo. Quando a morte se apresenta a mim com toda sua crueza, o olhar interior desperta e tomo consciência da existência. Resistirei à evidência e tentarei fugir, mas a inevitabilidade da morte me desperta e me lembro de que existo.

Existo, mas quem existe? Eu existo. Eu, aderido ao mundo, às coisas, aos dias, às noites, às horas. Porém, deixarei de existir. Se o que existe é só o eu, a existência se esgota com minha morte. Mas isso pode não ser assim. Quando o olhar interior desperta e observa o eu, quem observa? Esse observador não é o eu, já que o observa. Será o eu o que existe ou será outro ser o que existe e se manifesta através do eu? Quando a morte alcançar o eu, alcançará também esse outro ser?

Tenho consciência do eu – essa é a consciência cotidiana que tenho – mas não tenho consciência desse outro ser. O que sou é o eu? Ou é esse outro ser que se manifesta através do eu?

Se há outro ser que é o que verdadeiramente existe, esse ser deveria transcender o eu e, portanto, a morte. Se há outro ser que é o que verdadeiramente existe, a lembrança de que existo me aproximará da tomada de consciência sobre esse ser.

Se há outro ser que é o que verdadeiramente existe, o eu é o veículo ou o assento desse ser para manifestar-se no mundo. O sentido do eu, então, é servir de suporte ao ser no mundo.

Se há outro ser que verdadeiramente existe, qual é seu sentido?

Será possível tomar consciência desse ser?

MEU GUIA INTERNO

Quando a tormenta sacode meu navio e as ondas me levam à deriva na noite escura, chamo meu guia. Com a suavidade do sol, aproxima-se, e uma força enorme direciona o timão rumo à costa, e não há vento, nem ondas que desviem sua tenacidade.

Meu guia, bondoso como o sol, entrega luz, calor e vida a todos por igual.

Quando te vê alegre, brilha de alegria; quando te vê triste, brilha para te dar sua luz.

Antes e depois havia o sol, meu sábio guia viveu tudo, seu conselho é o conselho da experiência.

Guia, que és a luz da minha vida, quero sentir tua presença enquanto escrevo e que a sinta também quem me acompanha nestas linhas.

- O que vê o olhar interior?

- Teu olhar interior vê o que se vê; vê teu ocaso e teu amanhecer, vê o sentido, mas também o vazio, vê tua esperança, mas também teu naufrágio. Olhar verdadeiro, que olha como olha teu guia, como olha o sol, sem castigo e sem prêmio. Luz que anuncia a presença do sol, origem do olhar.

- Como desperto o olhar interior?

- Segue o Caminho. Pergunte a si mesmo: "Quem sou?" Pergunte a si mesmo: "Aonde vou?"

Cada vez que quiser conectar com o olhar interior, lembre-se de quem és.

Você é seu corpo. Você é seu corpo? Você é o que sente ou o que pensa? Você é aquilo em que acredita. Você é aquilo em que acredita ou que imagina? Você é a energia. Você é a energia de seu corpo, de seu pensamento, de sua ação?

Quem é você?

Cada vez que quiser conectar com o olhar interior, lembre-se para onde vai.

Para seu trabalho. Esse é seu sentido último, será seu trabalho, será sua família?

Para o prazer. Será esse seu sentido, o prazer do corpo?

Para a morte. Tudo termina com a morte ou algo segue mais além?

Para o outro. Estará no outro o sentido que você busca?

Para onde vai?

Olhar interior para ver de um modo novo, olhar verdadeiro para caminhar pelo sentido, olhar humano para nos comunicarmos.



Assim fala meu guia para mim e para você.

- E diga-me, guia, quem és tu?

- Uma representação. Traduzo algo muito importante para que chegue à sua consciência. Sou uma representação de sou.

- E diga-me, guia, quem são os outros?

- Os raios de sol. Às vezes, seus corpos deixam passar sua luz e a vida se ilumina, às vezes seus corpos não a deixam passar e a vida se enche de sombras. Às vezes, seu eu deixa transluzir o sol e, às vezes, a nuvem do eu o cobre completamente.

- E é possível se comunicar?

- As nuvens deixam passar o sol, por momentos o céu se abre.

- Guia, sua companhia foi muito boa, agradeço-lhe por fazer chegar até mim a brisa de outro mundo.

A FORÇA

Percorro mentalmente meu corpo. Uma energia circula ao redor. Sinto uma suave vibração em alguma parte. São minhas pernas e minhas mãos. Agora, noto minha respiração, se agita;

o coração também se agita. Sei, leitor, que você está comigo, que me segue com seus olhos e uma incerteza o percorre, não sabe bem aonde o estou levando.

Agora, sinto a presença de uma energia que está ao redor. Interrompo minha escrita e levo minha mão ao centro de meu peito. Sinto meu coração, minha presença e essa energia cada vez mais fortemente. Você, agora, coloque uma mão no centro de seu peito e sinta a força em você. Essa força é a que dá energia a seu corpo e mente.

Essa é a Força que anima o corpo, essa força é verdadeiramente a vida. É a energia com que sente o coração e com que pensa a mente. É essa força a doadora de vida ao inerte. Há uma ampla discussão acerca do que acontece com essa força quando o corpo morre. Porém, não é porque o corpo existe que a força vital aparece; é porque existe a força vital que a matéria se anima.

Podemos comprovar a presença dessa Força em nós mesmos e talvez possamos reconhecê-la durante a leitura de alguns capítulos deste escrito.

Não é tão fácil determinar a natureza dessa energia. Não é energia mecânica, química ou elétrica. Nem sequer atômica, nem térmica. Falamos de energia vital, mas não tenho certeza de que isso seja tão exato. Fecho os olhos e imagino uma suculenta maçã verde. Que tipo de energia utilizo na imagem representada ou, antes disso, com que energia se gera o ato de consciência?

Para despertar o olhar interior, necessitamos obter energia. Necessitamos dessa Força que circula em nós, mas não sabemos como usar essa energia. Podemos pensar, sentir e agir, mas não controlamos a força que move isso. A energia tende a seguir o rastro que já existe, desloca-se por seus canais habituais. Depois de me repor do sono, em vigília, o olhar se identifica com o eu e, a partir dali, vejo o mundo a partir do eu. Isso é o natural.

Mas, agora, a partir da vigília, quero despertar novamente e internalizar o olhar para ver o eu e o mundo. Necessitarei de um adicional de energia que me permita fazer isso.

O olhar interior não é um olhar natural, ele desperta em momentos muito particulares, que chamamos de fracasso. Porém, podemos despertá-lo, se quisermos, ao fazer o esforço de olhar o mundo e o eu a partir da interioridade.

Para que faríamos esse esforço? Para conhecermos a nós mesmos. Para conhecer o mais importante que se pode conhecer, o fundamento do humano, o essencial, o si mesmo, aquilo que é o que é.

Conhecer a si mesmo não é conhecer nossa externalidade, é conhecer o constitutivo, o que não devém, como diria Platão; o que não morre, como diria Buda.

A importância de superar o sofrimento e a contradição é que estes não interrompam o verdadeiro conhecimento, o conhecimento de si mesmo.

Para poder chegar a esse si mesmo, ao fundamento do humano, experimentar aquilo que dá sentido e orienta as ações a transformar a realidade, precisamos despertar o olhar interior. É ele que nos permite chegar ao centro de nós mesmos.

Esse olhar encontra-se confundido com as coisas do mundo externo. O olhar se perde nos sentidos e achamos que a realidade é a que chega através deles.

Para poder despertá-lo e chegar ao centro de nós mesmos, precisamos aumentar a energia com que habitualmente operamos no mundo.

A Força é a energia que “anima”, que dá vida ao corpo. A força é realmente a vida, é o que está vivo. O conhecimento dessa energia não é pura sensualidade. Não se trata de registros “gostosos”. A força não é uma experiência sensual, seus indicadores se registram como amplitude e luminosidade. Também como a

voz interna do guia que aconselha, consola e orienta.

A Força pode ficar aprisionada, diluir-se ou dirigir-se. A energia da força pode nos ajudar a alcançar um novo estado de consciência, a despertar o olhar interior.

A energia se dissipa pelo sofrimento e pela contradição. Não é o excesso de atividade o que nos esgota; é a ação contraditória o que nos debilita. Existem ações que aumentam minha energia, são ações muito especiais que, quando as realizo, fico com carga, gostaria de repeti-las e me geram um sentimento de alegria e paz. Outras eu preferiria não tê-las realizado – geram sofrimento e me desgastam.

Existem procedimentos para fazer contato com a Força. Muitas culturas em diferentes épocas propuseram procedimentos através de danças, através de sons, de cantos, através de drogas, através de orações para entrar em contato com ela. Silo mostrou um procedimento em sua Mensagem que não requer fumaças nem substâncias, e permite uma aproximação paulatina da Força e da experiência de Sentido.



A QUEDA

Morte e solidão. Degradação. Êxito. A culpa.

MORTE E SOLIDÃO

Há algo mais penoso do que perder o sentido, depois de ter roçado nele?

Por que quando a luz atravessa nossos olhos queremos aprisioná-la e não deixá-la escapar?

O sentido vive dentro de nós. Ilumina a vida, do mesmo modo que o sol ilumina o dia. Não é a noite o que oculta o sol; este se esconde para que possamos conhecer a noite.

A frágil chama de uma vela pode se extinguir, consome-se lentamente, o sopro de um murmúrio pode apagá-la. Durará, por acaso, até o amanhecer? Haverá amanhecer? Os raios do sol acendem a terra e eu, ainda atemorizado pelas trevas, continuo vendo o dia com a luz do candeeiro. Ai de mim, protegido pela luz de um farol, quando é o fogo do próprio sol o que me envolve!

Viajo pelas horas, acompanhado de duas senhoras espantosas. A tenebrosa noite vai se aproximando, quando apenas começa o dia. Com ela, aproximam-se as mulheres que tento afastar com a titubeante chama da vela. Levo a morte e a solidão em minhas costas e adiante de mim; a vela sempre acesa para ocultar o medo simula uma longa jornada sem noites, mas também sem dias.

Quando o sentido se apresenta, o sol aparece pleno, o dia é dia, a noite é noite, e as mulheres se desvaneceram como hologramas atravessados por uma forte luz.

Quando o sentido se esconde, a morte e a solidão, uma de cada lado, vêm comigo aonde quer que eu vá. Nós três cavalgamos pelo tempo. Quando vou para a esquerda, elas viram comigo; quando giro, giram; freio ou acelero, freiam e aceleram com meus mesmos gestos. Não gosto delas, mas me acompanham. Quero evitá-las e me seguem como sombras. Logo, amanhece. Olho para minhas companheiras e já não estão lá, desvanecidas pela intensa luz do dia. Olho para minha sombra e tampouco está lá: serei eu também um holograma? Eu, Morte, Solidão, viajamos juntos. Quando amanhece, o sentido as desvanece. No poente, a contraluz as enegrece, a noite se aproxima, ocultando o sentido, e vemos os três cavalheiros galoparem. Na escuridão total, tampouco posso ver o Eu, mas o som oco dos cascos da Morte e da Solidão golpeando o vazio retumba em meus ouvidos.

*Morte que me abraça e me beija
que me arrepia e me congela,
escapo de ti sem escapar.*

*Morte e eu,
ímã de polo oposto.*

*Eu sem você sou só eu
eu e você
já não sou eu.*

Só eu, solidão e morte.

Só você, morte e solidão.

*Eu e você,
fio invisível de vida,
laço imaterial de além da vida,
você e eu já não somos eu.*

DEGRADAÇÃO

Quanto mais o eu se afirma como eu, mais forte pisarão também suas companheiras.

O ser e o sentido se transluzem através do eu, e o eu acredita ser o ser e o sentido.

Mas, como se consegue que um holograma crie luz?

Essa necessidade do eu de se apoderar do todo não é um erro, nem um problema pessoal, é o modo de funcionamento de um estado da consciência. Essa super imagem que chamamos de eu se diluirá com a morte, ou seja, efetivamente desaparecerá. Assim, o medo de morrer tem fundamento. O eu é mortal e se fôssemos apenas “eu”, chegaríamos apenas até aí. Esse eu traduz instintos básicos de sobrevivência e não está disposto a se dissolver no nada. Essa é justamente sua graça e para isso existe, para sujeitar, para permanecer, para dar a ilusão de que o tempo não se acaba. O eu se apegará à vida, temendo a morte, sua morte.

Porém, esse “eu” não está vivo, é uma imagem da consciência, portanto sua desapareição tampouco é morte. O eu acredita que está vivo e acredita que vai morrer, no entanto, não está vivo e, portanto, não pode morrer. O material do eu é o mesmo dos sonhos e, como as fantasias não são algo vivo, não dizemos “morreu o sonho de ontem à noite”, e sim “despertei do sonho de ontem à noite”.

Se não é o eu que está vivo, quem está? Quem é aquele que observa o eu?

Agora, encontro-me com você. Por um momento, nossos eus se cruzam e se fundem. No instante da fusão, meu eu é um “eu-você”. É um momento de comunicação. Porém, subitamente, o eu se recupera desse atordoamento, busca referências e as encontra na diferenciação com você; meu eu começa a se separar de você e, para fazê-lo, degrada-o e, à medida que a degradação cresce, a solidão me envolve.

Cada tentativa de me aproximar de você, cada tentativa de comunicação é uma tentativa que dilui o eu e este resistirá e manifestará seu existir, sua importância, sua afirmação neste mundo. Para afirmar-se frente ao outro, para não se diluir na experiência de comunicação, degradará, diminuirá o valor do outro, ressaltando-me aos olhos de meu próprio eu.

O egoísmo e o euísmo é o desespero do eu diante de sua morte.

A degradação fecha o caminho do sentido, que busca se expressar no mundo. A expressão do essencial transcende o eu, já que a obra humana se realiza junto a outros e graças a outros. Mesmo que eu tente me apropriar da obra (portanto, degradando-a), a tarefa tem sua origem no sentido e é trasladada ao mundo pelo humano. Posso obter o reconhecimento disso através do contato com outros. São os outros que me permitirão permanecer na tentativa de trasladar o sentido ao mundo. É no reconhecimento do outro, da contribuição do outro, do significado que o sentido está expressando através do outro, que continuarei na tentativa.

Em cada encontro com o sentido – e a experiência de comunicação é isso – desaparece o registro do eu. É muito bonito, mas também desconhecido, não habitual, assusta, creio morrer (efetivamente o morrer do eu), e o eu esperneará para garantir sua existência e degradará a vivência do não-eu.

O sentido abre caminho entre as redes do eu que tentam aprisioná-lo. Apesar de tudo, o ser se transluz em direção ao mundo. Esse esforço do ser para se expressar, essa tentativa humana de moldar o ser no mundo, é o que o eu desconhece como próprio e degrada para possuí-lo. A degradação acontece ao reduzir a enormidade para abarcá-la com a pequenez do olhar. É alargar o ego para que caiba nele o esplendoroso. Comparo, compito e diminuo o outro para que sua grandeza seja contida em meu recipiente.

A degradação rapidamente alcança seu objetivo – logo, tudo será insignificante e nada terá sentido. Começa com uma inocente brincadeira e termina distorcendo toda a situação, ressaltando o supérfluo e minimizando o prioritário. É como abrir um pequeno sulco ao lado de um riacho, que a própria água vai aumentando, tornando-o cada vez maior, até desviar todo o curso.

Detenho-me diante do abismo da degradação e olho para cima da montanha. Comigo vem o incansável ímpeto humano que, através de mim e através de você, voa além de nós mesmos. Não importa quais resistências encontre, não importa quantas muralhas atravesse, não haverá rocha, nem mar que interrompa sua passagem. Isso que vem do antigo se agita dentro de nós e se liberará de toda prisão. Se cair, levantará. Uma após outra, tentativa após tentativa, saltará sobre as sombras. Um esforço, outro esforço e outro mais. Frágil força de tempo imemorial, és o que está vivo. Trazes contigo o sentido e os significados, e juntos os desenhamos a todo momento. O monstruoso não faz mais que te ressaltar, ser humano, e canto a ti e te enalteço. Afasto de mim a neblina da degradação para admirar teu impulso constante, tuas cores intensas e o brilho reluzente que trazes de outros mundos.

A tentativa da consciência para reconhecer o sentido é um caminho valente em que se despossuem algumas apropriações do eu. Entrega-se a glória a um conjunto, descobre-se a magnitude da ignorância e se aceita que o que nos sustenta é a fé. Nessa tentativa em que o eu se desestabiliza, começa uma cantilena interna que reconsidera a situação. Os acertos são pessoais, os erros são dos outros, os acertos dos outros se devem a fatores de sorte ou qualquer outro que nos ajude a minimizar a qualidade do êxito alheio. O meu, o que eu fiz, aumenta e o dos outros se degrada. A degradação é uma reação do eu frente a seu temor de desaparecer.

Creio que esse é um ponto de queda muito habitual para a consciência. Poucas vezes conseguimos transcender a individualidade e nos reconhecer como parte de algo em que todos fazemos parte, que isso nos faz exatamente iguais e que, graças ao esforço das partes, a obra tem consistência no hoje.

Saltar sobre a degradação é reconhecer o outro. Reconhecê-lo para além de seu eu, reconhecer o que o empurra, sua existência, seu fazer parte da existência. Intuir o sentido, abrindo caminho por entre seus devaneios, pressentir a maravilha que vive dentro do outro. Como se faz isso eu não sei muito bem, não é algo intelectual. Aprendo a olhar o inesgotável esforço do humano para preencher o mundo de significado, aprendo a admirar o intento permanente de traduzir o sentido, de humanizar a Terra.

ÊXITO

Depois de inúmeras frustrações, volto a me propor as tarefas e os objetivos que me parecem importantes. Desta vez, busco a melhor atitude, o mais nobre sentimento para levá-las adiante, a paz interna para realizar as ações sem me importar com o resultado e sem ficar prisioneiro da meta que persigo. O olhar se posiciona em um centro interno e dali observa. Início a tarefa proposta.

Em pouco tempo, descubro que tudo acontece conforme o planejado. No entanto, uma pequena ansiedade que confundo com alegria aparece quase sem que eu me dê conta. Logo, minha ação é reconhecida pelos outros e a ansiedade cresce um pouco mais. O tempo passa e meus objetivos mudaram totalmente. Agora, o importante é a meta, e não cada passo; o olhar dos demais sobre o que faço adquire um valor desproporcionado; o sentido do projeto se desvia e consiste em atrair atenção dos demais sobre ele. Passa mais tempo e as pessoas que me acom-

panham se transformam em instrumentos para realizar meus fins; a ansiedade aumenta, uma violência emerge cada vez mais frequentemente. Agora, esqueci completamente qual era meu projeto, o que buscava encontrar através da obra que realizava, só persigo o êxito e este me domina.

O êxito é como uma dessas guloseimas industrializadas que você prova uma vez e depois não consegue parar de comer. Torna-nos ansiosos e começamos a fazer coisas só para conseguir mais e mais. Os motivos originais que impulsionavam a ação são esquecidos por nós e só o que produz êxito nos orienta. Uma aceleração anfetamínica circula por nosso sangue e, quando vamos a toda velocidade, acabamos nos estatelando.

Há muitos anos, visitei Silo com minha companheira, que havia sido recém-eleita deputada. A conversa derivou para a explicação sobre um vírus contagiante em situações de êxito e poder, o “vírus de altura”. Ao atacar, ele produz um transtorno de memória em que o enfermo esquece toda a ajuda que recebeu para alcançar a posição em que se encontra. Só lembra de suas qualidades pessoais, que seriam as que o teriam levado para cima. Para piorar, quando a enfermidade avança, o exitoso não apenas esquece as pessoas que o ajudaram, mas também começa a maltratá-las. Suportar as críticas, por mais duras que sejam, dizia Silo, isso qualquer um faz; mas aquele que é capaz de suportar os aplausos, encontra a grandeza. Depois nos contava do escravo que colocavam correndo ao lado de Júlio César quando ele voltava vitorioso de suas batalhas, sussurrando em seu ouvido: lembra que és mortal.

Os testes mais fortes de nossos projetos começam quando adquirem prestígio. É habitual que, quando se triunfa, os motivos originais do projeto, aquilo que lhe dava sentido, sejam esquecidos; o primário já não é a realização no mundo, mas saciar-se com o reconhecimento dos demais.

Quando o sentido se torna imagem e esta se traduz em projeto, toda nossa ação está carregada de significado. É o ser que se projeta no que realizamos. Nesse momento, o centro está no interno e se translada para fora, projetando significado. Quando chega o êxito e nos perdemos nele, o centro está no externo, na aprovação ou reprovação por parte dos outros. O significado já não é transladado de dentro, mas recebido de fora através de um olhar externo. Não poderei recuperá-lo, até que uma crise me faça refletir sobre o fato e possa retomar os motivos originais da ação.

Como podemos manter o centro quando o êxito nubla nosso quefazer?

Juan Chambeaux, em seu *Vírus de Altura*, propõe uma espécie de antídoto para esse mal, como o senso de humor e o trabalho em equipe. Porém, devemos reconhecer que isso não é nada simples, não temos uma vacina para isso. Penso que o melhor modo de gerar os anticorpos é não temer o contágio. Certamente, quando sairmos da embriaguez do êxito, sentiremos a ressaca, mas nada pior que isso, e teremos aprendido o suficiente para tomar cuidado da próxima vez.

O ponto é poder permanecer na direção em que estamos, quer nos aplaudam ou nos vaiem. É permitir ao sentido expressar-se sem se desviar pelo reconhecimento ou pela crítica.

Talvez sejam temas pendentes do eu, antigos ressentimentos e revanches aquilo que o deslumbre e aprisione no momento do êxito. Mas o ser que habita por trás do eu nada tem a ver com isso, e seu sentido é tão forte que pode ultrapassar as pequenezas.

Queira meu guia que, quando chegue esse momento e esteja expressando em plenitude o sentido no mundo, este me acompanhe para aceitar com paz interior a situação que esteja vivendo.

A CULPA

A culpa é um nó de sofrimento que aprisiona o ser humano desde tempos imemoriais. Parece que fizemos algo mal no primórdio dos tempos e esperamos ser redimidos por nosso sentimento de culpa, geração após geração. A culpa está associada ao castigo e supomos que o castigo pode ser liberador.

Culpa e castigo se retroalimentam, não podendo saciar-se um com o outro. Em *Crime e Castigo*, Dostoievski relata que Rodion Raskólnikov assassina uma idosa para demonstrar que um ser superior pode realizar qualquer ato sem remorsos. Tudo sai bem, até que seu brilhante intelecto dá lugar a seus sentimentos e toma contato com o sofrimento. Então, Rodion aceita seu castigo e, através do amor e da compaixão, tratará de redimir sua culpa.

Lembro-me de estar brincando com umas babás em minha casa de campo quando tinha uns 10 anos. “Os judeus mataram Cristo”, elas me diziam. Eu sabia quem era Cristo porque no colégio as aulas eram iniciadas muitas vezes com um “pai nosso que estás no céu”, enquanto eu rezava o “shema Israel”, que minha família me ensinou. Que Cristo tinha sido crucificado eu também sabia, mas que os judeus haviam sido responsáveis por essa execução era mais difícil de engolir. Se isso estava certo e eu era judeu, que responsabilidade me caberia?

Já saindo da infância, uma ditadura militar tomou o poder à força em meu país. Enquanto essa ditadura cometia atos atrozes contra as pessoas, havia um dilema que eu não conseguia resolver: que responsabilidade têm os partidários desse regime que fecham os olhos aos clamores dos que sofrem e sentem dor?

Mais adiante, quando a meu lado morre minha mulher, que responsabilidade me cabe?



Talvez o lugar onde o sentimento de culpa esteja mais bem exemplificado seja no mito bíblico de Abraão. Não basta a Abraão dizer: “Matarei a meu amado filho porque Deus assim me pede e, portanto, o ato será justificado”. Abraão sabe que o ato não será justificado e que Deus está condenando-o à culpa eterna.

Soren Kierkegaard relata em *Temor e tremor* que a única coisa que verdadeiramente lhe interessava na vida era compreender o que se passava na cabeça de Abraão nos três dias em que viajou ao monte Moriah, onde Deus lhe pediu que sacrificasse seu amado filho Isaac. Kierkegaard vai desenvolvendo os argumentos para elucidar se Abraão foi efetivamente o modelo da fé ou se era, na verdade, um assassino em potencial. Deus deteve o braço que sustentava a faca do sacrifício antes que atravessasse o coração de Isaac, mas depois dessa experiência Abraão não voltou a rir e a culpa ocupou seu coração.

Cópia de *Mitos raízes universais** de Silo o relato que ele faz desse mito que nos acompanhará para elucidar esse nó de sofrimento.

“Muitas gerações se passaram, desde os primeiros pais até o Dilúvio. Depois deste, quando Jeová estendeu no céu o arco-íris para selar seu pacto com os homens, seguiu reproduzindo-se toda semente. E, assim, em Ur de Caldeia, Taré tomou seu filho Abraão e Sarah sua nora e os levou às terras de Canaã. Depois, Abraão e Sarah foram para o Egito. Tempos depois, regressaram a Hebron. O gado e os bens de Abraão haviam crescido, mas seu coração foi tomado pela tristeza, porque nessa idade não havia conseguido descendência.

* Obras completas, Vol I (México: Plaza y Valdés, 2002).

Abraão já era velho quando fez conceber sua serva Agar. Porém, Agar e Sarah tornaram-se inimigas. Por isso, Agar foi para o deserto e levou com ela sua aflição. Então, um anjo se apresentou e lhe disse: 'Concebeste e, ao dar à luz, chamarás teu filho de Ismael, porque Jeová ouviu tuas preces. Ismael, portanto, significará 'Deus ouviu' e sua descendência será numerosa e os povos deles habitarão os desertos, não adorando a Deus pelo que o olho vê, mas pelo que escuta o ouvido. Assim, rogarão a Deus e Deus os ouvirá.' Muito depois, Sarah concebeu já anciã, mas seus descendentes e os de Agar mantiveram a disputa que começou entre suas mães, ainda que Abraão fosse pai de todos e a todos quisesse como seus filhos.

Em determinado momento, Deus disse: 'Mais adiante, não te chamarás Abraão, mas Abrahão, porque serás pai de uma multidão e Sarah será nomeada como Sara, como princesa de nações. Quanto a teu filho e de Sara, chamarás de Isaac.'

Aconteceu depois dessas coisas que Deus testou Abrahão e disse a ele: 'Abrahão'. E ele respondeu: 'Eis-me aqui'. E disse: 'Toma agora teu filho Isaac a quem amas e vá à terra de Moriah oferecê-lo lá em holocausto sobre um dos montes que eu te direi'. E Abrahão se levantou de manhã muito cedo e selou seu burro e tomou consigo dois de seus servos e Isaac, seu filho, e cortou a lenha para o holocausto e se levantou e foi ao lugar que Deus lhe disse. Ao terceiro dia, Abrahão levantou seus olhos e viu o lugar ao longe. Então, disse Abrahão a seus servos: 'Esperai aqui com o burro e eu e o garoto iremos até ali e adoraremos e voltaremos a vós'. E pegou a lenha do holocausto e colocou-a sobre Isaac, seu filho, e tomou em suas mãos o fogo e a faca e foram ambos juntos. Então, falou Isaac a Abrahão, seu pai, e disse: 'Meu pai'. E ele respondeu: 'Eis-me aqui, meu filho'. E ele disse: 'Eis aqui o fogo e a

lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?’ E Abrahão respondeu: ‘Deus se provará de cordeiro para o holocausto, filho meu’. E iam juntos. E quando chegaram ao lugar que Deus havia lhe dito, Abrahão edificou ali um altar e compôs a lenha e atou seu filho Isaac e colocou-o no altar sobre a lenha. E estendeu Abrahão sua mão e tomou a faca para degolar seu filho. Então, o anjo de Jeová deu-lhe vozes do céu e disse: ‘Abrahão, Abrahão’. E ele respondeu: ‘Eis-me aqui’. E disse: ‘Não estendas tua mão sobre o garoto, nem faças nada, porque eu conheço que temes a Deus, porque não me recusaste teu filho...’ Então, ergueu Abrahão seus olhos e olhou e viu às suas costas um carneiro amarrado com uma corda por seus chifres e Abrahão foi e pegou o carneiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho. E chamou Abrahão o nome daquele lugar Jeová proverá.



Talvez, até a sua morte, tenha ficado presente no coração de Abrahão a angústia da terrível prova. E, assim, disse a si mesmo mais de uma vez: ‘Jeová repudia o sacrifício humano e, mais ainda, do próprio filho. Se ordena o holocausto, não devo acatá-lo, porque seria desobedecer sua proibição. Porém, negar o que ele manda é pecar contra ele. Devo obedecer algo que meu deus repudia? Sim, se ele assim o exige. Mas minha torpe razão atormentada luta, além disso, com o coração de um pobre ancião que ama aquele impossível que Jeová lhe deu tardiamente. Não é essa a prova da devolução do riso que contive quando me foi anunciado que nasceria meu filho? Não é o riso que Sara ocultou quando escutou tal vaticínio? Por algo Jeová indicou o nome de Isaac, que significa ‘riso’. Eu e minha mulher éramos já velhos quando nos foi dito que teríamos esse filho e não pudemos acreditar que tal coisa fosse possível. Será que Jeová brinca com suas criaturas como uma criança brinca com

areia? Ou será que, conhecendo sua irritação e seu castigo, descuidamos de que também nos testa e ensina com a burla divina?".

Chamo novamente meu guia, entro em mim mesmo e me conecto com essa quietude que parece viver em mim e que quer falar através de minha boca e escrever através de meus dedos. O que é a culpa, como impede minha comunicação com o sentido, como salto sobre ela para que o sentido continue a se expressar no humano?

Um universo de bondade está guardado dentro de nós. A bondade se transporta desse mundo espiritual ao mundo do tempo. As resistências que a bondade encontra para se expressar no mundo são experimentadas por nós como culpa. A culpa é a dificuldade que a bondade encontra para tingir o mundo do humano.

A maldade não tem existência no ser. Quando a bondade se oculta, aparece a maldade, assim como a noite aparece quando o sol se oculta.

Essas resistências que a bondade encontra para se realizar são nós que não sabemos desatar. Esse nós aprisionam a luz do sentido e atuamos impulsivamente sem essa guia.

Não podemos esconder a culpa, porque a irradiação da bondade sempre a ilumina. Basta que a culpa se ponha de lado para que passe sobre ela e se realize no mundo.

Como deixar de lado a rocha que pus no caminho da luz?

A inesgotável fonte de bondade não deixará jamais de emanar sua água. Não existe culpa que possa fechar a torneira dessa fonte. A culpa escurece o olhar, mas a fonte sempre está lá.

Há aqueles que creem ser os guardiões dessa fonte e levantam o dedo acusador para avivar suas culpas. Só você é o guardião da fonte. Esses que sobem nos pedestais e proclamam ter a custódia

da moral, esses de olho inquisidor, ignóbeis que querem apagar a nobreza de seu coração, deixa-os falando sozinhos, não tenha medo deles, não se irrite, ria e continue seu caminho. Ria e que seu riso envolva como um escudo protetor tudo o que tentam envenenar.

A fonte maravilhosa, emanadora da bondade, continua ali, com as águas melodiosas e multicoloridas. Não importa a quem você quis causar dano, não importa o que você acredita ser capaz de fazer, nem sequer importa o que você efetivamente foi capaz de fazer, essa água é do mundo imortal e não cessará até ser bebida por cada mortal.

Qual é a culpa, então?

Olho em seus olhos e pergunto: se por algum procedimento você pudesse extrair a culpa de seu coração, seguiria agindo do mesmo modo?

Você acredita que é a culpa o que motiva a ação que redime?

É a bondade o que motiva a ação bondosa, e não a culpa. A culpa é só o impedimento para sentir a água fresca da fonte.

Um acidente afetou sua vida e você negou a vida. “Não há tal bondade lá, no profundo, porque, se houvesse, eu não teria sofrido a perda de meus seres queridos.” Você diz isso com o coração enraivecido, mas ali mesmo a culpa o aprisionou. Não importa o quanto você renegue o sentido, porque ele continuará brilhando, quer você o aceite ou não. A culpa não o libera da irritação com seus deuses, a culpa só os oculta para que você não escute suas vozes.

O importante está muito próximo porque sempre vive em você. Não é possível perdê-lo, porque não nos pertence. O importante não desaparece porque não pode morrer.

A culpa não me deixa ver o essencial e mantém meu olhar atado ao periférico. Porém, o essencial está vivo e há uma linguagem que permite comunicar-se com ele.

A culpa é um impedimento para a expressão do sentido, e não uma via para chegar a ele.

Como se lava uma culpa? A culpa é uma pedra no caminho do sentido. O castigo não resolve isso, não move essa pedra do caminho. O castigo, pelo contrário, contribui para que a culpa permaneça e impeça a passagem da luz. O castigo busca que você jamais possa sair da culpa.

Como se lava uma culpa? A culpa é um tecido de esquecimento que cobre o sentido. A fé não basta para remover esse tecido e, se você insiste nisso, a fé adoece de fanatismo. O fanático não pode entrar em contato com Deus; confunde sua enfermidade e sua culpa com mensagens divinas.

Nem o castigo, nem a fé fanática o liberam da culpa.

A culpa é dura como gelo, nada pode rompê-la, mas o sol pode derretê-la.

A culpa é impenetrável como o metal, mas, se aplicamos calor, ela se flexibiliza e pode ser moldada.

Algo parece esconder a culpa. Escondo-a dos demais, mas não posso escondê-la, porque estou sempre em sua presença. Tento escondê-la de mim mesmo. Se ninguém descobrir, ficará oculta também para mim. O que se quer ocultar? A confissão da culpa tem um valor catártico que alivia a alma. A confissão descobre diante de meus olhos o que estava oculto. A chave da confissão não é revelar a outro o que se oculta, mas revelá-lo para si mesmo. Esse é o momento em que tomo contato com algo verdadeiro, quando se ilumina a obscuridade e se produz o profundo choro da catarse. O que se oculta é a responsabilidade íntima pela transgressão do fluxo da bondade. O fato pelo qual me recrimino, seja este monstruoso ou acidental, esse fato no qual aparece o nó da culpa embute e esconde a responsabilidade íntima que me envergonha.

Édipo assassina um velho que não conhece e que, na ver-

dade, é seu pai. Depois, ao desvendar o enigma da Esfinge, ele se casa com uma mulher, sem saber que é sua mãe, e tem filhos com ela. Quando se revela o drama, sua mãe-esposa se suicida e ele, asfixiado pela culpa, arranca os olhos e vaga cego pelo resto de sua vida. Porque arranca seus olhos? O que Édipo não quer ver? Por que ela se suicida? Com certeza, não é pelo acidente do incesto que a tragédia descreve, uma vez que sua vontade não esteve comprometida. Trata-se de sua íntima responsabilidade que, para elucidar, requer uma interpretação do drama: o pai de Édipo quis contrariar a vontade do oráculo de Delfos, assassinando seu próprio filho, e fez isso com a cumplicidade de sua mãe.



A culpa é o modo de esconder a íntima responsabilidade na interrupção da transferência do sentido para o mundo. Esse ocultamento é recorrente, também, nos mitos.

No mito de Abraão há, pelo menos, duas situações que se ocultam. Uma é a expulsão de Agar, mãe de Ismael, para o deserto. A segunda é o riso de Sara quando Jeová lhe comunica que terá um filho: – A esta idade voltarei ter um prazer? – zomba Sara. Ocultar não significa que não estejam no relato. O que se oculta na culpa, em geral, está à vista, mas não se pondera adequadamente e se desconsidera que ali reside a íntima responsabilidade na interrupção do sentido. Nesse caso, desconsidera-se a cumplicidade com Sara, ao zombar de Deus, quando, já anciãos, este lhe anuncia o nascimento de seu único filho; também se desconsidera a expulsão de Agar e Ismael para o deserto devido ao ciúmes de Sara.

Para a liberação da culpa, então, não basta a catarse, em que se revela a íntima responsabilidade (confissão em algumas religiões), mas é necessário uma reinterpretação do drama vivido.

Silo propõe, em *Mitos raízes universais*, uma saída para o mito de Abrahão. Apoiando-se na burla divina, reinterpreta o mito como uma chamada de atenção por rir e duvidar Dele, ao anunciar-lhes que teriam um filho quando fossem anciãos.

Seguindo essa linha, esse mito, raiz do sentimento de culpa, poderia ser interpretado assim:

Abrahão, no alto do Monte Moriah, tomou o punhal do sacrifício disposto a degolar seu amado filho Isaac, quando Jeová deteve sua mão, dizendo: “Detenha-se, Abrahão, não faça dano a seu filho. Aqui está o carneiro que provenho para o sacrifício.”

Abrahão sentiu um profundo alívio e seus olhos se umedeceram. Jeová, Deus, continuou: “Como você pode pensar, Abrahão, que eu, Jeová, mandaria fazer algo que vai contra minha própria lei. Como pôde acreditar que eu, Jeová, falava seriamente, que eu faria algo contra mim mesmo. Guarda esta lição para que tua fé nunca se volte contra a vida humana. Essa é a lei de Deus, minha lei. Agora, ri, porque, para isso demos este nome a Isaac, que significa “riso”. Porque você e Sara zombaram de mim, agora eu, Jeová, zombei de você e você acreditou. Ri e abraça Isaac e Sara e ama a mim, teu Deus, Jeová, com uma nova fé.

A catarse e a representação concluirão em uma ação em direção ao mundo que terminará por dissolver o nódulo da culpa. Não creio ser possível que uma ação nos redima do sentimento de culpa. As ações que realizamos a partir do motor da culpa mantêm esse nó de sofrimento. A culpa está ocultando a íntima responsabilidade, e a ação exercida a partir daí perseguirá minha própria redenção, constituindo um “para mim” que dará continuidade a esse ocultamento.

Há dois elementos que teríamos que levar em conta para nos libertarmos disso. A amabilidade e o riso. Tanto na nova interpretação que tente para a situação culposa, quanto na ação que

decida realizar, teria cuidado para que tivesse a característica de extrema amabilidade. A amabilidade nos afasta do castigo e do autocastigo, que não farão mais do que aprofundar o conflito. O outro elemento é o senso de humor, a desdramatização da situação para ganharmos capacidade de rir um pouco de nós mesmos.

No mito da criação, Adão e Eva são expulsos do Paraíso por terem comido da árvore do conhecimento e provado o fruto do bem e do mal. Aqui a culpa e o castigo aparecem na própria origem. No entanto, Adão e Eva não podiam discernir entre o bem e o mal, enquanto não adquirissem conhecimento. Não têm outra possibilidade, senão comer da árvore do conhecimento – só assim podem tomar consciência da Eternidade, seu lar. Deus, ao expulsá-los do Paraíso, tira-os da Eternidade e lhes concede a Vida Humana. A vida para cada um é muito curta, mas nesse lapso, antes que a alma retorne ao mundo celeste, irão ganhando conhecimento, que se acumulará de geração em geração, até voltar, finalmente, à Eternidade com a consciência do que isso significa, realizando, assim, o plano de Deus. Eis aqui uma reinterpretação do mito, que novamente nos libera do nó da culpa e do castigo.

Édipo não quer ver a cumplicidade de sua amada (o fato de descobrir que é sua mãe biológica, neste caso, é algo secundário) na tentativa de seu assassinato para torcer o oráculo de Delfos e prefere arrancar os olhos. Essa é a razão do suicídio da mãe, e não o incesto, que foi acidental.



Tentando sintetizar, a culpa é um bloqueio no fluxo da bondade para com o mundo, que se produz para ocultar a íntima responsabilidade na interrupção desse fluxo. O castigo aprofunda o sentimento de culpa e sua função é eternizá-la para que não possa se dissolver. Essa confusão interna produ-

zida pela culpa é usada pelos moralizadores para alimentá-la e dominar as pessoas às quais acusam. Quando se consegue reconhecer essa íntima responsabilidade do que se quer ocultar, consegue-se a catarse e o alívio. O trabalho com o sentimento de culpa requer uma extrema amabilidade consigo mesmo e com os outros, para que nos afaste de todo possível castigo ou inquisição. Depois da catarse, torna-se necessária a interpretação dos fatos, misturando a íntima responsabilidade com certo senso de humor e deixando em segundo plano o nó que aparecia com a situação culposa. Finalmente, a bondade encarnará na ação, restabelecendo a transferência do sentido ao mundo.



A AÇÃO VÁLIDA

O fundamento da ação. A interrupção do sentido. Violência e não violência. Moral e liberdade. A fé interna. Um salto evolutivo.

O FUNDAMENTO DA AÇÃO

A ação é onde se conclui toda a criação. É o sentido final do sentido, sua consecução, seu destino. É, finalmente, onde se reflete o ser.

Chamei meu guia para saber seu nome.

– Pode me chamar de Aser – responde.

– Aser? – pergunto.

– A-ser, fazer, fazer.

A ação é a artesã que esculpe o modelo que é. A ação é a escultora que copiará o modelo uma e outra vez, até que o ser veja a si próprio. Esse modelo não se encontra neste espaço e neste tempo, não tem representação para a consciência e, no entanto, está atuando através da consciência. A ação individual não poderá jamais completá-lo e, por isso, as consciências se buscam, as culturas se buscam e as ações se encadeiam.

As ações se encadeiam umas com as outras como fios do tear. Trata-se da mesma meada desde o princípio primordial. Cada fio vai se entrelaçando na malha da memória. Por acaso, não está aqui o momento em que você abriu a mão e cerrou o punho pela primeira vez, e quando levantou o tronco e caminhou em pé pela primeira vez ou quando quis abraçar o fogo pela primeira vez? Cada ação é um fio que se entrelaça no tear e, uma vez tecido, não se pode reconhecê-lo isoladamente, mas se vê a maravilhosa trama desenhada no pano da história.

Toda ação tem sua origem na representação, nas imagens da consciência. As representações vão para o mundo sensível e se manifestam, expressam, encarnam e se realizam. Essas representações são as ilusões e os devaneios que tentaram, uma e outra vez, concretizar-se no mundo dos objetos. Porém, o recipiente dos objetos é muito pequeno para nossos ideais e nunca é suficiente para contê-los. Se um sonho alguma vez se realiza no mundo, imediatamente outro mais importante ocupa seu lugar. A ação tentará realizá-lo e fracassará, e assim sucessivamente.

Se nossos sonhos fossem somente compensações do vazio, o que a consciência traduziria no mundo seria esse vazio. Se nossos sonhos fossem tão somente diferentes modos de fugir da finitude, do sem-sentido, do nada, não encontraríamos fundamento para a ação. Qualquer ação, por mais grotesca que fosse, ficaria justificada por sua tentativa de escapar da morte.

No entanto, nem tudo é ilusão da consciência. O irrepresentável emite seu sinal, que também é captado e traduzido por ela. A não-ilusão, o que é, o sentido, emite seu sinal, e raramente temos consciência disso. Quando a consciência detecta e traduz o sinal proveniente do mundo que está fora do tempo, a experiência é abarcadora, totalizadora, extraordinária. Isso acontece de vez em quando, mas o sinal está sendo captado permanentemente, ainda que não esteja sendo reconhecido. Esse impulso proveniente de outro espaço se expressa na representação, e essa representação se expressa no mundo. Nesse mundo da consciência, misturado com sonhos e ilusões, o Sentido se introduz na representação e, através dela, transforma-se em ação e se expressa no mundo. Reconhecer a ação do sentido enquanto somos arrastados pela ilusão é um novo estado da consciência.

O eu, o devaneio e as ilusões são a maneira de a consciência transportar o ser ao mundo. É o modo da criação. "Sou" se expressa através

de sonhos e devaneios. Porém, “sou” não é o sonho e não é devaneio. O eu se identifica com o sonho e vai de um sonho a outro; o eu é o sonhador que acredita em seu sonho. O eu trata de aprisionar o “sou”. Quando o eu aprisiona o “sou”, o “sou” se ocultou.

O sentido é o fundamento. O transporte do modelo irrepresentável ao mundo representável é o sentido da ação.

Os outros, cada ser humano é imprescindível para realizar o sentido. Cada um consegue uma partícula representável do irrepresentável. A realização que o outro faz do sentido é tão fundamental quanto a minha e afetá-la é afetar o próprio sentido.

Uma vez que o sentido é transportar o ser ao mundo, não há oposição entre o terreno e o eterno, o uno e o todo, a diversidade e a igualdade, a luz pura e o arco-íris.

Não podendo o irrepresentável ser representado por uma consciência individual, a consciência buscará complementar-se para essa realização. Homem e Mulher se enlaçarão, os povos se unirão e as culturas se encontrarão em uma nova configuração social que corresponderá também a um novo momento da consciência.

A INTERRUPÇÃO DO SENTIDO

Quando fundamentamos a ação, intuímos um sentido que transcende a consciência. A razão resiste a aceitar que algo além do que ela possa apreender seja o que a orienta e lhe dá sentido. A razão confusa nos espreita e seu orgulho ferido faz objeções a esta visão que estamos acessando. Entrega-nos, então, uma lista de calamidades, com desdobramentos inumeráveis das monstruosidades e atrocidades realizadas por essa mesma consciência, da qual temos compreendido sua função de traduzir o sentido, de realizar o modelo, de transportar o ser ao mundo.

Quando a consciência perde seu sentido, começa um proces-

so de desintegração e transfere essa desintegração ao mundo. Distancia-se das outras consciências, vai se desumanizando, desintegrando de si mesma, violentando-se, tentando, por forçamento e pressão, que se mantenham unidos os conteúdos que estão desmoronando. Toda essa violência e essa desestruturação é transferida ao mundo dos objetos, produzindo um mundo horripilante que, ao ser contemplado, assombrará.

O que trai a mente, o que se interpõe entre o sentido e a ação?

O temor é o que bloqueia o transluzir do sentido no mundo. O temor à solidão, à pobreza, à enfermidade e à morte. O temor aparece junto com a configuração do eu. O eu é muito importante para a consciência. O eu é o que dá unidade e coordenação a suas funções e transforma a representação em ação. Sem o eu, não há transferência do sentido ao mundo. O temor é a tradução que a consciência faz dos instintos de preservação. A vida evoluiu graças aos instintos de preservação e estes instintos são traduzidos na consciência como dois temores básicos: o temor à morte e o temor à solidão. Esta é a lua que eclipsa o sentido, elas são a raiz do sofrimento.

Quando é o sentido que impulsiona a ação, é o impulso da criação que chega ao mundo temporal. Quando é o temor o que impulsiona a ação, é a destruição que abre caminho.

O sentido quer existir, o temor desaparecer.

O sentido quer expandir, o temor contrair.

O sentido quer criar, o temor extrair.

A tradução do não representável ao mundo do representável ou a tradução do que está fora do tempo e do espaço ao tempo e ao espaço, a realização do sentido, requer a conjunção da consciência individual com as outras consciências. Não é possível para uma consciência isolada realizar sua tarefa. Somente junto a outras o ser vai se traduzindo. As consciências se comple-

mentam, construindo vínculos por meio da comunicação, da solidariedade, da comunhão, do amor e da compaixão.

Quando a consciência se isola e o temor oculta o sentido, continua o movimento que a leva a unir-se a outras, mas neste caso a conexão que utiliza é a violência.

Quando a solidão me possui, invejas, ciúmes e vinganças rompem o fio que une as consciências e as volta a atar, mas desta vez com a corda da violência. Possuído pela morte, fujo de mim mesmo e, ao fugir, não chego a sentir o silêncio eterno.

Quando é o sentido o que impulsiona a ação, experimento sentido, expansão, plenitude, alegria e unidade. Quando o temor impulsiona a ação, experimento temor, contração, sofrimento dor e desintegração.

Porém, o interessante não é o temor, que faz sua aparição no momento em que a consciência se formaliza em um eu. O interessante é que o que está por trás do eu e de seu temor é o sentido e o impulso que o quer concretizar. *O interessante é o brilho de Aton de luz ofuscante, de inesgotável bondade, que nenhuma força pode apagar.*

VIOLÊNCIA E NÃO VIOLÊNCIA

Há algo muito importante no interior de todos nós. No coração de cada um habita uma aspiração, que às vezes é um sonho, às vezes é um ideal e, às vezes, um impulso que orienta nossa vida. Se você desperta seu olhar interior e o leva além da ansiedade, da raiva, da tristeza, vai descobrir ali uma calma e uma tranquilidade. Nessa zona que habita a profundidade do ser humano está o amor que queremos expressar, a justiça que aspiramos construir, a paz que desejamos respirar, a alegria que queremos transmitir, os abraços que queremos dar, a confiança que queremos demonstrar.

Toda essa maravilha busca a maneira de se manifestar exter-

namente e, nesse impulso, vai preenchendo a vida de sentido. Assim, o sentido é algo que sai de dentro de cada um e tinge a vida. Se algo nos impede de expressar afora, no mundo externo, isso que está dentro, sentimos pressão interna, asfixia e uma inquietação que aumentará até explodir. Esse impedimento da expressão é o que experimentamos como violência.

Antigamente, o que impedia a expressão do ser humano eram as inclemências da natureza. Hoje, com a natureza já domesticada, esse bloqueio da expressão humana é exercido pelo meio social em que vivemos. Porém, uma coisa é submeter a natureza e outra coisa é submeter o ser humano. Uma coisa é que utilizemos as pedras, plantas e animais para nossas intenções e outra, muito diferente, é utilizar os seres humanos para que façam o que eu quero.

Violentar o outro é impedir que possa manifestar o que tem dentro de si para o mundo, é evitar que realize sentido de sua vida. Posso fazer isso através da violência física sobre o corpo ou usando violência econômica, ao restringir o acesso à saúde e à educação. Há outras formas ainda mais sofisticadas de violência, como convencer as pessoas de que estão vazias por dentro e que o melhor que podem fazer é se encher de coisas.

O que se opõe à violência é a Humanização. Humanizar consiste em criar as condições para que aquilo verdadeiro que impulsiona o ser humano possa se expressar, é lutar para que cada ser humano tenha a possibilidade de realizar o que quer para sua vida.

Hoje, estamos um pouco complicados, porque a violência já é dona e senhora da paisagem e tem esvaziado a alma das multidões. Quase ninguém se recorda qual é a direção de sua vida.

Esquecidos de nosso sentido, os acontecimentos nos balançam como se fôssemos folhas ao vento.

A violência é a resposta que damos quando o medo invade a

alma. Quanto maior é meu medo, mais violento é meu comportamento. Quanto mais insegura se sinta uma sociedade, mais violenta será sua organização. A violência não pode ser extirpada como se fosse um câncer. Tampouco é possível eliminá-la com mais violência. A violência é um bicho especial e toda ação que se realiza com sua substância a fará crescer e, quando ela alcançar seu máximo desenvolvimento, terá destruído tudo.

A violência, despertada pelo temor, é uma força desgovernada, incontrollável, que arremete e encarcera o humano para que este não apareça em seu caminho. Somos possuídos por ela, revolve-nos com o vigor de uma enorme onda que se rompe na geleira e nos animaliza.

Ao resistir à violência com violência, esta irá aumentando até a derrota do vencido. À medida que a violência aumenta, o humano se apaga, qualquer que seja o grupo que a esteja exercendo. Mesmo o grupo mais fraco, quando usa o máximo de violência, alcança também o máximo de sua desumanização.

Em uma tourada, vai-se instigando o touro até que o soberbo animal se transforma em uma besta desesperada com uma força bruta que ataca qualquer um que cruze seu caminho. Ao colocar-se frente ao touro, um calafrio percorre o corpo e o medo, em seu estado mais puro, penetra no interior, sufoca a garganta, um grito mudo explode nos pulmões e, de repente, você é capaz de fazer qualquer coisa para sair dali. Toureiro e touro se entreolham. O toureiro resiste ao medo, sabe que avançarão quinhentos quilos de raiva sobre ele. O toureiro resiste, espera, o touro se põe a correr, a energia é enorme, touro e toureiro são um; corre um, resiste o outro, escondido detrás de um pano vermelho. Já a pouca distância, a besta assoberbada por esse pano e esse vermelho, chifrará o toureiro até torná-lo pó. Então, o toureiro afasta o pano alguns centí-

metros e o touro segue o brilho da capa e passa ao lado. Olé.

Esse baile continuará até que o touro fique extenuado e poderia continuar até domesticá-lo, se o toureiro não o matasse. Vamos nos abstrair dessa última cena para intuir na dança com os touros como se pode resistir à violência, como se pode represá-la e, finalmente, domesticá-la por meio da não violência.

Não há nada que a violência despreze tanto quanto a não violência. Os bandos oponentes sempre se encontram nela e a justificam como defesa contra seu adversário. Ao surgir a não violência na paisagem, todos os grupos violentos se arremesam contra ela. Os grupos que pareciam irreconciliáveis reconhecem um elemento completamente alheio que poderia chegar a dissolvê-los. Ao colocar uma postura não violenta em um cenário, imediatamente todos os fragmentos da sociedade violenta começarão a se fundir, como gotas de mercúrio dispersas que vão se juntando ao se reconhecerem.

Você terá que manter a postura, enquanto o touro acumula raiva, enquanto o observa, fingindo que não o vê. Sua primeira tentativa é exhibir sua pompa para mostrar a infantilidade de seus princípios. Diante de sua displicência, você poderia acreditar que ele não o observa e, no entanto, notou cada um de seus movimentos. Logo mostrará sua fúria disfarçada de moral ou de ideologia. Ah, toureiro, resistirás? Ali está você com seu traje de ouro puro e radiante. Poderá manter a pureza e o brilho? O touro está tentando enfurecê-lo. Se conseguir, vencerá. Ele sabe muito bem que você tem medo e que a esse medo responde com violência. Ele é o toureiro.

Ver o medo como nasce de suas vísceras, ver seu próprio de-

sespero e violência passar diante de si e escolher uma resposta não violenta é de tirar o chapéu. Ali está a grandeza realizando-se no humano.

A não violência, para se expressar, deve entrar em comunicação com a violência. A não violência não é ficar de lado e não enfrentar a violência. A não violência só pode ocorrer quando se está em contato com a violência. É diferente do pacifismo, que se afasta e faz vazio. A razão de ser da não violência é sua luta contra a violência. Só quando compreendemos a impossibilidade de responder à violência com violência, compreendemos a importância de jogar, de dançar, de avançar e de retroceder, de domesticar até persuadir a violência, até humanizá-la.

Você deve se colocar ao alcance do touro, balançar a capa vermelha e se fazer notar. O importante é que a multidão se identifique com você, e não com o touro.

Em um momento, este empreenderá a corrida e você sentirá seu bafo soprando em sua orelha. Então, retira a capa e deixa que invista no ar, ficando só com sua própria raiva. Avançar e retroceder é a arte da não violência. Não só avançar, não só retroceder. Logo, findo o primeiro baile, começa o segundo. A multidão, cada vez mais satisfeita, vibrará ao ritmo da não violência.

A última cena de nosso exemplo, a morte do touro, que me perdoe a Espanha, é excessiva. Talvez se trate de uma transferência ritual dos atributos do touro ao toureiro, mas, se for assim, o toureiro e a multidão identificada com ele ficaram não só com a força, mas também com a violência.



Neste mundo de horror é cada dia mais difícil manter uma postura ética. Somos obrigados a escolher entre grupos violentos e, qualquer que seja nossa escolha, traímos aquilo em que

acreditamos. Somos pressionados para ser de algum bando: “eles ou você”, dizem. Muitos nesta situação se abstêm e fogem para seu próprio mundo, mas isso não impede que a violência continue crescendo e se alimentando do medo que ela mesma vai gerando. Não importa qual é o bando em que nos puseram os acontecimentos, o que importa é que compreendamos que você, eu e o outro somos muito mais importantes do que qualquer bando.

Ainda que me desenvolva em uma sociedade que me desagrada, obrigado pelo império da chantagem da necessidade, esta não conta com meu consentimento, nem com minha fé. Pelo contrário, orientarei minha ação para sua transformação. Não acreditarei no êxito, no triunfalismo, no dinheiro desta sociedade que considero injusta e apoiarei toda iniciativa, por pequena que seja, que vá na direção de superar a dor e o sofrimento. Procurarei a reconciliação, a comunicação e o sentido. Afirmarei os valores humanistas e tratarei de ser coerente com a regra de tratar os demais como quero ser tratado.

Quando estamos deprimidos é porque a violência destruiu nossos sonhos e isso não queremos aceitar. Mas esses sonhos destruídos não eram propriamente nossos, nós os tomamos emprestados de uma sociedade moribunda. Ao se esfumar, deixaram um espaço vazio que será preenchido por aspirações que nos acompanham desde antigamente e que nos impulsionam para mundos novos. Um sonho morre quando outro mais potente está a ponto de nascer. Os sonhos não são somente imaginação, são também o idioma que os deuses falam. Enquanto os tempos destruturam esta civilização que não conseguiu produzir uma sociedade justa e libertária, algo novo que se agita dentro de nós nos impulsiona a criar os signos, os modos de relação e a linguagem da futura nação humana universal.

MORAL E LIBERDADE

O problema com a moral é o quanto está desprestigiada. Justificamos tanta barbárie em nome da moral que esta palavra se esvaziou de seu grande potencial para dar significado à ação. “A Deus rogando e com o maço dando” ou proclamar a vida acima de qualquer coisa, enquanto se benzem os canhões que assassinarão inimigos acabou desautorizando o que pretendia justificar. Os moralizadores chegaram a ser o símbolo da incoerência e, enquanto espumavam saliva proclamando que havia uma crise moral, não se davam conta de que o que estava em crise era “*sua moral*”.

A moral é uma ação que realizamos por algum tipo de mandamento que provém de outro mundo. Provém do espaço do bem. A ação impulsionada pela moral se experimenta como um mandamento. Faz-se porque é o que há que se fazer. A ação não requer uma justificativa pensada, porque está justificada por cada célula de meu corpo – tudo em mim sabe que essa é a ação correta. Uma vez realizada, experimentamos o prazer do dever cumprido, da tarefa feita. Pelo contrário, enquanto não se realiza, temos uma dívida, um dever pendente.

Quando falamos de um mandamento que provém de outro mundo já começam os problemas, porque trata-se do mundo não representável. Isso permite aos intérpretes desse mundo usar uma linguagem inteligível sobre os espaços do bem. Mas, para aprender essa moral, o que faço não é ler algo escrito por esse intérprete, nem sequer escutar as palavras que pronuncia, o que faço é imitar o que ele ou ela faz. O interessante da moral é sua capacidade de ser transmitida por imitação. Aqui reside sua importância, uma vez que posso acessar o sentido, realizando um tipo de ação, e essa porta ao transcendente também se abre para qualquer outro que imita esse tipo de ação.

Mas, se o “intérprete” prega, mas não pratica, como diz o refrão, ordena um tipo de ação e realiza outra, produz em mim uma fadiga moral e a impossibilidade de imitá-lo. Então, essa moral já não é uma moral, e sim letra escrita e, por último, letra morta. O intérprete torna-se um cínico, depois um moralista e, por último, perseguido por sua própria incoerência, um inquisidor.

A ação moral que quero seguir é, para mim, sobretudo uma aspiração, um modo de comportamento através do qual me comunico com o significado da vida.

A imitação talvez seja o modo mais importante de aprendizagem, senão o mais rápido e o de maior velocidade de propagação. A imitação não é um ato criativo, mas uma vez imitado, o registro é muito próximo à experiência do criado.

As grandes almas, as vidas exemplares que encarnaram o Sentido e fizeram de suas vidas um exemplo, deram-nos um grande presente: através da imitação de suas condutas, podemos nos comunicar com isso que lhes foi revelado ou que, de algum modo, acessaram. Mas, se divinizarmos essas pessoas, estaremos tirando-as deste tempo e deste espaço. Isso as deixa fora do alcance de nossa imitação e o efeito demonstração de que é possível esse tipo de comportamento se afasta.

Reconheceremos como verdadeira uma regra ou conduta que proponha uma referência moral se, ao implementá-la, tomarmos contato com o sentido da vida. Não com o sentimento de culpa, não com as ameaças, nem com o castigo. Uma referência moral se reconhece porque, ao imitá-la, ela me conecta com meu próprio sentido, comunica-me comigo mesmo.

A ação que realizo por obrigação social, pelo que os outros diriam, pela pressão de grupo, não é uma ação moral. Esse tipo de ação que efetuo, obrigado por uma entidade abstrata e externa, realizo-a somente com a intenção de recuperar minha

liberdade perdida, que foi arrebatada por essa entidade abstrata. Ali sou vítima da violência e do imoral. Gostaria de realizar essas ações rapidamente para sair da situação e recuperar a mim mesmo.

Fazer o que se tem que fazer é experimentado de um modo muito diferente, de dentro. É um mandamento, quase um chamado, que vem da interioridade. A ação moral tem um sabor que preenche, não tem pressa, está se realizando o sentido e se experimenta sentido. É Deus que está olhando a si mesmo.

A moral é uma mestra de ações e condutas sugeridas a partir do mundo que está além do tempo e do espaço. É porque há sentido na vida que se pode falar de moral. A moral é uma proposta de conduta que traduz o sentido no mundo. É uma proposta e não uma obrigação. A imitação de uma conduta ou a colocação em prática de uma proposta tem que ser um ato livre, por decisão própria, sem obrigatoriedade nem pressão de nenhum tipo. Só então podemos falar de um ato moral. É a liberdade de opção, a própria decisão de atuar de um modo, e não de outro, o que dignifica e reveste a ação de sentido. É nessa liberdade que o imperativo ganha altura moral: há que se fazer o que há que se fazer. Em qualquer outro caso, o imperativo provocará contradição e violência interna.

O ato moral só é possível em liberdade. Por que, entre todas as possibilidades, teria que escolher o ato moral? Porque essa ação me põe em contato com o transcendente. O transcendente é a liberdade máxima, rompe com as limitações impostas pelo tempo e pelo espaço. O ato moral, o verdadeiro, ainda que o experimente como obrigação e compromisso, ao efetuar-lo, experimento crescimento e liberdade.

O princípio de “O Olhar Interior” de Silo que diz “*quando trata os outros como queres ser tratado, tu te liberas*” contém o núcleo da questão moral. Você pode fazer o que quiser, mas há

um modo de fazer que o conecta com o sentido e a liberdade, e outro modo de fazer que o torna prisioneiro do sofrimento; suas correntes o afastarão cada vez mais do sentido e, em cada passo, você adicionará um novo elo.

Esse é o mais importante dos princípios, o centro de toda a moral. Bastaria seguir essa regra para alcançar a grande mudança humana e social. Mas a nossa é a única espécie que pode escolher essa conduta, não a tem “por natureza”, como poderiam ter as formigas ou outras sociedades de animais. Tomar essa máxima e praticá-la na vida pessoal, nas relações de trabalho, nas relações internacionais, traduzi-la nos diferentes campos conduziria a uma sociedade plenamente humana. Porque isso é o que se há de fazer, porque isso é o que dita o sentido e tentaremos, civilização após civilização, até que a Terra seja, finalmente, o lar do ser humano.

A FÉ INTERNA

Quando Silo iniciou sua mensagem na Cordilheira dos Andes, disse: *“sem fé interna, há temor; o temor produz violência e a violência, destruição; portanto, a fé interna evita a destruição”*.

Invoco meu guia para que me mostre onde está a fé, para que me leve ao centro dela e para que você, leitor, possa me acompanhar enquanto percorro esse caminho.

A fé é o que tenho para dar. É a única coisa que tenho. O tesouro mais importante. Na fé se concentra toda a força interior para animar a ação.

Motor e coração do fazer.

Onde coloquei minha fé?

A fé é uma força poderosa e inesgotável. Concentra a energia da vida e dá vida à ação. É concentração energética que se transformará em movimento.

Onde você a colocou?

Antigamente, entregava-se a fé a um Deus e os sacerdotes desse deus orientaram o movimento dos povos. Em outra época, entregou-se a fé ao Estado e os representantes desse Estado controlaram o que se fazia e se deixava de fazer. Finalmente, entregou-se a fé ao Dinheiro e os donos do dinheiro foram também os donos da ação.

Só você pode entregar sua fé. Ninguém pode se apoderar dela sem seu consentimento, ninguém pode tirá-la, mas se você não a dá, ela se inverterá e o entristecerá.

Energia inesgotável do ato humano, precipitação do transcendente que lhe é dada para que cumpra seu destino. Onde está sua fé? Onde não está e deveria estar; onde está e não deveria estar? Ninguém a tem sem sua permissão, ninguém. Em um instante de liberdade, sai de você para outro e a esse outro acrescenta uma nova força. Logo que você a entrega, ela se regenera e o vitaliza.

Em um ato livre, coloco minha fé no melhor de você, nisso que você traz de outro mundo e que abrirá caminho e você sentirá a vida e o sentido. Essa fé que coloco em você é a mesma que se regenera em mim.

Só é possível entregar minha fé em um ato de liberdade. Se algo a decepçiona, poderei recuperá-la ao assumir minha própria responsabilidade nessa entrega. Desse modo, conecto-me, novamente, com a fonte produtora. Essa energia sai de mim e a dirijo ao que quero. Se não compreendo isso, externalizo a fé e a coloco em alguém ou algo fora de mim e acreditarei que é esse algo externo o que anima e dá vitalidade à ação. Logo, minha ação dependerá dessa entidade externa.

A fé se externaliza e se deposita em alguém ou algo fora de mim. Logo, esse algo externo, vestido com a fé que coloquei nele, motiva-me e me anima. Uma vez entregue a fé a uma entidade

externa, sofro a ilusão de acreditar que é essa entidade externa o que dá vida à minha ação, esquecendo que essa entidade externa tem a força da fé que transferi para ela.

A fé é o que move a ação do mundo e, se algo a controla, tem o poder do mundo. Esse poder foi concedido por milhões de homens e mulheres que têm a capacidade de produzir fé. Esse poder que criamos ao ceder nossa fé se sustenta por meio da violência e é causador de grande parte do sofrimento social. Esse sofrimento tem sua origem na concessão da energia humana a uma entidade extra-humana.

Sempre chega a época em que essas entidades nas quais depositamos a fé nos decepcionam. São os momentos de fracasso social. Então, espreita-nos a depressão e o sem-sentido, que buscam asfixiar nossa ação. Se me nego a assumir que minha fé foi defraudada, entrarei em pânico e uma violência desesperada colocar-se-á em marcha.

A fé é a energia da alma que se concentra e se injeta onde queremos. Aquilo para onde a dirigimos contará com uma força adicional que pode chegar a ser muito grande. Assim como esquecemos o trabalho do dínamo quando vemos a ampulheta acesa, do mesmo modo esquecemos que é a nossa fé o que permite a ação daquele em quem a depositamos.

Quando me decepcionam, rompe-se o misterioso canal através do qual estou transferindo minha fé ao outro. Quando esse fluxo se interrompe, ela fica disponível para ser reorientada. Mesmo na pior traição, ninguém pode ficar com minha fé. Essa recuperação da disponibilidade da fé só é possível se assumo que foi minha livre decisão que a concedeu; do contrário, ficarei preso no ressentimento, a fé se inverterá e não tornarei a confiar em ninguém, e essa energia presa irá se diluindo na amargura.

Quando o sonho fracassa, parece que, com ele, a fé se esfuma. Meu ressentimento me levará pela desconfiança e o ceticismo.

Não quero aceitar que estava seguindo uma miragem e que o fracasso me despertou de seu encantamento. Se aceitar isso, perceberei de que, dentro de mim, a fé continua vivendo e a recuperarei dessa ilusão que consumia sua energia. Mas, para onde a dirijo? Eu a dirigirei para um novo sonho. Mas, então, qual é a graça? A graça é que disponho da fé, mesmo que só possa dirigi-la para um novo sonho. Os sonhos traduzem as tensões e as feridas da consciência, mas também traduzem o sentido. Há sonhos através dos quais falam os deuses.

Depois de cada fracasso, um novo impulso me orienta para cada vez mais perto de meu destino. Quanto mais fracasso e mais aprendo, mais me aproximo do sonho que traduz o modelo do que é e que será construído pela humanidade. Em cada fracasso, meu destino irá se alinhando ao destino humano. No fracasso, encontro a fé inesgotável que me permitirá uma nova tentativa. A fé é a própria energia do sentido. Porque há sentido é possível a convicção de que há sentido. Não importa o número de fracassos, sempre se levantará o intento, até o ser se completar no mundo, até cumprir o destino da humanidade. Não é possível essa realização sem aprendizagem e não é possível aprendizagem sem o erro, e não é possível reconhecer o erro sem o fracasso. Em cada volta dessa espiral, estamos mais perto do centro, aproximando-nos de um ponto que é a origem e o fim, ou não é nem a origem, nem o fim.

Galileu, quando você viu que a Terra girava em torno do sol, também soube que você girava em torno dele? Não apenas a Terra, mas também você gira em torno dele, ainda que pareça estar imóvel. Percebemos que tudo gira ao redor do eu. O eu está montando no corpo, essa é sua terra. Uma força que não percebo o faz girar em torno de um centro. Resíduos dessa força são captados pela consciência e traduzidos como fé.



Como posso fazer para olhar para esse centro ao qual me dirijo?

Somos tão, mas tão diferentes, eu e você? Sim, tudo o que venho escrevendo indica que algo no profundo nos une e nos torna inseparáveis, como se fôssemos uma mesma substância. Mas, agora saio à rua e há tantos que desconheço, que temo. Como faço para romper esses limites, essas fronteiras que nos separam? Precisamos de algo comum que nos impulse para o futuro. Um projeto que nos una. Todos os projetos que nos uniram na antiguidade já fracassaram, completaram seu ciclo. Hoje estamos separados e não conseguimos nos reconhecer.

Há um paradoxo humano com a comunicação. O que mais queremos é nos comunicar. A comunicação nos aproxima dessa união transcendente, à comunhão com o todo. A comunicação é uma experiência sem igual, que nos dá alegria e esperança. É tão importante que qualquer atividade é um pretexto. O paradoxo é que, sem o pretexto, não podemos nos comunicar. O que normalmente acontece é que o pretexto, essa atividade que realizamos, parece ser o primário e obscurece a consciência. Se despertarmos disso, veremos que a vida inteira é um pretexto para nos encontrarmos com os outros seres humanos. É óbvio que tudo está transtornado e hoje qualquer coisa é mais importante que o outro. Entretanto, esse outro é minha única possibilidade de captar o sentido.

As grandes mudanças são precedidas por grandes crises. Uma crise acontece quando todos os componentes de uma ordem se desorganizam e o caos parece ser a única verdade. Uma mudança é precisamente um novo modo de organização dos elementos de um sistema e isso só é possível se a ordem anterior se desestrutura. A transição entre uma velha ordem e uma nova é muito penosa porque, em todo momento, caminhamos

à beira da desintegração completa. Enquanto construímos um novo modo de organização ou de relação, o velho nos confronta e se opõe dialeticamente. Essa dualidade pode ser tensionada ao máximo ou ser tão frouxa que nem se nota. Entretanto, sempre temos por referência aquilo que se opõe a nós. Quando a mudança se aproxima, a desordem é total e não há nada firme que sirva de ponto de apoio para me dirigir ao novo estado. Fazemos parte do sistema que queremos mudar e, quando este entra em convulsão, entramos em convulsão também. A única referência que poderemos encontrar deve ser algo que não faça parte dessa crise. Onde posso encontrar algo firme, quando toda a terra treme? Em algo que não esteja sobre a terra. Se tudo treme, devo soltar tudo, já que não serve para me segurar. Nesse grande fracasso, o centro no qual tudo gira seguirá imóvel. Esse centro continuará emanando fé. Na maior instabilidade me agarrarei à fé; não tratarei de deter a desordem que se acelera, mas saberei que, logo, tudo terá mudado e vou querer estar ali para admirar.

Para onde você deve dirigir sua fé? Somente você pode saber e para onde a dirijas irá a força criadora. Eu acredito que, em cada um, há algo muito grande e que essa grandeza nos impulsiona e se manifesta. Essa maravilha guardada em nosso interior irá se livrando de todo resquício de animalidade que ainda restar. Vejo no futuro uma sociedade de paz, de justiça, de homens e mulheres livres para realizar o sentido de suas vidas. Acredito que há, nas pessoas, algo bom que, quando se manifesta, faz com que elas resplandeçam com o brilho do sentido. Quando a escuridão obscurece o humano e tudo parece mover-se segundo a crueldade infeliz do caos, vejo cintilar os lampejos da compaixão e, então, a fé que há em mim e em meus semelhantes volta a encontrar sua via para construir o que acredito ser o destino. Em meus momentos mais sombrios, algo em meu interior se agita e faz mudar meu olhar para ver o grande esforço do

sutil por transpassar o grosseiro, da luz primordial por iluminar cada um, tranquilamente, permanentemente, esperando a oportunidade de cruzar o cerco.

UM SALTO EVOLUTIVO

Quando contemplava o bosque nativo que margeia uma lagoa calma, no extremo sul, em plena Cordilheira dos Andes, uma beleza inaudita me deixava imóvel e sem fala. Olhando o reflexo dos picos nevados sobre o espelho d'água, perguntei-me: qual é o sentido da vida? Uma araucária à minha frente, de uns 2000 anos de idade, respondeu:

– Para mim, é contemplar esta beleza.

– Então, posso ficar aqui para contemplá-la também? – voltei a perguntar.

– Acontece – respondeu – que você não é uma araucária.

“Não sou uma araucária”, a resposta me sacudiu e algo volátil entrou em meu corpo e me fez voltar a mim.

O sentido está se expressando a todo momento, desde antes do início. No universo, que é o lar da vida, na vida, nas velhas araucárias, na consciência, no humano. Em algum momento, a consciência percebe em seu interior uma faísca desconhecida para ela até esse momento, e o humano desperta. O humano, essa intersecção entre o eterno e o temporal, esse princípio criador que tinge de essência o terreno, esse deus a quem foi confiado transladar o ser para o mundo.

O humano foi limpando a consciência de sua teia de aranha. Por que não haveria agora de tentar que seja consciente do humano, que seja consciente de si mesma?

Por que o humano não tentaria uma consciência consciente do sentido?

A consciência apareceu e, em algum momento de seu desenvolvimento, reconheceu nela um fulgor, percebeu o sopro do humano. Desde então, por meio da consciência, o humano translada o sentido para o mundo, humaniza-o. Transforma o mundo e a consciência.

O humano realiza seu trabalho por meio da consciência. Através de sonhos e devaneios traduz o sentido e cria no mundo. A consciência, movida por devaneios, não sabe disso e se move, tentando completar uma ilusão no mundo. Nesse transcorrer, fracassa e um devaneio é substituído por outro. O humano vai introduzindo a essência nessas imagens e, de fracasso em fracasso, o sentido vai se realizando na história da humanidade. Misturado com todas as imagens da consciência está o essencial que busca se concretizar.

Mas se o sentido existe, se o transcendente está escondido entre todo o fluir da consciência, deve haver um modo pelo qual se possa reconhecê-lo. Porque esse sentido existe é interessante despertar a consciência de sua ilusão. É porque existe a possibilidade de reconhecer isso que buscamos um novo modo de funcionamento.

Quero ver você ultrapassar o que nos separa porque quero um salto evolutivo. Se o nada estivesse por trás do que sou, não haveria justificativa para tentar esse salto. Algo muito forte está chamando, quer ser visto, sentido, pressentido, tornar-se consciente.

Pode a consciência despertar de seu devaneio? Mas o que desperta quando falamos de consciência desperta? Certamente, não é o Eu. O eu está presente em todos os níveis de consciência. No sonho, vejo meu eu atuando e, em vigília, eu atuo no mundo. Mas, quem observa o eu no sonho? Esse observador, ao despertar do sonho, identifica-se com o eu e acredita que é o eu. Esse observador estava perdido no sonho e agora está

perdido no devaneio. O que vai despertando ao se ampliarem os níveis da consciência é esse observador. O que desperta na vigília é o olhar interior que não se identifica com o eu e toma consciência de si enquanto o eu atua no mundo.

O olhar interior nasce na profundidade e comunica uma zona de silêncio interno com o mundo ruidoso. Se o ruído do mundo interno é muito forte, o olhar interior não o suporta e dorme. O ruído interno aumenta pela desintegração que as contradições provocam. A consciência evita a desintegração, aumentando a pressão interna; o eu se torna muito ativo, usando toda a energia para não se desestruturar, e isso produz um ruído que não nos deixa perceber a luminosidade do olhar interior. A integração dos conteúdos de consciência relaxa o trabalho do eu, diminui o ruído, facilita ao olhar interior emergir. É porque há sentido e é possível tomar contato com ele que vale a pena superar as contradições e avançar em uma vida coerente.

Esse despertar é conhecido como o nível de consciência de si. Acessá-lo requer um esforço, já que ainda não está instalado na consciência como o sono, o semissono ou a vigília. Esse nível não serve para dar cumprimento a meus devaneios. Não me tornará mais inteligente, nem mais simpático, nem mais poderoso. Simplesmente estarei mais atento e me darei conta de que meus devaneios são devaneios. Sobretudo, lembrarei que existo, ou melhor, minha existência estará presente. Irei notando certas mudanças no comportamento, mudanças no tom afetivo. Verei como surgem as compulsões e os devaneios que costumavam me tomar, mas agora não me farão atuar, e sim os verei passar e poderei diferir uma resposta para o mundo. A dificuldade desse comportamento mental é que o olhar se separa do devaneio e me vejo um pouco mais nu, sem essas crenças sobre mim mesmo que gostaria de exhibir. Mas, se me

aceitar amavelmente, vencerei a inércia do devaneio e minha consciência começará a funcionar em outro nível.



Para que a consciência poderia necessitar de um novo nível de trabalho?

Um novo nível de consciência não significa que os outros não sirvam. Do sono até a vigília, cada nível é necessário para determinada tarefa. Cada nível cumpre com uma função para a vida e as atividades próprias de um nível não podem ser substituídas pelas de outro.

É pela necessidade de sair do sofrimento, de eliminar a violência e de se conectar com um sentido transcendente que a consciência procura um novo modo de estar no mundo. É uma necessidade que está em outro espaço, que carregamos internamente, é o impulso evolutivo e é mais forte que a razão.

Transita-se pelos níveis de consciência e um novo nível, pouco a pouco, vai se incorporando. Em vigília, desperto do sonho no qual acreditava durante a noite. Ao entrar em consciência de si, desperto do devaneio que cobre meus dias, deixo de acreditar na ilusão sobre a qual minha vida está montada. Esse vazio da ilusão dá lugar ao reconhecimento de um centro, de um lugar de onde vem o olhar, um lugar que de vez em quando é preenchido pelo sentido. Existo e, quando existo, abro caminho para que aquilo que verdadeiramente existe irrompa na consciência.



SER E SENTIDO

Quem Sou. Consciência do ser. Aonde vou. Humanizar o mundo.

QUEM SOU

*A Eternidade precisou conhecer a si mesma,
para isso criou a Vida,
a Vida superou Resistências e ganhou Consciência,
a Consciência reconheceu a Imortalidade,
e retornou a seu Destino*

Chegamos a uma realidade que transcende a consciência. De algo que está além do que esta é capaz de perceber e que, entretanto, é o que lhe dá sentido e consistência. Afirmamos, além disso, que essa realidade transcendente está constantemente enviando sinais que, de alguma forma, a consciência capta e traduz em seu sistema de imagens; que essa realidade se infiltra nos sonhos e devaneios e dá uma direção à consciência; que, se afirmamos a liberdade, é a liberdade para negar o transcendente ou para nos encontrarmos com ele; que, se nos dirigirmos ao encontro do sentido, despertaremos um olhar interior e a consciência irá tornando-se consciente de si mesma; que, neste caminho, de vez em quando, o sentido irromperá na consciência, mostrando algo surpreendente que não podemos integrar porque, para esse mundo que se apresenta para nós, a consciência não tem recursos para compreender; que é o próprio sentido o que nos empurra para uma nova forma de consciência e que, por esta via, também a humanidade colocará fim ao sofrimento e à violência e alcançará um novo estado de organização.



O sentido não é algo que existe no mundo tangível e, portanto, não pode ser percebido pelo tato, visão ou olfato. É possível experimentar o sentido da vida, levando o olhar à profundidade da consciência. Quando o olhar se internaliza, a tradução dessa experiência na linguagem ou nas imagens do cotidiano não é fácil - na verdade, é difícil: a garganta e o lápis emudecem e se emocionam, dificultando a expressão e a comunicação daquilo que é o mais importante de ser expresso e comunicado.

“Quem sou” e “para onde vou” são as perguntas que guiarão nossa mente para a região onde estão as respostas verdadeiras, ou que silenciarão a mente, permitindo escutar o “sou”, o ser e seu sentido. Não sabemos quem somos e não sabemos para onde vamos. Nós nos identificamos com as coisas e com o corpo e acreditamos que nosso destino é o das coisas e do corpo. Mas, não somos as coisas nem o corpo. Estamos identificados com eles, mas não somos eles. Acreditamos em algo que não é. Esta pergunta nos leva a compreender a ilusão do eu, seu sem-sentido. Mas, quem sou realmente? Com as mãos vazias, sem minhas coisas, por trás de minha angústia, por trás de minhas ânsias, por trás de minha lástima, quando conecto com o que está dentro, sou quem sou, uma resposta de comunhão. O *sou* se expressa e constrói o mundo. Você não é somente o “eu”. Você também é uma parte do todo e vai em direção à luz, ao todo, para onde vai o todo.

O *sou* quer ser no mundo. O sentido da vida é crescer, é encher de vida. A vida não tem nada a ver com o sofrimento, nem cresce para evitá-lo. A vida é crescimento, plenitude e sentido. O sentido da vida é experimentado como plenitude, como um sair do vazio e sentir o cheio.

O *sou* é todo e é uno, é a unidade. Ele precisa se expressar, encarnar, realizar na diversidade. O sou é o humano que precisa

transladar-se ao mundo.

A sociedade humana é a expressão do *sou*. A realização da sociedade é parte da Criação. A Criação é a *Necessidade de Sou*.

O eu é uma imagem totalizadora da consciência, que serve para que esta atue no mundo. Essa imagem serve para a consciência cumprir sua missão: realizar a sociedade humana.

O conhecimento é o que o ser está ganhando em sua passagem pela existência. Não era possível o conhecimento e a eternidade simultaneamente. *O humano é uma necessidade da eternidade para tomar consciência de si mesma e se conhecer.*

Conta a lenda que, no princípio, era a Eternidade. Mas a Eternidade não sabia que era eternidade, alegre, feliz, pura, simples eternidade. Então, precisou saber que era eternidade. Necessitou do Conhecimento para descobrir a si mesma. Então, a Necessidade criou a Vida. A Vida é o Caminho da Eternidade para dar-se conta de que é Eternidade. A Vida encontrou resistências. Essas resistências são a dor e o sofrimento. Ao vencer as resistências, ao vencer a dor e o sofrimento, encontrou o Saber e o Conhecimento. O Conhecimento procura a Eternidade. Eternidade e Conhecimento se buscam, sem se encontrar.

Podemos saber quem somos e qual é nosso destino. Para isso, temos que tocar a região onde estão essas respostas. Chegar a essa região não é possível de um modo direto. Essa região está coberta por algumas camadas de temores, por algumas crostas causadas pela sedimentação do vazio. É possível gerar o ambiente mental para que essa região se expresse e cheguem as respostas de que necessitamos.

Entro e encontro o *sou*. O *sou* é a tradução do ser em mim. O ser é o ser, é o que é e será, o que existe antes e depois de meu corpo. *Sou* é uma tradução que minha consciência faz e que me coloca em contato com o todo.

Chegamos lá tirando a roupa. Despindo- nos. Descobrimos que aquilo que acreditamos que é não é. Você é a época, mas a

época muda; você é o corpo, mas o corpo perece. Você é o devaneio e o desejo, mas estes o levam ao sofrimento. Você é o eu, mas o eu morre com o corpo. Então, quem é você? Você é o vazio e o nada. Mas, se é assim, por que esse vazio não o assusta? Por que esse silêncio é tão denso? Quem observa esse vazio?... Quem observa?

De repente, você roça outro mundo, como um cometa que atravessa o céu e olha sem deter-se, vê o todo, mas não retém tudo.

O que escutou Moisés, “sou o que sou”; o que encontrou Buda, “o que não morre”; o que perseguiu Paulo, “por que me persegues, Saulo?”. Você verá com seu próprio olho interno. Está ali para todos e para realizá-lo.

CONSCIÊNCIA DO SER

O ser humano está perdido nas coisas. Acredita que é coisa e que só as coisas têm existência. Estar no sem-sentido é estar identificado com as coisas, adormecido, sem consciência da existência, como se fossem o que impressionaria o sou e lhe desse sentido. A vigília comum é um estado de identificação com as coisas.

Acreditamos na morte tal como acreditamos em um sonho enquanto sonhamos. Acreditamos na morte do mesmo modo que acreditamos naquilo com o que estamos identificados em vigília. Quando se acorda do sonho, já não se acredita nesse sonho. Quando se desperta em vigília, já não se acredita na morte. É para vencer a ilusão da morte que precisamos escalar um novo degrau e despertar o olhar interior. Este olhar se dirige ao mundo a partir de um centro que está atrás da percepção e o experimento quando tomo consciência de minha existência.

A existência é o ponto de apoio para ampliar a consciência. Existo, mas vivo esquecido de meu existir. Existo e não sou coisa, mas percebo-a a partir de meu existir. Ao tomar consciência de que existo, as tensões e os problemas se tornam evidentes. Esse ruído de fundo dificulta o contato com esse centro – se for muito agudo, meu ser estará distraído no emaranhado de contradições. Qualquer ação que supere minhas contradições ajudará a diminuir o ruminar da cabeça, enquanto tenta resolver o insolúvel. Meu ser está identificado com essas tensões, mas não sou elas, tampouco sou meus problemas e tampouco sou meu corpo. O olhar interior toma contato com a existência, com o que existe verdadeiramente e diferencia o ser das coisas.

As coisas impressionam minha existência. Impressionam do mesmo modo que a luz ativa os reagentes químicos de um papel fotográfico para que apareça a imagem. As coisas impressionam a realidade interior e revelam o que já existe ali. Isso que existe, por sua vez, está impulsionando a consciência para que o torne realidade no mundo social.

Existo e essa tomada de consciência me comunica com uma correnteza vital que percebo como uma força que circula ao redor de meu corpo. Não sei exatamente de que se trata essa força, não parece ser muscular, posso chamá-la de psíquica, mas, sendo sincero, não sei o que é. Percebo uma força e a percepção é minha, mas ignoro exatamente o que estou percebendo. Ali está essa força. Não sei como dirigi-la. Às vezes, ela me confunde. Mas, outras vezes, ela me emociona, extasia-me até as lágrimas, faz-me reconhecer o ser em todo o existente. O sou, ao ver seu ser nas coisas, ao olhar a si mesmo no mundo, dota as coisas de sentido e o mundo torna-se espelho do ser.

AONDE VOU

Eis-me aqui, tentando me comunicar com você, tentando compartilhar uma experiência que ainda está envolta em intuição. O que me leva a essa aproximação? Será apenas um capricho ou responde a uma necessidade, algo a que estou impelido e não posso deixar de fazer? Escrevo para você, procuro tocar algo em você ou me tranquilizar para senti-lo. Como romper com o que nos separa e nos encontrarmos?

Ainda que pareça que a experiência do ser basta por si mesma e, embora ainda não consiga observar o ato que vai dirigido ao outro, estou impulsionado em direção aos outros. Onde estão os outros? Onde está você, para quem escrevo, sem sequer conhecer, sem saber se estarei vivo quando ler meu escrito? Posso observar as coisas de fora a partir de dentro. Mas, você, onde está?

Os outros são um enigma, todo o enigma da criação sintetizado nesse que tenho diante de mim. O outro existe, existe por si mesmo, não é para mim, não é para me amar ou cuidar de mim ou me satisfazer. Todo tipo de papéis, magias e rituais para atraí-lo, para encantá-lo, para sentir que faz parte da atmosfera que respiro. Esquecido de minha existência, busco que o outro se dê conta de que existo.

Seu corpo está lá e você está dentro de seu corpo. Seu corpo é a matéria com a qual você atua sobre a matéria, mas você ali dentro está em outro espaço ao qual não posso chegar, escavando a matéria. Esse dentro do corpo é o lugar onde você se encontra. Mas, esse dentro não é um espaço físico ou temporal a que posso chegar usando os órgãos de meu corpo.

Todo o fora está repleto desse dentro que se externalizou. Passeio meus olhos por este quarto, pela janela, por cada centímetro do jardim, da rua, do cimento, o ruído de buzina... Eu que não o via em nenhum lugar, agora não posso deixar de encon-

trá-lo, para onde mova meu corpo, encontro. Cada milímetro de minha vida, cada instante de meu tempo e o tenho diante de minha vista – as coisas não são coisas, são materializações do dentro. Por um momento, encontro-o e esse encontro não é um momento qualquer.



O corpo separa o fora e o dentro. A consciência primitiva tenta ultrapassar esse limite, engolindo tudo o que está fora. Mas, fora não é um mundo natural. Fora é a externalização de um dentro, e fora também estão os corpos onde estão o dentro dos outros. Esse reflexo possessivo é um impedimento para nosso encontro. É próprio de um estado de consciência. Assim como a imobilidade do corpo é própria do nível de sono, o reflexo possessivo é próprio do nível de vigília e cumpriu, certamente, sua função na evolução da vida. Algo em mim vai além dessa tendência, não quer engolir o de fora, mas sim extrair de si mesmo uma profundidade que quer se materializar.

Ao tomar consciência de que existo, o outro existe como outro. O outro é a encarnação da liberdade, sua existência me desestabiliza. Nunca estivemos mais perto da unidade e ao mesmo tempo mais conscientes da diferença. Nesta descoberta da própria existência e da existência do outro, a existência torna-se evidente. Há algo novo que existe e começo a reconhecer. Algo novo que existe e está aqui, roçando-nos.

A princípio, por desconhecimento, prefiro negá-la, mas pouco a pouco a consciência do existir se constitui e uma alegria sem aparente motivo acompanha essa visão.

Quando a existência se torna evidente, respondo ao mundo e simultaneamente estou consciente de minha existência. A consciência da existência desperta o olhar interior e este não está identificado com as percepções, mas sim com um centro

interior ou com a própria existência. Nesse lugar, a não existência parece um impossível ou algo que está fora de lugar; algo parece nascer no interior, que não segue o mesmo destino do corpo. Entretanto, o próprio corpo parece ser a temporalidade; o tempo destinado para realizar o sentido. A morte começa a ceder seu poder sobre minha vida e, apesar disso, o tempo com que conto se tinge de sentido. Algo muito importante tem que ser vivido, é necessário dar-lhe existência – deve vir da existência verdadeira a existência temporal.

HUMANIZAR O MUNDO

O ser se translada ao espaço-tempo e esse processo é o de humanização. O traslado do ser, a exteriorização do dentro é a tarefa humana. Quando se produz um bloqueio nessa direção, o processo se inverte. A desumanização começa quando se desconecta a corrente evolutiva do sentido. Quando o impulso evolutivo perde sua direção, o processo degenera. Ao interromper o fluxo do mundo eterno para o mundo temporal, ao bloquear-se o traslado do mundo imaterial para o material, degrada-se a criação e todo o criado vai se corrompendo, produzindo a monstruosidade.

A monstruosidade é o indicador da interrupção da evolução. Qualquer coisa que façamos para que essa corrente criativa retome seu curso produzirá em nós uma tremenda alegria. Uma pequena ação de nossa parte que ajude à vida continuar seu processo de crescimento e de plenitude nos é retribuída com uma felicidade comovente, às vezes desproporcionada para o gesto que realizamos. Talvez estes sejam os tipos de emoções que acompanharão a humanidade no futuro, quando estiver restabelecido o contato com o sentido.

Detido o movimento do ser para o mundo, a tradução que

a consciência faz é a de vazio. Em realidade, o vazio não é experimentável e o que aparece é um horror ao vazio: o temor à solidão e à morte. Esse horror tampouco é suportável e a consciência, que é um transformador de energia e um transportador do sutil ao espaço-tempo, foge de seu espanto. A consciência se perde nos artifícios do sem-sentido.

Por trás desse agitado correr para lugar nenhum está o temor ao nada. O nada não é representável, mas podemos fazer um esforço para fazê-lo aparecer. Vamos dar ao ato temeroso uma representação que o complete. Sua cor é preto ou cinza-nada? Seu aroma é nauseante ou inodoro? Alguém observa ou está diluído no cinza asséptico?

Segundo Henri Bergson, na pergunta “por que o ser e não o nada”, supõe-se que, no princípio, havia o nada e que a aparição do ser é o que requer justificação; é, ele dizia, como se perguntar por um quadrado redondo; as coisas são inversas, é a suposição do nada que não encontra justificativa.

Para Parmênides, o que é é, e o que não é não é, portanto não há pergunta possível que se possa fazer sobre o que não é.

O que há por trás do que me aterroriza? O que existe por trás da fúria? Tentaremos nadar, por um momento, no mar do nada. Esse mar sem ondas e sem sal. Relaxo-me e, ao me distender, afundo, o nada entra por minhas narinas, atravessa minha garganta e me dissolve. A inclinação da onda é horizontal, para sempre. Ouço um pulso na escuridão, o eco de um pulso. Uma imperceptível corrente nas águas quietas, movimento vibratório e estático. Não sei se vou ou algo se aproxima, uma corrente imóvel me leva. Lentamente. Estou me banhando em uma força, agora é uma força de luz clara, o nada se desvaneceu como se nunca houvesse estado ali. Uma corrente de vida e de sentido preenche o espaço. Tento recor-

dar o vazio e não posso, o vazio é um impossível, é o que não existe.

Então está o ser (o sentido), o humano e o mundo. O plano da vida é obter a consciência da vida. Essa consciência em evolução foi capaz de distinguir no interior dela o alvorecer do humano e agora começa a reconhecer sua existência.

O ser humano é o ímpeto que translada o ser para o mundo, por meio da criação. O humano procura refletir o ser e por isso busca a si mesmo. A criação precisa realizar uma sociedade verdadeiramente humana, afastada da violência e do sofrimento, em que o humano possa reconhecer uma imagem do ser. A concretização dessa sociedade é imprescindível para que a força criadora, o humano, agora não somente como consciência da existência, mas também como consciência do ser, continue o caminho para seu destino.

Quando todos e cada um dos seres humanos puderem realizar seu sentido, estará concluída a tarefa humana. Domesticar a natureza foi o primeiro passo e para isso exigiu a utilização da violência – este resíduo pré-histórico deverá ser superado para continuar o desdobramento do ser. O próximo passo é alcançar o estado de sociedade humana, mas isto é um projeto de todos os povos e culturas do mundo. Na tarefa humana, o outro é imprescindível e destruir o outro ou diminuí-lo é destruir ou diminuir a mim mesmo, é degradar o modelo do que deve ser feito. Ao viver em uma sociedade sem rumo, eu mesmo estou à deriva, batendo contra os recifes sem poder chegar ao porto. Faço parte da sociedade e sou responsável pelo que ela faz em meu nome. Portanto, a denúncia de sua violência tem sentido, a não cooperação com sua injustiça tem sentido, a união com outros distintos de mim, com outros costumes e tradições tem sentido para construir a nação humana universal.

O não representável só pode ser representado pela conjunção

de todas as consciências através da história. Enquanto exista um só ser humano impedido por outro ser humano de realizar essa função, o humano não poderá ser realizado.

A consciência individual não pode concretizar por si só o sentido, nem sequer um subconjunto de consciências pode fazê-lo. Todas e cada uma delas são necessárias para concretizar o sentido. Essa necessidade de todos os humanos para manifestar a essência, ou o ser, fundamenta uma moral universal. Porque há um sentido e porque as ações podem me conectar ou me afastar dele é que posso distinguir o bom do mau. A boa ação produz em mim a experiência de sentido, e a necessidade que tenho de realizá-lo, junto com a impossibilidade de fazê-lo sem o resto da humanidade, revela uma moral profunda. O sentido não poderá ser expresso até que cada ser humano possa realizar seu sentido e, portanto, o único projeto moral possível é a superação do sofrimento e da violência. Transformar a si mesmo e transformar o mundo até que tratar os outros como queremos ser tratados, além de ser um princípio orientador, transforme-se em estilo de vida pessoal e em sistema de organização social.



O projeto de uma sociedade humana está ligado a progressos na consciência. A consciência da vida continuará seu desenvolvimento, constituindo-se em consciência de si mesmo, consciência do sentido, até tornar-se consciência social e consciência do ser no mundo.

A história chegou ao momento em que as consciências conseguem sincronizar-se e comunicar-se instantaneamente em todo o globo terrestre e, para além de nossa própria individualidade, nacionalidade, religião ou tradição, fazemos parte da humanidade e é do futuro da humanidade que depende o futuro individual. A humanidade tem que decidir se vai continuar a

evolução e realizar uma sociedade humana, tradução do maravilhoso e digno de sua origem, ou se deterá aqui, degenerando-se em uma monstruosidade incompreensível.

A humanidade não é uma abstração e cada um, no testemunho da própria vida, decide o futuro da humanidade, decidimos em cada ação o destino. A grande crise de hoje deve-se ao fato de que a evolução social se deteve. O desenvolvimento material do mundo não trouxe seu desenvolvimento espiritual. O nível de injustiça e sofrimento aumenta. Algo não funciona e isso provocará uma desordem global que não poderá ser controlada pela violência. A sociedade, apoiada na discriminação, na exploração e na intimidação vai se desintegrando para abrir caminho para uma construção humanizadora. Enquanto isso ocorrer, as desordens aparecerão cada vez mais exageradas, até convencer cada homem e mulher da importância de tomar contato com o sentido da vida e nos recordar de que estamos aqui para construir o modelo de um mundo transcendente.

Assim como não podemos apagar o sol, não podemos apagar o humano, que é inextinguível. Podemos atrasar seu desdobramento na existência, mas sua permanência sobreviverá a qualquer força grotesca que se oponha a ele. O humano ilumina a vida e estamos impulsionados – na realidade, impelidos, obrigados – a realizar o sentido. Chegamos a este mundo para realizar no mundo perecível uma imagem do mundo imortal. Realizar no aqui e no agora o sagrado, e sagradas são a justiça, a bondade e o amor. O humano continuará a criação até contemplá-lo na existência.



EPÍLOGO

À medida que escrevia estas páginas e apareciam diante de mim mundos incompreensíveis e brincava com as palavras para traduzi-las neste texto, fui reconhecendo em muitos de meus amigos experiências muito similares. Embora as palavras de suas descrições não fossem as mesmas que eu usava, algo em seu olhar, na agitação de sua emoção ou na tranquilidade de sua respiração me dizia que estavam experimentando e falando algo parecido com o que eu escrevia. Também nos livros que li durante esse período tive a impressão de reconhecer algo parecido com o que eu estava tentando relatar. Vi-me utilizando expressões sobre o ser que não imaginei que pudesse usar algum dia, já que eram para meu intelecto conceitos muito difíceis.

Como é possível que algo tão íntimo, experiências tão comovedoras e inexpressáveis possam acabar sendo, afinal, lugar comum para tanta gente... Como pode ser que me aventure em uma terra inexplorada e a encontre cheia de turistas, colonizadores, inclusive conhecedores de muitos dos atalhos de seus impenetráveis bosques...

Tudo começou ao colocar em dúvida uma crença. Tudo começou ao duvidar da crença na morte, tão arraigada na atmosfera da época, tingindo o discurso da ciência, da arte e inclusive da religião.

Há sentido na vida e, portanto, nada termina com a morte. Quais são as consequências desta hipótese e quais são as provas de que seja justamente essa hipótese a verdadeira?

Tentando me centrar no que experimentava, discutindo com

meu próprio intelecto que me apresentava aceleradamente teorias sobre os mistérios, busquei o encontro com algo além de mim e, por momentos, em algum torpor, sem prever, pareceu-me haver encontrado aquilo que procurava. Não apenas eu busco o sentido na vida, mas também o Sentido me busca para que o expresse. Caminhando o caminho, o silêncio me leva e então algo muito importante se faz presente. Tão importante que queria entrar nessa comunhão, já sem ter que retornar desse lugar.

Em cada passo, mais me assombrava a precisão das descrições que Silo fazia em *O Olhar Interior*. Logo, pareceu-me que aquilo que em outro momento considerei poesia ou metáfora era simplesmente literalidade interior, exatidão literária para um viajante perdido.

E concluí, então, que meus descobrimentos não eram tais, mas zonas do ser, traduções do sentido às quais todos chegamos quando, sem pressa, percorremos os caminhos internos com a confiança de que nos levarão ao porto.